



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

KARINA ESKILDSEM

**“FORMAÇÃO EM AÇÃO”:**  
CURSOS OFERTADOS PELA SEED/PR NA ÓTICA DE  
PROFESSORES DE CIÊNCIAS

---

LONDRINA  
2021

KARINA ESKILDSEM

**“FORMAÇÃO EM AÇÃO”:**  
CURSOS OFERTADOS PELA SEED/PR NA ÓTICA DE  
PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Mariana A. B. de Andrade

LONDRINA  
2021

## Ficha Catalográfica

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

E75 Eskildsem, Karina.  
"FORMAÇÃO EM AÇÃO": CURSOS OFERTADOS PELA SEED/PR NA  
ÓTICA DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS / Karina Eskildsem. - Londrina,  
2021.  
111 f. : il.

Orientador: Mariana Aparecida Bolonha de Andrade.  
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) -  
Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de  
Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, 2021.  
Inclui bibliografia.

1. Formação Continuada de Professores. Ensino de Ciências. Formação em  
Ação. Estado do Paraná. - Tese. I. Bolonha de Andrade, Mariana Aparecida . II.  
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de  
Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática. III. Título.

CDU 37

KARINA ESKILDSEM

**“FORMAÇÃO EM AÇÃO”:**  
CURSOS OFERTADOS PELA SEED/PR NA ÓTICA DE  
PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Dra. Mariana A. B. de  
Andrade  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Álvaro Lorencini Júnior  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Ronaldo Adriano Ribeiro da Silva –  
UFPA

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Professora Dra. Mariana A. B. de Andrade, minha querida orientadora, muito obrigada por abraçar meu objetivo e guiar meus caminhos, sem dúvidas serei sempre grata pela paciência, disponibilidade e todo conhecimento compartilhado.

Aos professores do PECEM que tanto contribuíram e ensinaram, por todas as dicas, correções e incentivo.

Aos membros da banca examinadora, Professor Dr. Álvaro Lorencini Junior e ao Professor Dr. Ronaldo Adriano Ribeiro da Silva, que tão gentilmente aceitaram participar e colaborar com esta dissertação.

Aos meus “irmãos” e “irmãs” do grupo GEPEC, por cada reunião que tive o prazer de estar com vocês, por me expandirem os horizontes da pesquisa, pelo todo apoio e por estarem sempre dispostos a ajudar.

Clarice Lispector disse que *“Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”*, não vejo melhor frase para iniciar meu agradecimento às minhas amigas de estrada, Ana Paula, Susan, Larissa, Luara e Millene, não só por dividir o pedágio e o combustível, dividir o riso com vocês foi fundamental! Afinal, quem melhor que nós mesmas para rir de tudo que deu errado nesta jornada, mas, que acima de tudo trouxe uma bagagem indescritível. Um agradecimento especial às minhas queridas amigas Ana Paula Zanin que me incentivou a conhecer o programa de mestrado, e a minha “dupla” Nathalia Turke pela parceria em tantos trabalhos, artigos e congressos.

Por fim, agradeço imensamente a minha família pelo apoio incondicional que me deram desde o início, aos meus pais, Mariza e Valkirio e aos meus sogros Geni e Celso por cuidarem das crianças, por compreenderem minha ausência. Ao meu esposo André por sempre me apoiar, por não me deixar desanimar diante do cansaço e estar ao meu lado. As minhas filhas Lívia e Luíza que mesmo tão pequenas sempre compreenderam os momentos que estive distante mesmo estando no quarto ao lado, por silenciarem quando a “mamãe” estava fazendo “tarefa” e principalmente por todo carinho e amor. Dizer que foi difícil não será nenhuma novidade, entretanto, tudo ficou mais fácil ao saber que teria o apoio de vocês.

*“O vento é o mesmo; mas sua resposta é diferente  
em cada folha”*  
Cecília Meireles

Eskildsem, Karina. **“Formação em Ação”**: cursos ofertados pela SEED/PR na ótica de Professores de Ciências. 2021 111 fls. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

## RESUMO

A Formação de Professores é certamente um tema atinente em todos os sistemas escolares. De acordo com a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), a Formação Continuada pressupõe o envolvimento de todos os profissionais da escola, sejam eles: professores, agentes educacionais, equipe pedagógica ou diretiva, com o intuito de promover ações pedagógicas e reflexões sobre os desafios educacionais. Para tanto, apresenta-se uma série de textos legais, informativos, vídeos e outros recursos que subsidiam os trabalhos em cada escola com grupos de estudos, palestras e/ou outros, sobre as temáticas utilizadas nos cursos denominados “Formação em Ação”. A relação existente entre oferta e demanda na Formação Continuada de Professores, bem como suas necessidades e exigências da instituição escolar podem ser supridas com o atual e tradicional curso de formação continuada presencial até então organizado institucionalmente no primeiro e segundo semestre do ano letivo? As incertezas e indagações em torno das formações nos levam a refletir se irão emergir formas de aprendizado aos professores a fim de que estes desenvolvam ações que condizem com a realidade escolar vivenciada. Assim sendo, este trabalho busca analisar e refletir sobre a ótica de Professores de Ciências da SEED ativos no período de 2015 a 2018, se estes compreendem o objetivo destas formações, identificando nestas propostas potencialidades de ação em sua prática docente que articulem pedagogicamente com os desafios de escolas públicas, diante do cenário atual da Formação Continuada de Professores do Paraná.

**Palavras-chave:** Formação Continuada de Professores. Ensino de Ciências. Formação em Ação. Estado do Paraná.

Eskildsem, Karina. "Training in Action": courses offered by SEED / PR from the perspective of Science Teachers. 2021. 111 pages Dissertation (Master in Science Teaching and Mathematical Education) - State University of Londrina, Londrina, 2021 .

### **ABSTRACT**

Teacher Education is certainly a relevant topic in all school systems. According to the Secretary of State for Education of Paraná (SEED), Continuing Education requires the involvement of all school professionals, whether they are: teachers, educational agents, pedagogical staff or directors, in order to promote pedagogical actions and reflections about educational challenges. For that, a series of legal texts, informative texts, videos and other resources are presented that support the work in each school with study groups, lectures and/or others, on the themes used in the courses called "Training in Action". Can the existing relationship between supply and demand in the Continuing Education of Teachers, as well as their needs and requirements of the school institution, be met with the current and traditional on-site continuing education course that was institutionally organized in the first and second semester of the school year? The uncertainties and questions surrounding training lead us to reflect on whether forms of learning will emerge for teachers so that they can develop actions that match the experienced school reality. Therefore, this work seeks to analyze and reflect on the perspective of SEED Science Teachers active in the period from 2015 to 2018, if they understand the objective of these trainings, identifying in these proposals potential action in their teaching practice that pedagogically articulate with the challenges of public schools, given the current scenario of Continuing Teacher Education in Paraná.

Keywords: Continuing Teacher Education. Science teaching. Training in Action. State of Paraná.



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Possuem Pós-graduação.....	40
<b>Gráfico 2</b> – Há quantos anos lecionam para a Seed/PR .....	41
<b>Gráfico 3</b> – C1 Classificação acerca da “Formação em Ação” .....	50
<b>Gráfico 4</b> – C2 Você saberia dizer quem prepara/coordena esses cursos de formação.....	51
<b>Gráfico 5</b> – C3 Você participou dos cursos de Formação Continuada “Formação em Ação” para professores nos anos de 2014 até 2018? .....	52
<b>Gráfico 6</b> – C5.1 Como é realizada a “Formação em Ação” na(s) escola(s) em que você trabalha .....	55
<b>Gráfico 7</b> – C5.2 As propostas ofertadas colaboram com sua prática pedagógica.....	56

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Titulação.....	40
<b>Tabela 2</b> – Detalhamento das características Grupo – 2 (individual).....	42
<b>Tabela 3</b> – Informações sobre a preparação da Formação em Ação .....	43
<b>Tabela 4</b> – NREs e Municípios.....	45
<b>Tabela 5</b> – Quem prepara/coordena os cursos de formação? .....	54
<b>Tabela 6</b> – <i>Subcategorias da categoria C4</i> – Motivo ou objetivo da assiduidade e porcentagem em que a alternativa foi selecionada individualmente.....	53
<b>Tabela 7</b> – <i>Subcategorias da categoria C1</i> – O que os professores indicam ser a formação continuada com exemplos e porcentagem.....	57
<b>Tabela 8</b> – <i>Subcategorias da categoria C 2</i> – Motivação da assiduidade dos professores nas formações ofertadas pela Seed com porcentagem e exemplos.....	59
<b>Tabela 9</b> – <i>Subcategorias da categoria C3</i> – Contribuições da Formação em ação ofertadas aos professores de ciências?.....	60
<b>Tabela 10</b> – <i>Subcategorias da categoria C4</i> – As decisões em sala de aula são reflexos dos anos de experiência ou das formações.....	62
<b>Tabela 11</b> – <i>Subcategorias da categoria C5</i> – Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?.....	63
<b>Tabela 12</b> – <i>Subcategorias da categoria C6</i> – Relações atribuídas à formação continuada e desenvolvimento do trabalho docente.....	64
<b>Tabela 13</b> – <i>Subcategorias da categoria C7</i> – Eficiência do material utilizado durante a “Formação em Ação”.....	65
<b>Tabela 14</b> – <i>Subcategorias da categoria C8</i> – Lacunas deixadas por esse modelo de “Formação” que você pode destacar?.....	66

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2015.....	35
<b>Quadro 2</b> – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2016.....	35
<b>Quadro 3</b> – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2017.....	36
<b>Quadro 4</b> – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2018.....	36

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ATD	Análise Textual Discursiva
CFC	Coordenação de Formação Continuada
DEB	Departamento de Educação Básica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOP	Manual Operativo do Projeto
MEC	Ministério da Educação
NRE	Núcleo Regional de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PTD	Plano de Trabalho Docente
PSS	Processo Seletivo Simplificado
QPM	Quadro Próprio do Magistério
SEED	Secretaria de Educação do Estado do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: E CRESCIMENTO</b>	
<b>PESSOAL.....</b>	<b>17</b>
1.1 O PROFESSOR DE CIÊNCIAS E A FORMAÇÃO EM SERVIÇO.....	20
<b>2. CARACTERIZAÇÃO DA “FORMAÇÃO EM AÇÃO” .....</b>	<b>29</b>
2.1 ANTECEDENTES E CONTEXTO DA “FORMAÇÃO EM AÇÃO”.....	30
2.2 “FORMAÇÃO EM AÇÃO” – COMO OCORRE.....	31
<b>3. PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>38</b>
3.1 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA.....	38
3.2 Os SUJEITOS DA PESQUISA.....	39
3.3 SOBRE A COLETA DE DADOS.....	44
3.4 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS.....	47
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>50</b>
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO GRUPO 1- RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO.....	50
4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO GRUPO 2 - RESULTADOS DA ENTREVISTA.....	57
4.3 METANÁLISE.....	67
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE 1.....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE 2.....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>98</b>

## APRESENTAÇÃO

Baseada em minhas vivências como acadêmica e professora, a formação continuada chamou minha atenção desde o momento em que passei a pertencer ao quadro de professores efetivos da Secretaria de Educação do estado do Paraná, digo isto por ter iniciado minha carreira em instituições particulares que serviram de suporte para o grande desafio que é o ensino público. Sim, considero um desafio, não só pelas questões educacionais, como também sociais, financeiros e principalmente culturais em que os estudantes estão inseridos. Enfim, ao iniciar no ensino público surgiam diversas incertezas, embora eu tenha estudado desde a educação infantil ao ensino médio em escolas públicas não tinha ideia de como era estar do outro lado, de como era ser professora do ensino público estadual. A princípio pensei em desistir, nada parecia funcionar, os alunos eram desmotivados, descomprometidos, a estrutura não me agradava, não tinha e continua não tendo recursos, entre tantas outras coisas, mas eu segui, por teimosia talvez, mas principalmente por querer entender onde está o “erro”. Como mencionei inicialmente, dentre tantas coisas o que mais me incomodou foi à forma que eram realizadas as formações para professores, quais os propósitos, e até mesmo compreender o descontentamento de colegas de trabalho mais antigos em participar das mesmas. Não encontrei inicialmente respostas, e desde então passei a me preparar para participar das formações. Sim, quando digo me preparar era de fato estudar os materiais fornecidos, para meu descontentamento, muitas vezes fui surpreendida por comentário do tipo *“professora nova é assim mesmo”* ou ainda *“quando tiver com vinte anos de carreira quero ver como vai ser”*, comentários estes que apenas me impulsionavam e me levaram a sempre tomar iniciativa na realização das atividades propostas, com o passar do tempo os comentários mudaram, cheguei ao ponto de ouvir *“professora, eu quero ser do seu grupo”*, mas não com intuito em compartilhar ideias e, sim, por saberem que eu desenvolveria as atividades com ou sem a ajuda do grupo.

Após três anos de trabalho, ou seja, após participar de seis formações, outros questionamentos surgiram, e por não ter o padrão fixo em nenhuma instituição, trabalhei em diversas escolas, cheguei a ter cinco escolas em dois municípios durante um ano, enfim, isto me possibilitou contemplar, por exemplo, as metodologias, escolhas dos temas/oficinas, em diversas escolas, bem como outras experiências que serviram de motivação na busca por compreender quais eram os reais objetivos

destas formações, se estavam sendo realizadas como deveriam, se atendiam as expectativas de aprendizagem, entre outras questões. Desde então, em 2018, iniciei esta busca como aluna especial no programa de pós-graduação – mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática na Universidade Estadual de Londrina, passando a ser aluna regular no ano seguinte. Tal busca está longe de ter um fim, entretanto, os estudos e pesquisas que pude realizar até então me trouxeram imensurável contribuição e entendimento.

## INTRODUÇÃO

A Formação Continuada<sup>1</sup>, compreendida pelos diferentes momentos em que o professor já formado enfrenta a realidade escolar com as atividades planejadas pela instituição, pelos próprios professores, atreladas às necessidades sociais, acadêmicas e emocionais dos alunos (FULLER; BROWN, 1975; FEIMAN-NEMSER, 1990) tem como um de seus objetivos o aperfeiçoamento profissional ao longo da carreira docente. Entretanto, sabe-se que em um ambiente escolar são vivenciadas as mais diversas situações e que estas vão além dos conhecimentos adquiridos na formação inicial dos professores. Para Gatti (2008) muitas ações estão interligadas ao termo “*formação continuada*” como: cursos estruturados, as horas de trabalho coletivo na escola, reuniões pedagógicas, congressos, seminários, relações profissionais virtuais, dentre outros.

Entretanto, Candau (1999), defende que a formação continuada tenha como perspectiva um trabalho de flexibilidade. Nas palavras da autora,

[...] a formação continuada não pode ser concebida como um meio de acumulação (de cursos, palestras, seminários, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim, através de um trabalho de refletividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional, em interação mútua (CANDAU, 1999, p. 64).

Em outras palavras, a autora propõe uma formação continuada que tenha como perspectiva um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas, favorecendo uma reconstrução de identidade pessoal e profissional, mas para tal, é necessário considerar não só aspectos psicopedagógicos como também os aspectos técnicos, científicos, políticos, sociais, ideológicos, éticos e culturais. Neste sentido, Pimenta (1996, p. 34) nos diz que “uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições”. Podemos então dizer que a formação continuada deve ser um processo dinâmico, que vá além de encontros esporádicos e possibilite ao professor aperfeiçoar e potencializar o processo de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> (2017/CESPE/SEDF/Professor de Educação Básica) – [...] à formação continuada de professores tem sido entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos].



Muitas vezes, os projetos que oferecem cursos, oficinas, palestras, entre outros, ocorrem em momentos em que os docentes se encontram em hora-atividade<sup>2</sup>, horários contrapostos ao trabalho ou, ainda, em finais de semana, tornando um processo exaustivo e cada vez mais fragmentado. Tais formações ocorrem por meio de deliberações de ações oficiais, envolvendo cumprimentos burocráticos apresentando pouco ou nenhuma participação de professores em seu desenvolvimento, fazendo com que ocorra um distanciamento entre a prática e teoria, não levando em consideração a necessidade vivenciada em cada comunidade escolar, tão pouco promovendo as áreas de atuação dos professores.

Além dos aspectos gerais da formação de professores, há a necessidade de se relacionar com a área de conhecimento a que os docentes irão ensinar seus alunos. Tal aspecto, ou saberes, como denominado por Tardif (2002), não deve ser compreendido em nível superior aos outros, mas sim permear a formação, potencializando o ensino e a aprendizagem. Neste sentido, neste trabalho, cabe também compreender o que se entende em relação ao Ensino de Ciências. Amaral (2005) relata que no Ensino de Ciências, além da construção de conteúdo conceitual (conceitos e fatos), busca-se o desenvolvimento de atitudes científicas, habilidades e competências, que só podem ser conseguidas através de uma orientação adequada e consciente, de modo que o Ensino de Ciências faça sentido para o aluno. O mesmo autor ainda complementa que desvelar a Ciência parece implicar a abordagem de outras dimensões, como:

[...] não apenas revelar seus raciocínios e procedimentos mais típicos, como também mostrar as relações dos mesmos com o senso comum, [...] trata-se, pois, de apresentar a ciência como atividade humana, similar a tantas outras, com seus poderes e fragilidades, sucessos e insucessos, suas ambiguidades e incertezas, além de sua responsabilidade social e ética (AMARAL 2005, p. 86).

Segundo Amaral (2005), o Ensino de Ciências não pode ser limitado em mera transmissão de conteúdo, muito menos caracterizado como uma ciência acabada e que segue uma “receita” sem quaisquer articulações metodológicas ou didáticas, ou seja, é necessário apresentar uma proposta de formação continuada e esta deve ser embasada nas necessidades do professor proporcionando uma articulação entre

---

<sup>2</sup> Segundo o *site* da Secretaria da Educação (SEED/PR), a hora-atividade é um período da carga horária dos professores dedicado a atividades fora da sala de aula, que incluem planejamento, estudo e discussões voltadas para a constante melhoria da prática pedagógica.

teoria e prática, ressaltando a importância da teoria não só para a reflexão sobre novas possibilidades de conhecimento como para uma análise e melhora da própria prática.

Assim, esta pesquisa apresenta como questões norteadoras:

1 – Em quais aspectos a Formação Continuada presencial dos Professores de Ciências do Estado do Paraná favorece o desenvolvimento profissional dos Professores de Ciências?

2 – De que modo a atual proposta de formação oportuniza aos docentes engajamentos sobre a prática pedagógica.

Em função disto, esta pesquisa apresenta como objetivo geral:

- Analisar a visão dos professores de ciências do estado do Paraná acerca da formação continuada de professores proposta pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (SEED/PR);

Tendo como objetivos específicos:

- Analisar as concepções de professores de diversas regiões pertencentes a distintos Núcleos Regionais de Educação do Paraná (NRE) acerca da formação ofertada pela SEED/PR de forma holística e sistemática utilizando questionário online;
- Diagnosticar as reflexões de um grupo de professores por meio de entrevista numa visão direcionada acerca da formação de professores pertencentes ao NRE de Apucarana/PR.

Sendo assim, esta dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos, sendo que no primeiro capítulo encontra-se a fundamentação teórica, que está subdividida em: (1) Formação Continuada de Professores: o crescimento profissional; (1.1) O Professor de Ciências e a Formação em Serviço. No segundo capítulo encontra-se, (2) Caracterização da “Formação em Ação”; (2.1) Contextos e Antecedentes da Formação em Ação; (2.2) Formação em Ação: como ocorre. Em sequência, o terceiro capítulo está dividido em: (3) Percurso Metodológico; (3.1) Análise Textual Discursiva; (3.2) Os sujeitos da Pesquisa; (3.3) Coleta de Dados; (3.4) Apresentação e Organização dos dados. O quarto capítulo é composto por (4) Resultados; (4.1) Apresentação dos Dados do Grupo 1 - Questionário; (4.2) Apresentação dos Dados do Grupo 2 - Entrevista e (4.3) Metanálise. Por fim, no quinto e último capítulo, encontram-se as Considerações Finais, seguido das Referências Bibliográficas, Apêndices e Anexos – com a transcrição na íntegra das entrevistas realizadas.

## CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Proporcionando não só a aprendizagem, a escola é um espaço de convivência e socialização, sendo também responsável por confrontar o diálogo entre os conhecimentos sistematizados e os construídos no cotidiano popular, possibilitando a formação de cidadãos capazes de ler, compreender e de expressar suas opiniões sobre diferentes assuntos, inclusive os de ordem científica e tecnológica. Entretanto, neste mesmo cenário, busca-se também aprimorar os conhecimentos por meio de trocas de experiências, reuniões, cursos e outras atividades denominadas como Formação Continuada de Professores, vista como elemento fundamental no processo ensino e aprendizagem, pois é essa formação que possibilita um parâmetro formativo auxiliar que responda aos atuais desafios e demandas apresentadas pela educação.

Libâneo *et al.* (2003) argumentam que:

A formação continuada refere-se a: a) ações de formação durante a jornada de trabalho, ajuda a professores iniciantes, participação no projeto pedagógico das escolas, reuniões de trabalho para discutir a prática com colegas, pesquisas, minicursos de atualização, estudos de caso, conselhos de classe, programas de educação a distância etc.; b) ações de formação fora da jornada de trabalho – cursos, encontros e palestras promovidos pelas Secretarias de Educação ou por uma rede de escolas. A formação continuada é a garantia do desenvolvimento profissional permanente. Ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação das experiências dos professores. É responsabilidade da instituição, mas também do próprio professor. O desenvolvimento pessoal requer que o professor tome para si a responsabilidade com a própria formação, no contexto da instituição escolar (LIBÂNEO, OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 388-389).

Contudo, cumprir com esse propósito vem se tornando uma tarefa cada vez mais complexa, considerando os diversos fatores, como os de dimensão sociocultural, política e histórica, que interferem intensamente no contexto escolar e afligem, sobremaneira, os profissionais da educação, assim como enfatizado por Sacristán *et al.* (1998), ao pressupor que o ensino seja “uma atividade complexa, e que se desenvolve em cenários singulares, claramente determinados pelo contexto, com resultados em grande parte imprevisíveis e carregados de conflitos de valor, que requerem opções éticas e políticas” (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 363).

Nesta perspectiva, Garcia (2009a) aponta que: “O desenvolvimento profissional docente é um processo em longo prazo, que integra diferentes tipos de oportunidades e de experiências, planejadas sistematicamente, de forma a promover o crescimento e desenvolvimento profissional dos professores” (GARCIA, 2009a, p. 17).

Nota-se que há tempos vem sendo discutida a necessidade de articular prática e teoria na formação continuada de professores, e que, apesar dos avanços, na prática, a dicotomia entre elas ainda se mantém. Segundo Gatti *et al.* (2011), cada vez mais os professores trabalham em uma situação em que a distância entre a idealização da profissão e a realidade de trabalho tende a aumentar, em razão da complexidade e da multiplicidade de tarefas que são chamados a cumprir nas escolas, e que cada vez mais esse(a) profissional deve estar preparado(a) para exercer uma prática contextualizada, atenta às especificidades do momento, à cultura local, ao alunado diverso em sua trajetória de vida e expectativas escolares (GATTI; BARRETO; ANDRE, 2011, p. 199). Neste sentido, Chaves (2014) salienta que atualmente não se deve mais limitar a existência ou não de formação, mas sim sobre o modo como se efetivam esses processos de formação e estudos. O autor ainda afirma que,

[...] um dos maiores desafios apresentados aos educadores neste momento é reavaliar as práticas educativas efetuadas nas unidades escolares, as quais em nada são facilitadas, dando o esforço contínuo do sistema capitalista para secundarizar o conhecimento, o que, de certa forma, pode se concretizar, se não atribuímos a devida atenção e importância à formação de professores e, particularmente, se não oferecermos a estes o espaço de atuação em favor da educação emancipadora, que é a formação continuada (CHAVES, 2014, p. 199).

Esse novo contexto de mudanças no qual a escola está inserida exige um profissional com atitude investigativa para lidar com as situações que se apresentam. O momento necessita de um professor com formação e perfil diferentes dos apresentados décadas atrás. Para Tardif (2002, p. 39), “o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina, seu programa, além de possuir conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos”. Neste sentido, a formação continuada deve promover o engajamento dos profissionais da educação em processos de aprimoramento que lhes permitam estar sempre bem informados e atualizados sobre as novas tendências educacionais, além de permitir que os

educadores agreguem conhecimentos que gerem transformações e impactos positivos no contexto escolar. Para Giroux (1997), em um sentido mais amplo, estima-se que o professor desenvolva o discurso da linguagem crítica e da linguagem da possibilidade, de forma a reconhecer que pode promover mudanças. A formação de professores assume grande importância na implantação de propostas pedagógicas inovadoras, que implicam divergir a percepção sobre o conhecimento, orientando para a renovação das práticas no processo de ensino e aprendizagem (GIROUX, 1997, p. 163). Assim como afirmado por Nóvoa (1992a):

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de (auto)formação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1992a, p. 25).

Vivemos em tempos de constante mudança, e uma das principais mudanças que se espera é a profissionalidade docente. Gatti (2008) relata que com a multiplicação da oferta de propostas de educação continuada, apareceram preocupações quanto à “criteriosidade”, validade e eficácia desses cursos. Assim sendo, é preciso compreender os desafios do conhecimento de nosso tempo, bem como do conhecimento de ciência e cultura, toda a sua riqueza e complexidade dentro da diversidade de realidade escolar, ou ainda, como aponta Imbernón (2011, p.19) “a formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para conviver com a incerteza”. Em outras palavras, Imbernón (2011) externa a necessidade de preparar o professor na mudança e para a mudança, ampliando o desenvolvimento de capacidades pautadas na reflexão e nos valores de colaboração, bem como no compartilhamento do conhecimento por meio do protagonismo coletivo.

Seguindo os parâmetros de políticas docentes no Brasil (Lei 9394/96 – LDBEN), a mudança das representações e das práticas, da cultura da escola, enfim, está intimamente ligada ao processo que permite aflorar a identidade docente, assim como há também um certo apelo ao trabalho solidário para fazer frente aos novos desafios da profissão, e que os processos de formação continuada para a

implementação do currículo passam a ser uma exigência que decorre naturalmente dessa concepção de atuação profissional. Gatti (2011), acredita que o professor precisa se reinventar para atender à demanda desse novo modelo, mesclando assuntos cotidianos a assuntos previstos nos currículos de base (GATTI. 2011, p. 44). Nesse contexto, os professores são compreendidos como sujeitos em constante desenvolvimento, que produzem saberes a partir da sua experiência, da sua prática, pautando-se numa realidade complexa em que é constantemente desafiado a formular respostas para os problemas cotidianos do ensino,

[...] a Formação Continuada deve propiciar atualizações, aprofundamento das temáticas educacionais e apoia-se numa reflexão sobre a prática educativa, promovendo um processo constante de autoavaliação que oriente a construção contínua de competências profissionais. Porém, um processo reflexivo exige predisposição a um questionamento crítico da intervenção educativa e uma análise da prática na perspectiva de seus pressupostos. Isso supõe que a formação continuada estenda-se às capacidades e atitudes e problematize os valores e as concepções de cada professor e da equipe (BRASIL, 1999, p. 70).

Para tanto, Nóvoa (2002) assegura que a formação continuada de professores deve abordar três eixos estratégicos: a pessoa, o profissional e a instituição:

[...] investir na pessoa e dar um estatuto aos saberes da experiência é fundamental em todo processo educacional pela compreensão de que a “formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal (NÓVOA, 2002, p. 57).

Ressaltando os estudos sobre formação, Alarcão (2011) afirma que a prática, a identidade e a profissionalidade docente crescem e passam a compor uma rede complexa de informações e que os professores precisam urgentemente se (re)contextualizarem na sua identidade e responsabilidade profissional. Para este trabalho, a investigação será direcionada para discussões da formação continuada de professores de ciências. Nesse sentido, procuramos no próximo item relacionar os aspectos da formação ao trabalho dos professores que ensinam ciências.

## 1.1 O PROFESSOR DE CIÊNCIAS E A FORMAÇÃO EM SERVIÇO

Um dos fatores que contribuiu para o desenvolvimento de muitos cursos de formação continuada em serviço no Brasil foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de dezembro de 1996 (BRASIL, 1999a), que garante as ações desse tipo de formação em seu artigo 67.

Art. 67 – Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive, nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:

II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim;

V – período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho;

VI – condições adequadas de trabalho (Referenciais para a Formação de Professores – Brasil, 1999a, p. 131).

Vale destacar que, com o propósito de atender à exigência legal da LDB de formação inicial em nível superior e de formação continuada, segundo Gatti *et al.* (2011), em pouco menos de uma década, o governo federal desenvolveu várias iniciativas visando à articulação das políticas de formação docente no País. Atualmente, a formação docente encontra-se em um período de transição, com publicação das Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial de Professores e a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores (BRASIL, 2019). A formação continuada de professores ainda não possui indicativos ou diretrizes que se baseiem na BNCC, porém, como indica Selles (2018) e Hypolito (2019), nota-se a tendência cada vez mais de que profissionais com qualquer formação poderão ser professores.

O debate em torno da formação docente tem estado tanto nos movimentos educacionais quanto nas pesquisas acadêmicas, permeando entre formação inicial, continuada e formação em serviço, e a necessidade de ressignificação. Autores como Nóvoa (1992a), Tardif (2002), Souza (2007) e Pimenta (2000), são alguns dos pesquisadores que apresentam diversos trabalhos, cujo enfoque é a formação continuada. Estes autores relatam que muitas destas formações ocorrem na forma de cursos, seminários e simpósios, e que grande parte é desconexa com a realidade vivenciada, dificultando mudanças significativas em sala de aula, devido ao distanciamento entre a prática vivida e a teoria exposta, ou seja, não há articulação

teórico-metodológica. Kramer (2002, p. 29) afirma que o acúmulo de informações advindas de cursos, oficinas, encontros e outros, não tem sido eficaz em levar o professor a refletir e, conseqüentemente, renovar a sua prática, argumentando que este esquema tradicional de formação encara o professor como alguém que tem pouco a dar, mas que, por outro lado, tem muito a aprender.

Tardif (2002, p. 249) ressalta que, tanto em suas bases teóricas quanto em suas conseqüências práticas, os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada, entretanto, muitas vezes, as escolas são desprovidas de ferramentas que auxiliem na aprendizagem dos alunos, essencialmente no ensino público. Gil-Pérez (1996), ao examinar a formação do professor de Ciências no contexto ibero-americano, contribuiu para refletir sobre as limitações e necessidades na formação inicial e continuada, afirmando:

[...] começam-se a questionar as visões simplistas sobre a formação dos professores de Ciências e a compreender a necessidade de uma preparação rigorosa para garantir uma docência de qualidade. Isso não é possível, obviamente, no tempo necessariamente limitado da formação inicial: as exigências de formação são tão grandes que procurar cumpri-las no período inicial conduziria ou a uma duração absurda ou a um tratamento superficial. Por outro lado, muitos dos problemas do processo ensino-aprendizagem não adquirem sentido até que o professor os tenha enfrentado em sua própria prática. Por tudo isso, a formação dos professores tende cada vez mais a apoiar-se em uma formação inicial relativamente breve (a duração habitual de uma licenciatura) e em uma estrutura de formação permanente dos professores em serviço (GIL-PÉREZ, 1996, p. 73).

É notório que as aulas expositivas centradas no professor e na memorização de conteúdos são frequentes, entretanto, não têm alcançado os alunos que por sua vez apresentam-se cada vez mais desmotivados e desinteressados. Freire (1997, p. 47), dizia que o “ensinar não se limita apenas em transferir conhecimento”, ou seja, fica evidente que é preciso também que haja um desenvolvimento consciente, que aponte formas de compreender a educação e que esta compreensão venha a intervir na realidade do professorado. Neste aspecto, entende-se que a formação do professor é indispensável para a prática educativa, sendo a formação continuada um



processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas em sua rotina de trabalho e em seu cotidiano escolar. Segundo Gauthier *et al.*, (2006, p. 20-21)

[...] pensar que ensinar consiste apenas em transmitir um conteúdo a um grupo de alunos é reduzir uma atividade tão complexa quanto o ensino a uma única dimensão, aquela que é mais evidente, mas é, sobretudo, negar-se a refletir de forma mais profunda sobre a natureza desse ofício e dos outros saberes que lhe são necessários. Numa palavra, o saber do *magister* não se resume apenas ao conhecimento da matéria.

Entende-se que os processos de formação hoje aplicados pouco contribuem para que os professores possam rever suas práticas pedagógicas, restringindo também as possibilidades de mudanças em seu processo de ensino. Para Souza (2007), os modelos de educação continuada se restringem à certificação, sem maiores contribuições que possibilitem a tomada de decisões e de mudança no âmbito educacional. Neste sentido, Nóvoa (2000) declara ser necessário discutir, do ponto de vista metodológico, como deve ser o processo de formação continuada do professor, bem como encontrar suporte para realizar as propostas apresentadas, considerando que os indivíduos são únicos e possuem necessidades de aprendizagem diferenciadas. Outro ponto importante, segundo o mesmo autor, gira em torno da aplicabilidade das metodologias propostas, pois, em grande parte, estas não beneficiam todas as escolas em virtude da estrutura ou ainda do perfil socioeconômico dos alunos, ou seja, tais práticas precisam assumir frente aos problemas das teorias e metodologias envolvidas no processo de formação continuada do professor, que em diversas situações não viabilizam meios em executar suas atividades ou ainda obterem sucesso ao realizá-las.

Admite-se que a formação continuada do professor de ciências ocorre durante todo o seu desenvolvimento como profissional. Garcia (2009) certifica que, mesmo sendo marcada por fases diferenciadas, a formação continuada precisa estar articulada a certos princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns, consolidando um processo coerente de constante aperfeiçoamento. Neste sentido, Carvalho e Gil-Pérez (2011) expõem que cabe ao “professor questionar as visões de ciências que são trabalhadas de forma repetitiva, dogmática e acrítica, para romper com as abordagens simplistas de senso comum acerca do seu ensino” (CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011, p. 18-20). Pimenta (2000) atribui que a formação continuada vem de encontro às carências dos docentes no exercício de sua prática que não foram

primeiramente atendidas pela formação inicial, sendo, portanto, um processo contínuo, evolutivo e progressivo, dos seus conhecimentos. A autora complementa que, em alguns casos, os currículos para as formações de professores são realizados de forma superficial, de modo a não atender às demandas necessárias para a formação docente frente à realidade social, cultural e financeira,

[...] a formação continuada deve considerar as necessidades dos professores em sua estruturação e execução, levando em conta que a melhoria do processo de ensino e aprendizagem ocorre, principalmente, por intermédio da ação educativa dos docentes (PIMENTA, 2000, p. 16).

Em concordância apresentamos Nóvoa (2009), que salienta:

[...] insisto na necessidade de devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão. Enquanto forem apenas injunções do exterior, serão pobres as mudanças que terão lugar no interior do campo profissional docente (NÓVOA, 2009, p. 23).

Em um breve levantamento cronológico é possível compreender melhor a problemática em torno da formação continuada. Desde o final da década de 80 e início da década de 90, no intuito de reiterar a necessidade de busca por novas alternativas, enfatizou-se bastante a formação do professor em serviço evidenciando autores como: KRAMER, 1989; MEDIANO, 1992, 1998; SILVA E FRADE, 1997, com argumentos de que as formações das quais os professores participavam não eram satisfatórias para que houvesse melhoria da qualidade do ensino, sendo necessário que eles participassem de forma ativa da construção coletiva do saber, ou seja, reivindicando que a formação continuada fosse realizada no ambiente de trabalho, através da reflexão contínua sobre sua prática vivenciada. Assim, na medida em que a concepção de formação continuada em serviço foi adquirindo funções e papéis diferenciados, os termos acima foram sendo substituídos por outros de significados mais abrangentes como: desenvolvimento profissional (NÓVOA, 1991), professor reflexivo (SCHÖN, 1987, 1992, 1995), professor-pesquisador (ZEICHNER, 1998), entre outros, favorecendo uma formação continuada mais sagaz, estimulando ainda mais as discussões sobre formação continuada nos anos 90.

Em 1998, o Ministério da Educação – MEC (BRASIL, 2009a) procurou identificar modalidades de formação continuada de professores que permitissem a

implementação adequada dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Essa iniciativa resultou na proposta de uma nova estratégia para a formação docente, pautada em competências, denominada como Parâmetros Curriculares em Ação. Atualmente, as secretarias de Educação parecem partir da premissa de que a formação continuada permite assegurar melhor desempenho dos profissionais em exercício nas redes públicas de ensino, suprindo as lacunas que os professores apresentam desde a sua formação inicial, tanto em termos de conhecimento teórico como de estratégias pedagógicas. Este pensamento levou a formação continuada a assumir caráter compensatório. Sucintamente,

[...] muitas das iniciativas públicas de formação continuada no setor educacional adquiriram, então, a feição de programas compensatórios e não propriamente de atualização e aprofundamento em avanços do conhecimento, sendo realizados com a finalidade de suprir aspectos da má-formação anterior, alterando o propósito inicial dessa educação posto nas discussões internacionais, que seria o aprimoramento de profissionais nos avanços, renovações e inovações de suas áreas, dando sustentação à sua criatividade pessoal e à de grupos profissionais, em função dos rearranjos nas produções científicas, técnicas e culturais (GATTI, 2008 p. 58).

Selles (2002) caracteriza como formação continuada aquela que busca primordialmente a aquisição de competências escolares que habilitam os professores ao exercício da profissão, enquanto a formação continuada em serviço diz respeito à valorização da prática docente como a única possibilidade de êxito do professor aplicar criativamente a racionalidade técnica obtida. Aos professores de Ciências, Selles (2002) realizou um importante estudo sobre um projeto de formação continuada para o desenvolvimento profissional desses professores, no qual discute diferentes dimensões desse desenvolvimento, destacando seus indicadores. Na visão desta autora, “os programas de formação continuada devem ser baseados em dois eixos: (i) pedagógico, para possibilitar a atualização e ampliação do conhecimento científico-educacional; e (ii) político-profissional, para a elaboração de estratégias que propiciem a reformulação das condições da profissão docente” (SELLES, 2002, p. 13). Nas palavras da autora:

[...] à formação continuada de professores de Ciências e conseqüente enriquecimento de sua ação docente desloca-se a partir de duas necessidades básicas: num polo encontra-se a necessidade de atualizar e ampliar os conhecimentos científicos, num mundo em constante e rápida transformação científico-tecnológica; em outro,

situa-se a necessidade de informação e envolvimento na discussão sobre as questões educacionais, uma vez que não é possível conceber um ensino de Ciências isolado do contexto educacional. Complementam estes dois eixos, um conjunto de subsídios teórico-metodológicos capazes de auxiliar a ação do professor na sala de aula e dentro da escola, na execução de trabalhos com seus parceiros institucionais. Este conjunto de componentes, que deve fazer parte da agenda mínima de programas de formação continuada, representa o que chamamos a base pedagógica do desenvolvimento profissional docente. É impossível tentar avançar na direção de uma plenitude na profissão sem que o professor esteja de posse deste instrumental básico para seu exercício diário. Reconhecer que o desenvolvimento profissional docente é um processo continuado, recorrente e inacabado, requer ações de efeito imediato e outras de longo prazo (SELLES, 2002, p. 14).

Ainda sobre a formação continuada de professores de Ciências, Trivelato (2003) parte da premissa de que “tanto os alunos quanto os professores aprendem quando reconstróem ou reestruturam seus conhecimentos anteriores e que esse processo só se efetua quando é desencadeado por uma pergunta genuína ou por um problema de investigação” (TRIVELATO, 2003, p. 63). A autora expõe três importantes condições para a aprendizagem:

[...] a contextualização dos conteúdos, e seu tratamento a partir da proposição de situações problemáticas; o trabalho cooperativo entre os integrantes de um grupo; a contribuição de diferentes áreas do conhecimento para melhor aproximação da realidade são aspectos que, mais uma vez, demonstraram ser significativos no processo de aprendizagem (TRIVELATO, 2003, p. 82).

Reiterando, a formação continuada dos professores de Ciências necessita de autonomia dos docentes, de forma que ocorra integração teórico-metodológica, reflexão e trabalho em equipe. Embora os estudos e debates sobre o tema não sejam recentes, ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

Tardif (2002) considera fundamental à profissão os saberes da experiência, que são produzidos pelos docentes com base no cotidiano da própria prática docente. Nas palavras do autor, “são saberes práticos que os docentes incorporam automaticamente à sua experiência individual e coletiva, transformando-os em habilidades de saber-fazer e de saber-ser” (TARDIF, 2002, p. 39). O autor ainda ressalta que os docentes precisam de qualificação, tanto na área pedagógica como nos campos específicos do conhecimento, e que isso implica em garantir ao profissional um conhecimento básico para a sua atuação no âmbito escolar, pois a

aprendizagem ocorre quando, por meio de uma experiência, mudamos nosso conhecimento anterior sobre uma ideia, comportamento ou conceito. Nesse sentido, busca-se sempre adquirir conhecimentos, seja através de uma graduação, pós-graduação, seminários, palestras, encontros pedagógicos, enfim, todos os cursos que venham contribuir para a formação pessoal e profissional.

Dentre as atividades de formação em serviço, tem longa tradição a oferta de cursos aos professores, os quais, da forma como muitos são desenvolvidos, percebe-se proximidade com o conceito de “aperfeiçoamento”, não favorecendo uma aproximação reflexiva com a prática docente. É necessário que os docentes sejam capazes de refletir sobre seu trabalho através de autoavaliação, apresentando criticidade e, acima de tudo, buscando, de forma contínua e coletiva, estratégias que permitam não somente seu crescimento profissional, mas sim que os tornem protagonistas de suas formações, assim como exposto por Nunes (2001, p. 30):

[...] resgatar a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de autoformação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada. Assim seus saberes vão se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Essa tendência reflexiva vem se apresentando como um novo paradigma na formação de professores, sedimentando uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares.

Desta forma, tanto a formação continuada de professores em serviço como a formação dos professores de Ciências, evidenciam a necessidade de transportar a fase de identificar problemas e “receitar” soluções. Os cursos de formação devem abordar ações concretas e projetos efetivamente implantados a partir de suas propostas curriculares, atentando para a realidade escolar. Nóvoa (1999) argumenta que, o que se espera, não é uma colegialidade artificial, uma colegialidade imposta que alicerça os nossos sistemas de ensino. Apesar de tantas propostas de mudanças, a realidade escolar ainda aponta que “tem faltado ao professorado uma dimensão coletiva, não no sentido corporativo, mas na perspectiva da colegialidade docente” (Nóvoa, 1999, p. 12). Em outras palavras, ter a intenção de propor novas estratégias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais para contribuir com mudanças que se fazem necessárias para a melhoria da qualidade do ensino e da ação pedagógica no contexto escolar, assim como fundamentado por Imbernón (2010), ao defender uma política de formação continuada que trabalhe a partir do

contexto escolar, da realidade onde a escola está inserida, uma proposta, portanto, realizada a partir de princípios coletivos, pautados no diálogo, no debate, no consenso, em um clima afetivo que favoreça o trabalho colaborativo. O autor também expõe que a mudança no futuro da formação continuada em serviço deve estar na condição de que os professores assumam ser sujeitos da formação, compartilhando seus significados, desenvolvendo uma identidade profissional.

[...] a profissão docente tem sua parte de individualidade, mas também necessita de uma parte colaborativa. Educar na infância e na adolescência requer um grupo de pessoas (para não mencionar a famosa frase indígena “necessita de todo um povo para ser educado”). Portanto, a formação continuada, para desenvolver processos conjuntos e romper com o isolamento e não comunicação dos professores, deve levar em conta a formação colaborativa (IMBERNÓN, 2010, p. 63).

Os pesquisadores acima mencionados apresentam argumentos que estabelecem a necessidade de introduzir novas perspectivas e condições que implementem a formação continuada, oferecendo bases que envolvam o conhecimento pedagógico, não se abstendo de situações recorrentes do ambiente escolar.

Pressupondo o envolvimento de todos os profissionais da escola (professores, agentes educacionais, equipe pedagógica e diretiva) e objetivando promover ações pedagógicas e reflexões sobre os desafios educacionais, a formação continuada no estado do Paraná almeja resultados positivos através de oficinas denominada como “Formação em Ação”.

## CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DA “FORMAÇÃO EM AÇÃO”

Considerando que este trabalho foi desenvolvido com professores de Ciências da rede pública do Estado do Paraná, acreditamos ser importante apresentar a proposta de formação continuada, à qual tais professores devem participar. Tal proposta é denominada Formação em Ação e é oferecida a todos os professores da rede pública de Ensino do Estado do Paraná.

Segundo o *site* “Dia a dia Educação” (<http://www.diaadia.pr.gov.br/>), a Formação Continuada do estado do Paraná, também chamada de “Formação em Ação”, é um programa de formação anual dividido em duas etapas, sendo a primeira desenvolvida no primeiro semestre e a segunda no segundo semestre, composto por ações descentralizadas que ocorrem nas escolas e tem como proposta a promoção da formação continuada, através da aplicação de oficinas que abordam conteúdos curriculares e específicos da demanda regional. Consta ainda no *site* que a Formação Continuada ingressou no Brasil e tomou forma a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996), que visa a valorização dos profissionais da educação, assim como uma política para o magistério de melhor qualidade. O art. 64 da LDB assegura a formação continuada a todos os profissionais que prestam serviço a qualquer rede de ensino, pois possibilita o crescimento profissional dos professores, que articulam suas ações em projetos de ensino em diferentes instituições para melhorar a educação no país, tendo como principal objetivo o de adaptar a formação dos professores aos novos tempos e às novas demandas educacionais, sendo a SEED (Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná) o órgão responsável pela elaboração do programa e distribuição do material didático-pedagógico aos professores, contendo roteiro de ações desenvolvidos pela própria Secretaria de Educação, cuja proposta é promover a formação continuada através de conteúdos curriculares e específicos da demanda regional, onde a equipe pedagógica da escola deve optar por oficinas que atendam às necessidades de sua escola e de sua equipe, dividindo-os em dois grupos, distribuídos em Agentes Educacionais<sup>3</sup> I e II, Professores, Pedagogos e Diretores. Neste sentido, a

---

<sup>3</sup> Segundo a SEED/PR - Entende-se por Agente Educacional I os profissionais que ocupam cargos responsáveis por: I – manutenção de infraestrutura escolar e preservação do meio ambiente; II- alimentação escolar; III – interação com o educando. Entende-se por Agente Educacional II os profissionais que ocupam cargos responsáveis por: I- administração escolar; II – operação de multimeios escolares (biblioteca, laboratórios de informática, química, biologia).

participação nas reuniões de formações é de caráter obrigatório e constam em calendário escolar anual, refletindo em prejuízos financeiros aos que não cumprirem com o calendário.

## 2.1 ANTECEDENTES E CONTEXTO DA “FORMAÇÃO EM AÇÃO”

Na busca pela compreensão dos caminhos percorridos pela formação de professores do estado do Paraná, faço aqui uma breve resenha de fatos documentados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), precisamente no volume 4 do Projeto Multissensorial para o desenvolvimento do Paraná / Manual Operativo do Projeto (MOP, 2014).

Segundo as informações apresentadas pelo MOP (2014), o programa Formação em Ação tem como propósito a adequada capacitação e formação continuada, além do desafio de suprir a deficiência de abordagem e competências, seja em relação ao uso de ferramentas de ensino-aprendizagem com a proposta pedagógica de cada disciplina, seja ao uso de novas tecnologias (MOP – 2014, v. 4, p.39), tal proposta apresenta uma estrutura operacional formada por dois componentes: - Componente 1: Formação teórico-prática dos professores e técnicos da Educação, por meio de oficinas (foco desta pesquisa) e - Componente 2: Formação teórico-prática dos professores, envolvendo as ações do Programa de Desenvolvimento da Educação (PDE).

No ano de 2007, a SEED passou a ofertar a modalidade de formação continuada através de oficinas, disponibilizando-as para todas as disciplinas, no formato de cursos itinerantes e oferecido aos 32 Núcleos Regionais da Educação (NREs), esta ação veio em resposta a simpósios de grande porte que foram realizados nos anos de 2005 e 2006 em todas as disciplinas. Tal simpósio reuniu grande número de professores em Faxinal do Céu (centro de realização de eventos de grande porte, perto da cidade de Guarapuava – região centro-sul do Paraná, com infraestrutura necessária para atender à capacitação em grande escala), também em Curitiba/PR e Foz do Iguaçu/PR. Entretanto, apesar de os professores participarem positivamente desta modalidade de formação continuada, percebeu-se que não poderia ser a única opção ofertada nas diversas disciplinas, pois ela não atingia a todos os profissionais, já que muitos, por motivos particulares ou mesmo de trabalho,



não podiam ficar dias fora de sua cidade, além da dispersão da informação, em consequência da grande quantidade de participantes (MOP – 2014, v. 4, p.42).

Nos dois primeiros anos as oficinas tiveram como docentes os profissionais que trabalhavam no Departamento de Educação Básica (DEB), entretanto, para que houvesse o cumprimento da proposta de Política Educacional, era necessário o deslocamento da equipe técnica da SEED para os diferentes NREs, onde eram então atendidas as diversas áreas do conhecimento. Tais docentes não só aprofundavam seus conhecimentos teóricos e baseavam-se na revisão conceitual das Diretrizes Curriculares do Estado, na troca de experiências entre os professores, na produção de novos saberes e de materiais didático-pedagógicos, como também a socialização do conhecimento, com apoio da tecnologia na formação de grupos de trabalho (MOP – 2014, v. 4).

O Projeto Multissensorial do Estado do Paraná (MOP – 2014, v. 4) traz também que no ano de 2007 participaram dos eventos de “Disseminação da Política Curricular e de Gestão Escolar da SEED/PR”, 23.029 profissionais em 22 NREs, com conteúdo e metodologias voltados à prática de sala de aula e embasados nas Diretrizes Curriculares, e no ano seguinte, em 2008, foi realizado o evento de disseminação nos 10 NREs restantes, dos quais participaram 23.675 profissionais.

A partir do ano de 2009, técnicos dos NREs (local) e professores em sala de aula passaram a ser os docentes das oficinas nos eventos de disseminação. Neste mesmo ano, ocorreu a inclusão dos demais profissionais das escolas: agentes educacionais, inspetores, merendeiras, entre outros, com oficinas voltadas especificamente a eles. Devido a isto, o número de participantes aumentou de forma considerável, atingindo 53.180 profissionais (MOP – 2014, v. 4, p. 43). Já a partir do ano de 2010, as oficinas realizadas nos NREs foram divididas em duas partes, a primeira com conteúdos voltados à disciplina da área de atuação do professor, com 12 horas, e a segunda, voltada aos Temas Sociais Contemporâneos, com 12 horas.

[...] a ideia central era que os técnicos e professores que atuavam como formadores levassem em consideração a realidade local e regional, a abrangência dos NREs, número de municípios e de profissionais [...] (MOP – 2014, v. 4, p. 48).

No ano de 2011, o mesmo processo do ano anterior foi realizado com o intuito de que houvesse um avanço na realização das formações e que pudesse então contribuir da melhor maneira. Assim, as oficinas, a partir de 2012, foram inseridas no

calendário escolar, de forma descentralizada, ou seja, em cada Núcleo Regional de Educação, e passou a ser realizado duas vezes a cada ano, cujos objetivos possibilitariam a troca de experiência de professores e técnicos, além de proporcionar o conhecimento de metodologias diferenciadas, dar subsídios conceituais e metodológicos como forma de contribuir com a prática docente. A equipe da Coordenação de Formação Continuada (CFC) passou a assessorar, por meio do Sistema de Capacitação dos Profissionais da Educação (SICAPE), o planejamento das oficinas bem como as medidas para sua realização (MOP – 2014, v. 4, p. 48).

O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) ficou responsável, até o final do segundo semestre de 2016, por uma avaliação de meio termo do Projeto Multissensorial para o Desenvolvimento do Paraná. E no segundo semestre de 2018, a avaliação final do mesmo (MOP – 2014, v. 4). Tais avaliações deveriam apresentar como base os relatórios de monitoramento dos indicadores e apresentar tópicos com informações relativas ao desempenho do Programa Formação em Ação, entretanto, os documentos com tais informações não foram encontrados ou, ainda, não se encontram disponíveis para acesso.

A formação continuada, como o próprio nome sugere, deve ser contínua, para tanto, Garcia (1999) salienta a necessidade da busca permanente da autoformação, tendo presente que os conhecimentos profissionais são progressivos,

[...] as práticas de ensino representam uma oportunidade privilegiada para aprender a ensinar, de modo a que se integrem diferentes dimensões (...) durante as práticas de ensino, os alunos aprendem a compreender a escola como um organismo em desenvolvimento, caracterizado por uma determinada cultura, clima organizacional, uma estrutura de funcionamento (...) e dotado de algumas funções de gestão necessárias para garantir o seu funcionamento. (MARCELO GARCÍA, 1999, p.103).

Lamentavelmente, um dos grandes impasses para uma formação contínua de excelência deve-se ao fato de não ter um acompanhamento ou mesmo o direcionamento dentro da realidade de cada instituição. Na maioria das vezes, os docentes são objeto de um planejamento dirigido a professores e professoras sem identidade profissional e ainda que ela exista, geralmente não é reconhecida com suas características, valores, peculiaridades e práticas sociais e educacionais.

## 2.2 “FORMAÇÃO EM AÇÃO” – COMO OCORRE

Neste item é abordada a forma como são apresentadas aos professores as oficinas debatidas nas formações. Para melhor compreensão, abaixo consta o roteiro e temáticas das oficinas ofertadas entre os anos de 2014 e 2018, divididos semestralmente e que são denominados “Formação em Ação”. Vale ressaltar que todas as temáticas ofertadas contam com material vasto em informações, podendo ser acessado diretamente no *site* do portal educacional da SEED – “*Dia a dia Educação*”, dispostos em vídeos e textos, com as seguintes orientações:

Caro(a) mediador(a), o curso de Formação em Ação, proposto pelo Departamento da Diversidade/ Coordenação da Educação, cujo objetivo traz uma sugestão, uma alternativa metodológica para as nossas escolas. Para lhe auxiliar na condução desta oficina, elaboramos um conjunto de *slides* de apoio, onde já inserimos os materiais que fundamentam as nossas ações. Para sua realização, você necessitará, além deste roteiro e dos *slides* supracitados, providenciar os seguintes materiais: TV Pendrive ou um multimídia; Caixa de som; Papel bobina ou cartolina; Giz de cera, lápis de cor, caneta hidrográfica, pincel atômico etc.; Papel sulfite; Livros didáticos das disciplinas curriculares; revistas diversas (opcional) ([www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br)).

Ressalta-se que, neste caso, o mediador ou professor formador é designado pela própria escola, não sendo a ele atribuída qualquer preparação para desenvolvimento das ações contidas na formação. O cronograma para o desenvolvimento das atividades é realizado em dois períodos, sendo manhã e tarde, como demonstrado no roteiro a seguir:

### **Cronograma (desenvolvimento de atividades) - Formação de Professores – MANHÃ**

---

#### **1º Momento – Apresentação da oficina:**

Sugere-se neste momento que seja realizada a apresentação da oficina aos/as participantes, eles/elas sejam informados/as de que se trata de uma alternativa metodológica (de acordo com cada temática) pensada para as escolas, valorizando a identidade dos sujeitos que nelas se inserem e, ao mesmo tempo em que preserva sua cultura e tradições, busca estabelecer relações entre elas e os conteúdos curriculares. O tempo estimado para este momento é de cinco minutos.

---

#### **2º Momento – Motivação:**

Para este momento é indicado que seja feita a assistência de trecho de vídeo institucional. Estes vídeos também são selecionados e disponibilizados pela SEED, e em seguida, como “Sugestão”, sejam respondidos alguns questionamentos reflexivos. As reflexões feitas pelos integrantes deverão ser sistematizadas por meio de palavras-chave, em cartolinas/papel bobina e afixadas nas paredes da sala, por meio de um varal. O tempo para o desenvolvimento deste momento é de cinquenta e cinco minutos.

---

**3º Momento – Leitura e debate sobre o texto – Fundamentos para a oficina:**

---

Para este momento conta-se com um texto que fundamenta a oficina; este está apresentado em anexo e é constituído de trechos das Diretrizes Curriculares, produzidas pela SEED. São trechos relevantes para a compreensão e fundamentação de uma prática pedagógica diferenciada, contextualizada, trans, multi e pluridisciplinar. Essa leitura poderá ser realizada individualmente ou em pequenos grupos, que deverão destacar do texto aspectos relevantes para compor a justificativa da atividade a ser realizada durante a tarde. O tempo para o desenvolvimento deste momento é de uma hora e trinta minutos.

---

**4º Momento – Apresentação do exemplo de PTD por área de conhecimento:**

---

Para este momento é feita a entrega do Plano de Trabalho Docente (PTD – exemplo, anexado ao material) e apresentado um passo a passo para a elaboração de PTD por área de conhecimento/ interdisciplinar, seguida da apresentação de um trecho da oficina, para exemplificar a atividade que será solicitada, no período da tarde aos/às participantes. Para a apresentação do PTD, é sugerido que seja chamada a atenção dos/ das participantes para a importância da pesquisa que foi realizada pelo/a professor/a, pois ela subsidiou toda a elaboração do PTD, permitindo-lhe realizar inferência e inter-relações entre as identidades, culturas e territórios apresentados. O tempo para o desenvolvimento deste momento é de uma hora.

---

**Cronograma (desenvolvimento de atividades) - Formação de Professores – TARDE**

---

**5º Momento – Elaboração de proposta de PTD:**

---

Para essa atividade, a turma deverá ser dividida, novamente, em grupos (poderão ser formados para a leitura do texto que fundamenta a oficina). Entregue o modelo de PTD (em anexo) e solicite a cada um deles a elaboração de proposta de PTD, de acordo com o modelo entregue pela manhã. Nesse momento, os grupos devem

realizar a atividade em outros espaços da escola, como a biblioteca ou o laboratório de informática, pois os professores deverão colocar essa proposta em papel bobina ou em *PowerPoint*, para a apresentação aos colegas. Obs.: As propostas deverão ser digitadas pelos grupos, conforme o modelo apresentado, e enviadas à/ao técnica/o da Educação de seu NRE, para serem encaminhadas à Coordenação. O tempo para o desenvolvimento deste momento é de duas horas.

---

**6º Momento – Apresentação dos PTD ao grande grupo:**

---

Cada grupo deverá apresentar a sua proposta aos colegas, focando nas relações entre os conteúdos escolares e o contexto social e cultural da comunidade escolar (EIXOS). Após as apresentações, deverá ser aberto espaço ao grande grupo para que possam tecer considerações sobre as propostas apresentadas. O tempo para o desenvolvimento deste momento é de uma hora e trinta minutos.

---

**7º Momento – Final:**

---

Após as apresentações dos grupos e considerações sobre as propostas apresentadas, você poderá concluir a oficina levando os/as participantes à percepção de que desenvolveram uma práxis pedagógica diferenciada, que parte da observação da realidade socioeconômica e cultural da comunidade, respeitando sua identidade, para os conteúdos curriculares, oportunizando aos educandos uma aprendizagem significativa, reflexiva e crítica, realmente transformadora. Para encerrar, sugerimos que seja apresentada a música “Construtores do Futuro”, na íntegra, interpretada por Gilvan Santos.

---

**Fonte:** Informações contidas em material de formação ofertado pela SEED aos professores. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br) - elaborado pela autora.

As orientações acima expressam as únicas informações que as equipes diretiva e pedagógica recebem para ministrar as oficinas, ou seja, contradizendo diversas orientações contidas no MOP. Como afirmado por Libâneo (2003), “a formação continuada é a garantia do desenvolvimento profissional permanente. Ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação das experiências dos professores” (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003, p. 388-389), ou seja, quando não devidamente preparada, a formação torna-se ineficaz, comprometendo os benefícios esperados através da formação.

Na sequência estão dispostos os temas propostos pela SEED aos professores nos encontros de “Formação em Ação”, ressaltando que as oficinas são opcionais,

podendo-se optar por aquela que seja de maior necessidade para a realidade da escola.

**Quadro 1** – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2015

	PRIMEIRO SEMESTRE	SEGUNDO SEMESTRE
OFICINAS  OFERTADAS EM 2015	Educação bilíngue.	Currículo e prática – África: Atualidades vicissitudes.
	Estatuto da criança e do Adolescente na Escola.	Violência contra a Mulher: uma questão de gênero.
	O professor autor na elaboração de Material Didático.	
	Reflexão sobre as questões da diversidade do currículo.	
	Os ajustes propostos no Projeto Político-Pedagógico pelo Parecer nº 07/2014.	

**Fonte:** Informações contidas em material de formação ofertados pela SEED aos professores. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br) - elaborado pela autora.

**Quadro 2** – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2016

	PRIMEIRO SEMESTRE	SEGUNDO SEMESTRE
OFICINAS	Atendimento escolar ao(à) adolescente em conflito com a Lei.	Equívocos e verdades sobre os assim chamados ciganos.
	Superação do preconceito e discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais: discutindo os silêncios da escola.	Educação Escolar Quilombola: Tecnologias e produção do trabalho.
	A Leitura no contexto das comunidades indígenas.	Personalidades e intelectuais negros: educação das relações étnico-raciais na perspectiva dos sujeitos.
	Da realidade local das ilhas aos eixos temáticos na organização curricular.	Pressupostos andragógicos <sup>4</sup> da aprendizagem do adulto.

<sup>4</sup> **Andragogia** é a arte ou ciência de orientar adultos a aprender, segundo a definição cunhada na década de 1970 por Malcolm Knowles. O termo remete para o conceito de educação voltada para o adulto, em contraposição à pedagogia, que se refere à educação de crianças (do grego paidós, criança).

OFERTADAS EM 2016	Desafios do Trabalho Pedagógico na Educação de Jovens e Adultos para atender a diversidade dos educandos nessa modalidade de ensino.	Os eixos temáticos das Diretrizes Curriculares do Campo a partir da realidade local.
	Educação do Campo – Alternativa Metodológica.	Resolução de problemas nas escolas indígenas.
	Avaliação Externa e Avaliação Interna: Relações e Articulações Possíveis.	
	Reflexões sobre a avaliação.	

**Fonte:** Informações contidas em material de formação ofertado pela SEED aos professores. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br) - elaborado pela autora.

### Quadro 3 – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2017

OFICINAS OFERTADAS EM 2017	PRIMEIRO SEMESTRE	SEGUNDO SEMESTRE
		Uma Aproximação com os Povos Ciganos.
	Mulheres Negras e Quilombolas: Identidades e Trajetórias.	Sustentabilidade: uma interlocução com a Educação Profissional.
		Quilombos: visibilidade e práticas pedagógicas.
		Os índios de ontem e os indígenas de hoje.
		Vamos Debater Sexualidade?
		Um Olhar Interdisciplinar em Sala de Aula.
		Os povos ciganos e o direito à educação básica.
		Os índios de ontem e os indígenas de hoje. Educação Ambiental e a Escola Sustentável.
		Combate ao abandono escolar: um dever (e um desafio) de todos.

**Fonte:** Informações contidas em material de formação ofertado pela SEED aos professores. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br) - elaborado pela autora.

**Quadro 4 – Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2018**

PRIMEIRO SEMESTRE	SEGUNDO SEMESTRE
	Aprendendo a Conviver: Discutindo os Desafios da Convivência Escolar (NOVA).

**Fonte:** Informações contidas em material de formação ofertado pela SEED aos professores. Disponível em: [www.educadores.diaadia.pr.gov.br](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br) - elaborado pela autora.

Refletindo sobre os temas acima, estes nos instigam a identificar quais metodologias são usadas no desenvolvimento destas oficinas, bem como elucidar diversos questionamentos emergentes quanto à compreensão e execução destas propostas pela ótica de professores de ciências.

A proposta apresentada pela SEED apresenta, em suas definições, cuidados com o cotidiano escolar, com necessidades específicas das escolas no sentido de apresentar diferentes temáticas, a preocupação de articulação entre os professores das escolas e regiões e a abordagem de diferentes temáticas relacionadas à escola. Nesse sentido, busca-se analisar o olhar dos professores em relação à proposta apresentada pela secretaria da educação em vista das potencialidades do desenvolvimento destas ações para as demandas da formação continuada dos professores de ciências.



## CAPÍTULO 3 – PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa de perspectiva qualitativa na qual foram utilizados questionários estruturados e entrevistas semiestruturadas como instrumento de coleta de dados, conforme Flick (2009, p. 13):

[...] mesmo considerando que existam diferentes abordagens à análise de dados na pesquisa qualitativa, algumas delas mais gerais e outras mais específicas para determinados tipos de dados, todas elas têm em comum o fato de serem baseadas em análise textual.

O mesmo autor ainda complementa que qualquer tipo de material na pesquisa qualitativa (entrevistas, questionários, entre outros) tem que ser preparado para ser analisado como texto. Minayo (2000, p. 21) ressalta que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significações, aspirações, crenças, valores e atitudes, contribuindo dessa forma para uma compreensão adequada de certos fenômenos sociais de relevância no aspecto subjetivo. Em outras palavras, possibilita aos participantes da pesquisa expressarem suas percepções e representações, valorizando o conteúdo apresentado pelos sujeitos.

### 3.1 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Os dados obtidos foram analisados através de Análise Textual Discursiva (ATD) que, segundo Moraes e Galiuzzi (2011, p. 7), “corresponde a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos”. Para os autores, neste método interpretativo é imprescindível o envolvimento do pesquisador, que por sua vez, “precisa assumir-se intérprete e autor” (Moraes; Galiuzzi 2011, p. 10). Sendo assim,

[...] a Análise Textual Discursiva é um processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, com o objetivo de descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos (GALIAZZI; MORAES, 2016, p. 136).

Faz-se necessário salientar que, na Análise Textual Discursiva, o pesquisador pode ainda assumir diferentes métodos de análise, podendo optar por: método dedutivo, método indutivo, método intuitivo (MORAES, 1991). Onde,

[...] o método dedutivo implica construir categorias antes mesmo de examinar o “*corpus*”. As categorias são deduzidas das teorias que servem de fundamento para a pesquisa. [...] o método indutivo implica produzir as categorias a partir das unidades de análise construídas a partir do “*corpus*”. [...] O processo intuitivo pretende superar a racionalidade linear que está implícita tanto no método dedutivo quanto no indutivo, pretendendo que as categorias tenham sentido a partir do fenômeno focalizado como um todo. As categorias produzidas por intuição originam-se a partir de inspirações repentinas (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 23-25).

Assim, neste trabalho optamos por realizar o método intuitivo, uma vez que os autores acima citados relatam ainda que uma melhor compreensão acerca da ATD nos remete a prestar atenção às palavras para dizer sobre a metodologia de análise e, assim, sobre o próprio fenômeno a descrever e interpretar. Desta forma, a partir desta escuta fenomenológica das palavras que nos constituem, os caminhos investigativos hermenêuticos mostram necessidades emergentes de compreensão, como o objetivo de aprofundar a compreensão dos fenômenos que investigam a partir de uma análise rigorosa e criteriosa dos textos (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 91).

[...] a desmontagem dos textos (processo de unitarização: examinar os detalhes), o estabelecimento de relações (categorização: formação de unidades de base), a captação do novo emergente (a análise dos itens anteriores, desencadeia a emergência de uma compreensão renovada do todo, o metatexto) – estes formam um ciclo – e o processo auto-organizado (o resultado das novas compreensões) (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 91).

Em suma, o uso da ATD nos remete em, a partir dos fenômenos investigados, exteriorizar novas percepções em forma de textos descritivos e interpretativos.

### 3.2 Os SUJEITOS DA PESQUISA

Considerando pertinente a futura discussão de alguns dados, os sujeitos desta pesquisa foram separados em dois grupos a fim de possibilitar maior visibilidade do universo da pesquisa, sendo:

**Grupo 1** – Trata-se de professores de ciências do estado do Paraná, ativos, permanentes da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, aos quais foi enviado formulário eletrônico através da plataforma *Google*. Neste grupo contamos com a participação anônima de 179 professores de municípios diversos, dos quais destacamos algumas características descritas abaixo:

O Gráfico 1 e Tabela 1 estão relacionados com o nível de instrução destes professores:

**Gráfico 1** – (Q1) Possuem Pós-graduação

Sim	95,5 %
Não	4,5 %

**Tabela 1** – (Q2) Titulação

Especialização	116 docentes
Mestrado	37 docentes
Doutorado	6 docentes
Pós-Doutorado	1 docente
PDE	14 docentes
Licenciatura	5 docentes

Como demonstrado na tabela 1, apenas cinco professores não possuem pós-graduação, neste caso, contam apenas com as formações ofertadas pela SEED. É necessário enfatizar que apenas 14 professores participaram do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), cujo objetivo é o aperfeiçoamento e a qualificação sistemática do professor da Rede Estadual de Educação Básica do Paraná. Com duração de dois anos, o PDE se equipara à realização do mestrado, porém no período de participação os professores são afastados de suas atividades para poderem se dedicar totalmente ao programa. Isto ocorre sem que haja perda remuneratória no primeiro período (primeiro ano), já no segundo período (segundo ano) o professor deve retomar 25% de suas atividades e nos outros 75% do tempo deve se dedicar à conclusão do programa. Entretanto, a participação dos professores no PDE está condicionada a alguns critérios dos quais um deles é pertencer ao quadro próprio do magistério (QPM), ou seja, os professores que são contratados por processo seletivo (PSS) não podem ser contemplados. Outro critério é que os professores devem se encontrar no nível II (possuir título de especialista) e no mínimo pertencer à classe 8 a 11, da tabela de vencimentos do plano de carreira, porém para estar na classe 8, que é a mínima exigida, são necessários nove anos de trabalho na rede de ensino público e ter cumprido a cada biênio o mínimo de duzentas horas de cursos ou aperfeiçoamento em educação, limitando a cada curso realizado apenas o aproveitamento de 25% das horas totais e, por fim, ser convocado, uma vez que dentre todos os professores que possuem tais critérios, apenas 3% poderão ser selecionados anualmente, segundo consta no portal educacional da SEED. Em outras palavras, o professor em início de carreira deve buscar

outros tipos de formação complementar e arcar com todas as despesas, inclusive para alcançar o nível II.

Devido ao tempo e critérios mencionados anteriormente, torna-se compreensível que a maioria dos professores sejam especialistas: são 116 professores que possuem tal titulação, isto torna justificável a queda destes números para apenas 37 em relação ao mestrado, 6 ao nível de doutorado e somente 1 pós-doutor, pois implicam em custear com recursos próprios e reorganizar os horários disponíveis, já que nestes casos não é possível contar com ajuda de recursos do estado e nem mesmo com a redução na jornada de trabalho.

No Gráfico 2 consta o tempo de serviço dos professores pertencentes ao Grupo 1.

**Gráfico 2** – Há quantos anos lecionam para a SEED/PR

ANOS	DOCENTES	%
1 A 5 ANOS	29	16,2%
5 A 10 ANOS	31	17,3%
10 A 15 ANOS	39	21,8%
15 A 20 ANOS	27	15,1%
+ 20 ANOS	53	29,6%

O Gráfico 2 demonstra que 66% (118 docentes) dos professores que participaram desta pesquisa possuem mais de dez anos de trabalho. Para Tardif (2010), “o que se busca com a formação continuada é crescimento profissional dos professores e seu domínio sobre a cultura letrada, dentro de uma visão crítica e humanitária que leve ao desenvolvimento das múltiplas competências profissionais” (TARDIF, 2010, p. 23). Assim sendo, com exceção dos professores afastados ou em licença de saúde neste período, foi oportunizada a participação em aproximadamente 20 formações. Para Pimenta (2000), “a formação continuada deve considerar as necessidades dos professores em sua estruturação e execução, levando em conta que a melhoria do processo de ensino e aprendizagem ocorre, principalmente, por intermédio da ação educativa dos docentes” (PIMENTA, 2000, p. 16), podendo ainda enfatizar que a participação e valorização do estado é fundamental para o desenvolvimento e crescimento profissional do professor.

**Grupo 2** – Neste grupo, os sujeitos foram entrevistados, sendo estes também professores de ciências, entretanto, todos lecionam no município de Apucarana. Os docentes que compõem este grupo são em maior parte permanentes, sendo apenas dois

deles professores PSS<sup>5</sup>. Faz-se necessário ressaltar que os professores que participaram da entrevista foram identificados como P1 (Professor/a 01) a P13 (Professor/a 13), e as escolas em que trabalham foram identificadas como E1 (Escola 01) a E13 (Escola 13), respectiva e sucessivamente. Assim sendo, P1E1 corresponde ao (à) professor (a) 01 e escola 01, a fim de assegurar o anonimato dos mesmos. Abaixo constam algumas características deste grupo:

**Tabela 2** – Detalhamento das características do Grupo – 2 (individual)

<b>Professor/a (P)</b>	<b>Anos de trabalho na SEED</b>	<b>Carga horária + extras</b>	<b>Nº de escolas</b>
P1	9	40	3
P2	12	20	1
P3	20	20	2
P4	5	20 + 10	2
P5	5	40	1
P6	8	40	2
P7	8	20 + 10	3
P8	15	20	2
P9	18	20 + 13	2
P10	27	40	1
P11	26	20 + 2	1
P12	16	40 + 1	1
P13	5	20 + 3	3

Diferente do grupo 1, neste grupo a maioria dos professores entrevistados possui menos de dez anos de trabalho na SEED representando quase 50% do total, o que corresponde a aproximadamente 90 docentes. Apesar de serem a maioria, estes professores são os que possuem a menor carga horária, correspondente a vinte horas/aula semanais e também lecionam em menor número de escolas, enquanto os docentes que possuem entre dez e vinte anos de trabalho representam 31% (55 docentes), também apresentam maior carga horária com quarenta horas/aula semanais totalizando 26% (46 docentes), por fim, os professores com vinte ou mais anos de trabalho representam 23% (41 docentes) com carga horária intermediária entre 20h a 40h.

<sup>5</sup> PSS – processo seletivo de seleção. Entende-se por professor PSS aquele que não é concursado, cujo vínculo é temporário.

### 3.3 SOBRE A COLETA DE DADOS

Tendo como objetivo reconhecer a valorização da formação continuada para os professores de ciências do estado do Paraná, foram adotados dois instrumentos como procedimento para coleta de informações, sendo, o questionário – com particular atenção à individualidade dos sujeitos, e as entrevistas – que possibilitaram ao pesquisador adentrar e aprofundar questões norteadoras, visto que a entrevista permite o contato direto do pesquisador com os sujeitos.

Como foram utilizados dois instrumentos de coleta de dados, identificaremos estes como Grupo A – pesquisa através de questionário estruturado, e Grupo B – com uso de entrevista semiestruturada, respectivamente:

**Grupo A** – Para o formulário *on-line* foi elaborado um questionário estruturado (apêndice 1), no qual “segue-se um roteiro previamente estabelecido, não sendo permitido adaptar as perguntas a determinada situação, inverter a ordem ou elaborar outras perguntas” (MARCONI; LAKATOS, 1999), contendo 17 questões sendo estas 3 abertas e 14 de múltipla escolha, uma vez que este formato de coleta favorece a possibilidade de vislumbrar o foco da pesquisa e de obter informações com segurança nas respostas, em função do anonimato. Um detalhe importante do questionário é que apesar de 14 questões serem objetivas, foi oportunizado aos docentes a opção de acrescentar comentários. Para os autores Marconi e Lakatos (1999), este instrumento de coleta de dados deve ser respondido por escrito ou ser transcrito.

Para que fosse possível esta coleta de dados, o questionário foi enviado previamente para o departamento de comunicação da SEED via correio eletrônico, contendo uma notificação com uma breve explicação sobre a pesquisa e outras informações complementares para que não houvesse dúvidas de se tratar de uma pesquisa legal. Juntamente com a notificação, foi realizada a solicitação e orientação para o envio do formulário de pesquisa a todos os núcleos regionais do estado do Paraná, cuja finalidade seria que cada núcleo encaminhasse para as escolas a qual representava, e estas direcionassem aos professores de ciências da instituição.

A Secretaria de Estado da Educação do Paraná é representada em diversas cidades do estado pelos Núcleos Regionais de Educação (NREs), que ao todo somam 32 NREs que têm a função de orientar, acompanhar e avaliar o funcionamento da Educação Básica e suas Modalidades. Segundo dados da Secretaria de Educação do Paraná (SEED) encontrados no *site “dia a dia Educação”*, o estado possui, atualmente,

2.143 escolas estaduais e aproximadamente 4.286 professores ativos da disciplina de ciências.

O Paraná é composto por 399 municípios, que estão distribuídos em 29 regiões geográficas imediatas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018). Com esta pesquisa foram identificados 102 municípios participantes, o que corresponde a aproximadamente 26% dos municípios do estado. Dentre estes municípios foi identificada a representação de 26 dos 32 NREs, atingindo 81% das regiões de estudo, como demonstrado na tabela abaixo:

**Tabela 4 – NREs e Municípios**

<b>NRE</b>	<b>MUNICÍPIOS QUE ENVIARAM RESPOSTAS</b>	<b>TOTAL DE MUNICÍPIOS PARTICIPANTES/TOTAL DE MUNICÍPIOS POR NRE</b>
APUCARANA	Arapongas (4); Bom Sucesso (1); Borrazópolis (1); Cruzmaltina (1); Califórnia (1); Jandaia do Sul (1); Marilândia do Sul (1); Marumbi (2); Apucarana (10).	9/16
ÁREA METROPOLITANA NORTE	Campo Magro (1); Pinhais (3); Colombo (8); Piraquara (1); Almirante Tamandaré (2); Quatro Barras (2).	6/14
ÁREA METROPOLITANA SUL	Araucária (1); Balsa Nova (1); Campo Largo (6); Contenda (1); Lapa (1); Quitandinha (1); Tijucas do Sul (1); São José dos Pinhais (2).	8/14
ASSIS CHATEAUBRIAND		0/7
CAMPO MOURÃO	Campo Mourão (2); Farol (1).	2/16
CASCADEL	Anahi (1); Boa Vista da Aparecida (1), Guaraniaçu (1); Três Barras do Paraná (1); Cascavel (13).	5/18
CIANORTE	Cidade Gaúcha (1); Jussara (1); São Tomé (1); Tapejara (1); Terra Boa (1); Tuneiras do Oeste (1); Cianorte (4).	7/12
CORNÉLIO PROCÓPIO	Assaí (1); Bandeirantes (1); Santa Amélia (1); Santa Mariana (1); Sertaneja (1); Cornélio Procópio (2).	6/19
CURITIBA	Curitiba (6).	1/1
DOIS VIZINHOS	Nova Prata do Iguazu (3); Dois Vizinhos (1).	2/7

FOZ DO IGUAÇU	Medianeira (1); São Miguel do Iguaçu (1); Foz do Iguaçu (1).	3/9
FRANCISCO BELTRÃO	Santa Izabel (1); Santo Antônio do Sudoeste (1); Francisco Beltrão (2).	3/20
GOIOERÊ	Juranda (1); Ubiratã (1); Goioerê (1).	3/9
GUARAPUAVA	Candói (2).	1/8
IBAITI	Tomazina (1); Ibaiti (1).	2/9
IRATI		0/9
IVAIPORÃ	Grandes Rios (1); São João do Ivaí (1).	2/14
JACAREZINHO	Jacarezinho (1).	1/12
LARANJEIRAS DO SUL	Espigão do Alto Iguaçu (1); Laranjeiras do Sul (2).	1/10
LOANDA	Nova Londrina (1).	1/12
LONDRINA	Ibiporã (2); Rolândia (1); Londrina (8).	3/19
MARINGÁ	Maringá (4).	1/25
PARANAGUÁ	Matinhos (1); Paranaguá (4).	2/7
PARANAVAÍ	Santo Antônio do Caiuá; Terra Rica (1); Uniflor (1); Paranavaí (3).	4/21
PATO BRANCO	Palmas (4); Pato Branco (2).	2/15
PITANGA		0/7
PONTA GROSSA	Carambeí (1); São João do Triunfo (1); Castro (2).	3/11
TELÊMACO BORBA		0/7
TOLEDO	Entre Rios (1); Ouro Verde do Oeste (1); Palotina (1); Santa Helena (2), São Pedro do Iguaçu (2); Marechal Cândido Rondon (7); Toledo (2).	8/16
UMUARAMA		0/19
UNIÃO DA VITÓRIA	Bituruna (1); Cruz Machado (1); São Mateus do Sul (1); União da Vitória (5).	5/9
WENCESLAU BRAZ		0/7

**Fonte:** a própria autora

Foi constatada a obtenção de respostas das quatro regiões do estado, permitindo analisar se há diferenças significativas em relação à aplicação da formação em ação. As questões 1 e 2 do questionário foram utilizadas para a caracterização dos sujeitos, apresentada anteriormente.

**Grupo B** – Entrevista (Apêndice 2), “consiste no encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”



(MARCONI; LAKATOS, 1999), assim, foi elaborado um roteiro contendo 16 questões (abertas) semiestruturadas, “que podem ser utilizadas com todos os segmentos da população, alfabetizados ou não” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 94), do tipo aberta, ou seja, “que permite ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões” (MARCONI; LAKATOS, 1999), permitindo aos entrevistados, além da certeza de anonimato, a possibilidade de expressar suas opiniões de forma clara e irrestrita.

As entrevistas ocorreram no estabelecimento de trabalho de cada professor, estando estes em hora-atividade ou contrapostos ao de suas aulas. Os dados foram obtidos através de gravação de áudio, e posteriormente realizada a transcrição, que é enfatizada por Flick (2009, p. 184), como “etapa necessária no caminho para a sua interpretação”. Sobre a escolha dos professores entrevistados, foi convidado a participar um professor de cada escola pertencente ao NRE-Apucarana – município de Apucarana, totalizando 18 escolas, entretanto, somente 13 concordaram em participar.

Como este grupo possui professores em diferentes fases (início, meio e fim de carreira), foi perguntado a eles se saberiam informar quem prepara ou coordena as formações que são ofertadas pela SEED, como demonstrado abaixo:

### **Tabela 3 – Informações sobre a preparação da Formação em Ação**

*P1: Considerando que é uma proposta geral, não tenho certeza, mas deve partir da SEED mesmo né, de um núcleo, para cada um deve haver um técnico de cada disciplina e deve propor essas atividades aí de forma geral, não é repassado nada para a gente, simplesmente existe o conteúdo para gente desenvolver.*

*P2: Não sei dizer, sei que é a liderança lá da SEED, mas a pessoa específica não sei.*

*P3: Não.*

*P4: Não sei dizer.*

*P5: Acredito que seja o pessoal da Secretaria de Educação que dá as ordens e só vem lá de cima para gente, em específico não imagino.*

*P6: Atividade vem pronta lá da SEED, agora quem é a pessoa específica não.*

*P7: Alguém que nunca entrou numa sala de aula né, porque não é possível né, os cursos teoricamente são bonitos, mas para gente colocar em prática. Não tem lógica né, então isso é um problema, é o que eu penso.*

*P8: Não.*

*P9: Os próprios pedagogos da escola coordenam e quem prepara é o próprio pessoal, supervisores do núcleo.*

*P10: A secretaria de educação, os técnicos.*

*P11: Bom, eu acho que tem alguém da superintendência da secretaria, deve ter uma alguma coisa ali, agora nomes, não faço ideia.*

*P12: Creio que não, não sei.*

*P13: Eu acredito que seja o pessoal da secretaria de educação que dá as ordens e só vem lá de cima para gente, mas em específico, não.*

Os treze professores entrevistados não souberam responder quem são os responsáveis pela elaboração do material utilizado ou mesmo como são selecionados

os temas que serão debatidos, identificando maior necessidade de organização e informação, visto que as palavras dos professores apresentam certa insatisfação pelas formações. Outro ponto importante a ser debatido é que os professores não são consultados para elaboração do material, o que não é viável, pois dificilmente este método irá contemplar a realidade de cada escola.

Imbernón (2010 p. 63) defende uma política de formação continuada que trabalhe a partir do contexto escolar, da realidade onde a escola está inserida, uma proposta, portanto, realizada a partir de princípios coletivos, pautados no diálogo, no debate, no consenso, em um clima afetivo que favoreça o trabalho colaborativo. Alguns comentários obtidos em resposta a esta pergunta confirmam que os professores desejam uma formação que condiz com o que foi exposto por Imbernón, conforme podemos notar pelos comentários de P7 e P13.

O fato de o material trabalhado não ser elaborado de forma colaborativa e voltada para as necessidades dos professores, como ressaltado anteriormente, nos indaga a buscar respostas sobre como são relacionados os temas debatidos com a prática diária destes professores, ou, ainda, que motivação encontram para participar das formações, entre outras.

### 3.4 ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

Os *questionários* foram realizados através do *formulário Google*, ao todo foram obtidos cento e setenta e nove respostas que buscaram identificar quais procedimentos são usados para realização das formações em diversos municípios do estado do Paraná. Já as *entrevistas*, estas foram realizadas pessoalmente com treze professores (um em cada estabelecimento de ensino) no município de Apucarana, priorizando a opinião destes professores quanto à contribuição das formações para suas práticas docentes.

Ambos os dados (questionário e entrevista) foram submetidos a análise através do método de Análise Textual Discursiva (ATD), sendo esta a metodologia proposta por Moraes e Galiazzi, como um procedimento qualitativo que pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos investigados, analisando rigorosamente a informação contida, sem a necessidade de testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa, cuja intenção é a compreensão (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 7). Paraphrasing the author, the discursive textual analysis corresponds to a methodology of analysis of data and information of a qualitative nature, with the finality of producing new understandings about the phenomena and discourses.

Para as análises de ambos instrumentos (questionário e entrevistas), as questões estão identificadas como Q1 (questão 01) a Q17 (questão 17), neste mesmo sentido, no intuito de manter o anonimato, os sujeitos foram identificados com letra seguida por número, como por exemplo, P1 (professor(a) 01) a P13 (professor(a) 13) quando referente aos entrevistados e apenas (Grupo 1A) quando referente aos professores que responderam ao questionário *on-line*. Do total de questões, foram selecionadas oito questões do questionário e nove questões da entrevista, consideradas pertinentes para análise. Essa delimitação foi necessária, assim como sugerem os autores Moraes e Galiuzzi (2011, p. 16), “[...] seguidamente não trabalhamos com todo o *corpus*”, fazendo menção ao processo de unitarização utilizado na ATD, no qual é realizada a desconstrução do texto, fragmentando-o em unidades de significado. Para os autores,

[...] mais do que propriamente divisões ou recortes, as unidades de análise podem ser entendidas como elementos destacados dos textos, aspectos importantes destes que o pesquisador entende mereçam ser salientados, tendo em vista sua pertinência em relação aos fenômenos investigados” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 115).

Seguindo esta metodologia, os dois instrumentos de obtenção de dados foram analisados, e após intensa leitura e desconstrução do *corpus* e reescrita, passou-se à categorização das respostas às questões de pesquisa e entrevista, e, posteriormente, à escrita dos metatextos. Os autores da ATD definem a categorização como:

[...] organização, ordenamento e agrupamento de conjuntos de unidades de análise, sempre no sentido de conseguir expressar novas compreensões dos fenômenos investigados. Equivale, nesse sentido, à construção de estruturas compreensivas dos fenômenos, posteriormente expressas em forma de textos descritos e interpretativos [...] (MORAES; GALIAZZI, 2011, p. 74).

A primeira fase da organização das informações constituiu-se na codificação das questões, passo importante no processo analítico para que as informações neles contidas pudessem ser visualizadas facilmente pelo pesquisador, no movimento recursivo que a ATD exige. Esta codificação foi organizada com a inicial (Q) correspondente a questão, seguida de um indicador numérico que se refere ao número da questão (exemplo: Q12).

Com base nas categorias principais, emergiram as unidades de significado, com este agrupamento foi possível a escrita dos metatextos para cada categoria, que posteriormente foram agrupados no texto final de descrição e interpretação de cada questão/categoria principal. Através dos resultados das análises do questionário

emergiram cinco categorias, sendo estas alocadas em três temáticas que expõem a visão dos professores de diversas regiões do estado.

Já os resultados obtidos na análise da entrevista são apresentados em oito categorias, cada uma delas referente a uma das questões de pesquisa ou categorias principais de respostas que foram encontradas e construídas a partir dos textos dos sujeitos.

## CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os dados analisados das respostas dos dois Grupos desta pesquisa. O Grupo 1 permite uma visão mais holística de como os professores avaliam a proposta da formação continuada do estado do Paraná. Os dados do Grupo 2 permitem um aprofundamento das questões relativas ao questionário, por meio das entrevistas que buscaram maior detalhamento das ideias de um grupo de professores em relação às atividades de formação.

### 4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO GRUPO 1 - QUESTIONÁRIO

A análise das respostas do Grupo 1 – que responderam ao questionário – está disposta em 5 categorias e subcategorias. Estes dados possibilitaram mensurar o posicionamento dos professores acerca das temáticas: *Alegações dos professores em relação à Formação em Ação* (Categorias 1 e 2); *Participação e Motivação* (Categorias 3 e 4); *Análise do Problema e Planejamento* (Categorias 5). Tais categorias expõem a visão de professores de 26 NREs, permitindo confrontar o modo como ocorrem as formações em diversas regiões do Paraná.

***Alegações dos professores em relação à Formação em Ação*** - Neste tópico encontram-se as categorias C1 e C2. A categoria **C1** *Classificação acerca da “Formação em Ação”* é decorrente da análise dos dados de Q11 *Em relação a formação continuada “Formação em Ação” ofertada pela SEED, como você a classificaria?* e apresenta 4 subcategorias, demonstrado abaixo:

**Gráfico 3** C1 – Classificação acerca da “Formação em Ação”

Regular	44,1%	79 respostas
Bom	29,6%	53 respostas
Ruim	23,5%	42 respostas
Ótima	2,8%	5 respostas

De acordo com o gráfico acima, a maioria dos professores classifica a Formação em Ação como “regular”, totalizando 44,1% respostas dos entrevistados. O dicionário *Michaelis* (2021) atribui como regular: *1. Que está de acordo com as regras, as normas, o costume; normal. 2. Situado entre dois extremos; ou ainda, como razoável.* Neste sentido, podemos dizer que o termo avaliado não apresenta

satisfação ou insatisfação, e sim, que aproximadamente 79 docentes são indiferentes quanto à realização e participação nestas formações.

Em segundo lugar, com 29,6%, a formação foi avaliada com o conceito “bom”, seguido de 23,5% “ruim”, enquanto apenas 2,8% avaliam como “ótima”. Quando analisado desta forma, vemos que apenas uma pequena porcentagem estaria de acordo com o formato e temáticas apresentados. Os termos vistos como aspectos positivos “bom” e “ótimo”, totalizam 32,4% dos entrevistados, o que corresponde a 58 docentes, ou seja, mesmo somando os dois termos, estes correspondem a menos de 50%. Enquanto as avaliações identificadas como “ruim” apresentam 42 ponderações negativas.

Considerando o referencial teórico abordado, fala-se quase exclusivamente que as formações têm priorizado a teoria, ora com atividades. Entretanto, estes são modelos didáticos e pedagógicos que não contemplam as necessidades dos professores ou, ainda, exigem um esforço muito grande para evitar repetições sobre as práticas já existentes. GATTI (2008) afirma que muitas das iniciativas públicas de formação continuada no setor educacional, adquiriram a feição de programas compensatórios e não propriamente de atualização e aprofundamento em avanços do conhecimento. Segundo a autora, este modelo de formação apresenta-se de forma fragmentada, não considerando as reais necessidades dos professores quanto aos avanços, renovações e inovações de suas áreas (GATTI, 2008 p. 58).

Considerando as avaliações atribuídas às formações, a categoria **C2** *Você saberia dizer quem prepara/coordena esses cursos de formação?* resultou após a análise das questões Q12 e Q13 e apresenta como complemento à Tabela 5, que justifica as duas subcategorias de C2, que estão dispostas da seguinte forma: C 2.1 *Sim* – totalizando 55,3% e C 2.2 *Não* – somando 44,7%, como pode ser observado:

**Gráfico 4** C2 Você saberia dizer quem prepara/coordena esses cursos de formação?

Sim	55,3%	99 respostas
Não	44,7%	80 respostas

**Tabela 5** Quem prepara/coordena os cursos de formação?

Seed	55
Não é informado	44
Não sei / Não respondeu	28

<i>Equipe diretiva e/ou pedagógica</i>	23
<i>NRE</i>	21
<i>Os nomes constam no final do curso (material)</i>	3
<i>Professora Sandra??</i>	1
<i>Fabiano Villatore??</i>	1
<i>Cecília???</i>	1

Na subcategoria C 2.1 identificamos que a maioria dos professores afirma saber quem prepara o material usado na “Formação em Ação” (Q12), entretanto, ao consultar as respostas complementares dos participantes, estas evidenciam que o material disposto não é apresentado pelo professor tutor do curso (Tabela 5). Tais afirmações indicam que, independente da região do Paraná, os tutores destas formações aparentam não ter recebido as orientações necessárias para aplicar as atividades, segundo as orientações do MOP, já que nenhum dos professores soube informar corretamente quando questionado. Consta no MOP (2007) que a equipe da Coordenação de Formação Continuada (CFC) ficou responsável por assessorar, por meio do Sistema de Capacitação dos Profissionais da Educação (SICAPE), o planejamento das oficinas, bem como as medidas para sua realização (MOP – 2014, v. 4, p. 48), preparando os técnicos e professores selecionados pelas escolas para desenvolverem as atividades.

**Participação e Motivação** – Abordamos neste tópico questões que indicam a assiduidade dos professores nas formações e quais as motivações que apresentam para estas participações, constando neste item as categorias 3 e 4.

A análise de Q14 originou à categoria **C3** *Você participou dos cursos de Formação Continuada “Formação em Ação” para professores nos anos de 2014 até 2018?* apresentando 4 subcategorias.

**Gráfico 5 C 3** – Você participou dos cursos de Formação Continuada “Formação em Ação” para professores nos anos de 2014 até 2018?

Sim	141 respostas
Parcialmente (mais de 50%)	27 respostas
Não	6 respostas
Parcialmente (menos de 50%)	5 respostas

Nota-se que a maioria dos docentes participou de todas as formações ofertadas no período estipulado, como demonstrado na subcategoria C3.1 Sim – 77,7% o que corresponde a 141 docentes. Nóvoa (1992) afirma que a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva aos docentes, fornecendo meios de um pensamento autônomo que facilite as dinâmicas de (auto)formação participada. Assim, estima-se que ao participar destas formações o professor agregue aos seus conhecimentos novas reflexões que o auxiliem em sua prática diária.

As demais subcategorias somam 22,3%, sendo que C3.2 apresenta 15,1%, representando 27 professores com mais de 50% destas participações, enquanto, apenas 11 docentes não participaram ou tiveram presença parcial com menos de 50% de frequências.

Buscando compreender quais os estímulos para a participação nestas formações, a análise de Q12 compõe a categoria **C4** *Motivo ou objetivo da assiduidade na “Formação em Ação”* apresentando 4 subcategorias demonstradas na tabela abaixo:

**Tabela 6:** *Subcategorias da categoria C4 – Motivos ou objetivos da assiduidade na “Formação em Ação”*

<b>Subcategoria 4.1:</b> <i>Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.</i>	116 vezes selecionada 64,8%	71 vezes individualmente
<b>Subcategoria 4.2:</b> <i>Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.</i>	43 vezes selecionada 24%	7 vezes individualmente
<b>Subcategoria 4.3:</b> <i>Participo apenas para receber promoção/progressão</i>	38 vezes selecionada 21,2%	14 vezes individualmente
<b>Subcategoria 4.4:</b> <i>Participo por ser obrigatório, pois não contribui em nada para minha formação.</i>	35 vezes selecionada 19,6%	22 vezes individualmente

As subcategorias que justificam a assiduidade nas formações poderiam ser selecionadas individualmente ou coletivamente. Entretanto, duas delas apresentam motivos alheios à formação. Buscando elucidar o que os professores buscam ao participar destas formações e se estas atendem suas necessidades, cada



subcategoria apresenta o número de vezes que foi selecionada coletivamente (com uma ou mais opções) e individualmente.

A subcategoria 4.1 *Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar* foi selecionada 116 vezes, o que corresponde a 64,8%. O Anexo 1 apresenta quais outras opções foram selecionadas juntamente, entretanto, individualmente esta foi selecionada 71 vezes, ou seja, a maioria dos participantes busca nas nestas formações novas metodologias que os auxiliem e melhorem sua prática docente, promovendo seu crescimento profissional, assim como relatado por um dos participantes do grupo 1:

*– Participo no intuito de poder desenvolver as propostas ofertadas e ainda transformá-la em uma abordagem que utilizo em sala de aula. Da forma mais dialética possível (Grupo 1A).*

*– Sempre que participo, espero ter algo bom para poder aplicar em sala, porém o tempo nunca é suficiente, e plataformas EAD não funcionam para quem não tem tempo de sentar e ler tudo e assistir vídeos, além disso os vídeos são de péssima qualidade (Grupo 1A).*

Garcia (2009) enfatiza que “o desenvolvimento profissional docente é um processo em longo prazo, que integra diferentes tipos de oportunidades e de experiências, planejadas sistematicamente, de forma a promover o crescimento e desenvolvimento profissional dos professores” (GARCIA, 2009, p. 17), o que nos ajuda a compreender o maior objetivo na presença constante destes professores em participar das formações ofertadas.

A subcategoria 4.2 *Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina*, foi selecionada 43 vezes coletivamente (com uma ou mais alternativas), sendo destacado como o segundo maior objetivo escolhido pelos professores correspondendo a 24%.

Entretanto, individualmente foi indicado apenas 7 vezes como o principal motivo de assiduidade dos docentes. Como mencionado anteriormente, as subcategorias 4.1 e 4.2 são alternativas que atendem alguns dos propósitos observados na formação continuada.

Em contrapartida, a subcategoria 4.3 *Participo apenas para receber promoção/progressão* foi selecionada 38 vezes, correspondendo a 21,2% de forma coletiva, enquanto individualmente obteve 14 indicações, apresentando relatos como:

- *Acredito que sempre será diferente, porém..., também pela necessidade de pontuação (Grupo 1 – A).*
- *Participo para me aprimorar e para obter pontuação para promoção (Grupo 1 – A).*

Já a subcategoria 4.4 *Participo por ser obrigatório, pois não contribui em nada para minha formação* foi selecionada 35 vezes, equivalendo a 19,6% coletivamente, enquanto individualmente obteve 22 indicações.

- *Participo por ser obrigatório, e porque faço nesses dias meu planejamento dentro da “moda” que inventam no ano (Grupo 1 – A).*
- *Para receber informações sobre o andamento da escola durante o ano letivo, para iniciar o planejamento, porque sou obrigada (sendo um dia de trabalho) etc... (Grupo 1 – A).*
- *Participo por ser obrigatório, pois a contribuição para a formação é pequena (Grupo 1 – A).*

As alegações relacionadas ao plano de carreira do professor, pelo fato de a obrigatoriedade de presença à repetição das temáticas e excesso de teoria serem os maiores motivos para a desmotivação do professor.

**Análise do Problema e Planejamento** - Neste item estão apresentadas as análises das respostas para as questões Q16 e Q18, originando a Categoria **C5 Qual metodologia é abordada nas formações e sua colaboração**. As questões analisadas foram apresentadas como subcategorias, no sentido de identificar os recursos/metodologia utilizados nas formações (C5.1) e se as formações ofertadas colaboram com a prática pedagógica (C5.2).

Primeiramente, foram evidenciados os principais recursos que subsidiaram as formações. Para esta questão foi oportunizado assinalar uma ou mais opções, cujos objetivos permeiam caracterizar o perfil metodológico utilizado durante as formações e constatar se ocorrem momentos de troca de experiências e contribuições com a prática docente. Os recursos apontados em C5.1 foram: *grupo de estudos* – 52,5%, sendo este o mais utilizado; na sequência, com 25,7%, são as *oficinas* e, por fim, as *palestras* apontam 15,1%.

**Gráfico 6 – C 5.1 recursos/metodologia utilizados nas formações**

Grupo de estudos	94 respostas
Oficinas	46 respostas
Palestras	28 respostas
Outras	11 respostas

Nóvoa (1992), relata que a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva e acarreta a formação de um investimento pessoal, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional” (NÓVOA, 1992, p. 25). Diante desta perspectiva, a subcategoria *C5.2 As propostas ofertadas colaboram com sua prática pedagógica dos docentes* faz alusão às temáticas e metodologias abordadas nas formações.

**Gráfico 7 C5.2 – as propostas ofertadas colaboram com sua prática pedagógica?**

Eventualmete	129 respostas
Sempre	30 respostas
Nunca	19 respostas
Raramente	1 respostas

Segundo o dicionário Michaelis (2021), o termo *eventual* refere-se a 1. *Que é casual, podendo ou não ocorrer*; 2. *Que é variável, ocasional, que ocorre algumas vezes*. Neste caso, o termo *eventualmente* obteve 129 respostas, ou seja, apresenta colaboração variável, não sendo possível afirmar se as formações no período de 2014 a 2018 apresentaram contribuições na maioria ou minoria das vezes em que ocorreram, por se tratar de um termo relativo à casualidade.

Nunes (2001) argumenta a necessidade de abordar ações concretas e projetos efetivamente implantados a partir de suas propostas curriculares, atentando para a realidade escolar. Neste seguimento, 30 docentes responderam que *sempre* obtêm colaboração para a prática docente. Outros 19 disseram *nunca* obter colaboração. Deve-se considerar as necessidades docentes, tanto na área pedagógica como nos específicos da sua área, e que isso implica em garantir conhecimento básico que atenda a formação continuada de professores em serviço, como a formação dos professores de ciências.

## 4.2 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO GRUPO 2 - ENTREVISTA

A análise dos dados da entrevista com os professores foi organizada em oito categorias de análise e subcategorias. Tais categorias possibilitaram evidenciar as ideias apresentadas pelos professores acerca de quatro temas: *O que é formação continuada* (Categoria 1 e 2); *Contribuições da proposta de formação continuada oferecida pelo estado do Paraná* (Categoria 3 e 4); *Temas abordados nos cursos de formação* (Categoria 5 e 6); e *O que os professores apontam como lacunas que percebem em relação à formação* (Categoria 7 e 8).

**Compreensão dos professores sobre o que é formação continuada** - Neste item estão apresentadas as análises das respostas para três questões (Q4; Q11; Q12) que deram origem a duas categorias: **C1** *O que os professores indicam ser a formação continuada*, e categoria **C2** *O que motiva a participação nas formações*. Em Q11: *Você participou dos cursos de Formação em Ação nos anos de 2014 até 2018?* foi utilizada para quantificar a participação dos professores. No período de 2014 a 2018, dos treze professores entrevistados, 11 participaram de todas as formações, 2 participaram parcialmente.

A categoria **C1** *O que os professores indicam ser a formação continuada* surgiu da análise de Q4 *O que você entende por formação continuada?* E apresenta três subcategorias apresentadas na tabela 7:

**Tabela 7 – Subcategorias da categoria C1 – O que os professores indicam ser a formação continuada com exemplos e porcentagem**

<b>Subcategoria 1.1: Adquirir conhecimento/ troca de experiências com outros professores</b>	P2; P5; P6; P7; P9; P10; P12; 53,8% - 7 respostas	<b>P7:</b> <i>Deveria ser um momento em que os professores pudessem tirar suas dúvidas, em que os professores pudessem contar suas experiências de anos anteriores, mudar o que precisa ser mudado, só que a teoria tudo muito bonito né, o problema é a prática, na prática a gente sinceramente não vê resultado nenhum.</i> <b>P12:</b> <i>Entendo que é uma forma do professor estar recebendo informações e</i>
--	--	---

			<i>tudo mais e cursos para novas metodologias.</i>
<b>Subcategoria 1.2: Relativo ao trabalho desenvolvido na escola</b>	P1; P8; P11; P13	30,8% - 4 respostas	<p><b>P11:</b> <i>Então, seria um programa que pudesse, pelo próprio nome, dar uma continuação ou uma continuidade ao que a gente já aprendeu na nossa formação, a nossa faculdade, mas que contrapusesse aos problemas que a gente tem dentro da escola, uma sequência né, um sequenciamento de um trabalho que é feito dentro da escola.</i></p> <p><b>P13:</b> <i>Bom, deveria ser uma algo relativo ao trabalho já desenvolvido na escola.</i></p>
<b>Subcategoria 1.3: Capacitação para a prática</b>	P3; P4	15,4% - 2 respostas	<p><b>P3:</b> <i>Seria um curso que nos capacitaria e aumentasse um pouco mais os nossos conhecimentos para direcionar o trabalho durante o ano letivo.</i></p> <p><b>P4:</b> <i>Deveria ser uma capacitação em que nos ajudasse nas questões práticas do dia a dia dentro do desenvolvimento dos conteúdos teóricos e aplicados na realidade na vida dos nossos alunos, da nossa didática em sala, porém não é isso que acontece.</i></p>

A análise das respostas dos professores possibilitou a identificação de três diferentes ideias do que a formação de professores é. Na primeira subcategoria, que engloba 53,8% representando 7 professores, a ideia apresentada é a formação como momento de articulação entre novos conhecimentos apresentados com o compartilhamento de experiências, que podem contribuir com a ação docente. Esta subcategoria demonstra alguns aspectos apresentados pela literatura para a formação de professores, como a multiplicidade de possibilidades de cursos e ações que podem caracterizar a formação continuada (LIBÂNEO, OLIVEIRA; TOSCHI, 2003). Neste caso, considerando o pressuposto implícito no enunciado da pergunta

Q4 (*O que você entende por formação continuada?*), estes professores atribuem a formação continuada como uma oportunidade de reflexão e aperfeiçoamento de sua prática.

Nas subcategorias 1.2 e 1.3, as ideias apresentadas pelos professores têm um caráter mais tecnicista e transmissivo para o que pode ser a formação, ou seja, um momento em que o professor vai ser atualizado em relação ao conteúdo ou que, no caso da subcategoria 1.2, também caracteriza como um momento de um agente externo trazer possibilidades de superação de problemas da escola e da sala de aula. Na subcategoria 1.3, as ideias dos professores são ainda mais específicas para a formação continuada como momentos de apresentar aos novos professores diferentes atividades práticas para a sala de aula o que, conforme apresentado por Gauthier *et al.* (2006), compreende uma dimensão importante para ser considerada na formação, porém não única, considerando a complexidade que é o trabalho do professor.

Esta categoria apresentou ideias que os professores indicaram como explicação da formação de professores. Tais ideias, apesar de não contrárias ao que pode ser a formação, ainda não envolvem uma maior complexidade do que é e deve ser a formação continuada.

A formação em ação é uma atividade que os professores devem fazer, entretanto, buscou-se identificar se, além da obrigatoriedade, existe na fala dos professores outras motivações.

A análise de Q12 - *Qual o motivo da sua assiduidade?* originou a **Categoria C2** *Motivação da assiduidade dos professores nas formações ofertadas pela SEED* com três subcategorias, apresentadas na tabela 6.

**Tabela 8** – *Subcategorias da categoria C2 – Motivação da assiduidade dos professores nas formações ofertadas pela SEED com porcentagem e exemplos*

<b>Promoção / Progressão</b>	P1; P9; P11; P13 30% - 5 docentes	<b>P1:</b> <i>O cumprimento da carga horária e a questão da promoção também, só por isso.</i> <b>P11:</b> <i>Bom, eu participo por ser uma imposição e porque a gente precisa dessas horas, infelizmente, para poder ter as nossas elevações.</i>
<b>Obrigatoriedade / Faltas</b>	P3; P4; P5; P6; P7; P8; P10; P12 61% - 8 docentes	<b>P3:</b> <i>Justamente porque a gente não pode levar uma falta, simplesmente pela falta e presença que a gente não pode</i>

		<i>deixar de ter na nossa linha funcional.</i> <b>P4:</b> <i>Obrigatoriedade.</i> <i>Claro que agrega algum valor, algum conhecimento, mas é mais pelo fato de contar para progressão dentro do plano de carreira.</i>
<b>Não respondeu</b>	P2 9% - 1 docente	-

Apesar da assiduidade alta, os professores que participam destas formações não demonstram motivação ou quaisquer outros estímulos, já que as respostas não apresentam pontos positivos, como consta nos exemplos dos professores sobre o que é a formação, mas indicam que quase nunca isso ocorre (tabela 7). A maioria dos professores (61%), ou seja, 8 docentes alegaram a participação por obrigatoriedade, podendo estar também relacionada a faltas do professor por se tratar de dia letivo. É importante destacar que as faltas podem acarretar prejuízos na linha funcional (plano de carreira) do professor ou ainda resultar em desconto salarial. Este destaque pode estar relacionado ao fato de outros 30% dos professores afirmarem a participação devido à promoção/progressão, o que, em outras palavras, estes 4 docentes selecionaram uma opção que diz respeito à linha funcional e salarial do professor, apresentando unanimidade das participações por motivos divergentes aos que realmente são os propósitos da formação continuada.

Estas categorias nos levam a refletir sobre qual seria então a idealização destes professores por trás da formação continuada ou, ainda, quais seriam as suas pretensões em torno destas. Outro destaque seria compreender como estes momentos de formação poderiam motivar a participação dos professores para contribuir não somente com sua prática como também com seu desenvolvimento profissional.

**As Contribuições da formação continuada da SEED** – neste item foram analisadas as respostas de Q5 e Q9 da entrevista, sendo que estas deram origem a duas categorias acerca da compreensão para participação destes professores nas formações da SEED. A Categoria 3 – **C3 Contribuições da Formação em ação ofertadas aos professores de ciências?** e Categoria 4 – **C4 As decisões em sala de aula são reflexos dos anos de experiência ou das formações?**

Ambas categorias apresentam 3 subcategorias, que nos permitem interpretar os propósitos dos professores ao participar destas formações e quais relações são identificadas em sua experiência com o aprendizado adquirido através das formações.

**Tabela 9** – Subcategorias da categoria C3 – Contribuições da Formação em ação ofertadas aos professores de ciências?

<b>Subcategoria 3.1:</b> Não apresenta contribuição	P1; P3; P5; P6; P9; P10; P12; 54% - 7 docentes	<b>P3:</b> Nenhuma contribuição, nunca acrescenta nada além daquilo que a gente já sabe. <b>P12:</b> Não vejo contribuição. Anteriormente, anos atrás, quando tinha alguns cursos que o professor ia para a prática mesmo, era bem interessante, hoje, da forma que está acontecendo, não.
<b>Subcategoria 3.2:</b> Acredita não ter contribuições, mas coloca que tem conteúdo	P2; P4; P13; 23% - 3 docentes	<b>P2:</b> Olha, às vezes satisfatória, gostei de algumas formações, mas em algumas deixa muito a desejar, não traz e não acrescenta em nada, você espera na formação algo legal que venha te trazer uma forma de melhor atuar em sala de aula, de trazer novidades para o aluno, e não tem novidades, só conteúdo, dessa forma eu acredito que não é muito vantajoso. <b>P13:</b> Contribui em alguns pontos, os da Educação Especial, tecnologias e mídias de educação por exemplo, achei positivo, acho que poderiam colocar mais.
<b>Subcategoria 3.3:</b> Não respondeu / confunde formação com estudo e planejamento	P7; P8; P11; 23% - 3 docentes	<b>P7:</b> Auxilia na confecção do plano de nivelamento, né, uma coisa também com a situação da escola situação todos os anos eles informam é a frequência escolar como que está o IDEB, né, isso é importante porque a gente também se prepara melhor para anos que virão né então a gente vê algumas coisas positivas sim. <b>P11:</b> Dentro do que eu já trabalhei, do que eu já estudei, que eu participei de reformulações de planejamento de ciências, eu



---

*vejo que ficou um planejamento não muito eficaz porque acaba gerando muita mudança de conteúdo de um ano para outro de um professor para outro.*

---

Nas subcategorias 3.1 e 3.2 podemos observar resquícios do ensino tecnicista, que prioriza a busca por respostas prontas, como se houvesse um roteiro a seguir (exemplo tabela 9 – P12). Nesse sentido, os professores esperam por formações que ensinem novas metodologias através de atividades e cursos, no intuito que estas possibilitem alterar sua prática e assim cumprir com as novas atribuições que lhes são dadas, deixando de considerar as necessidades de articular teoria e prática na formação continuada de professores, e que apesar dos avanços a dicotomia entre elas ainda se mantém. A subcategoria 3.2 (*Acredita não ter contribuições, mas coloca que tem conteúdo*) mostra ainda haver necessidade de discutir os temas ofertados, entretanto, não ocorre por parte destes professores a associação do estudo apresentado ou que é refletido como algo que não possa vir a acrescentar em sua docência. Percebe-se ainda que a confrontação de experiências entre os professores, que é proporcionada quando ocorre o direcionamento para a disciplina de ciências, é vista primordialmente não como um momento próprio da formação, mas sim como um desabafo entre os professores.

Tardif (2002, p. 39) considera fundamental à profissão os saberes da experiência, que são produzidos pelos docentes com base no cotidiano da própria prática docente. Nas palavras do autor, “são saberes práticos que os docentes incorporam automaticamente à sua experiência individual e coletiva, transformando-os em habilidades de saber-fazer e de saber-ser”.

Em relação aos outros, 23% dos entrevistados que resulta em 3 docentes (Quadro 7 – subcategoria 3.3) mostram não compreender o objetivo da formação e inclusive o confundem com outro momento oportunizado na escola, que é o de estudo e planejamento, mesmo que ambos ocorram em momentos distintos, indicando despreparo do mediador ou professor formador não atingindo os objetivos propostos para o momento, permitindo compreender a desvalorização em que é atribuída pelos professores para este modelo de formação continuada.

Alarcão (2011) afirma que, a prática, a identidade e a profissionalidade docente crescem e passam a compor uma rede complexa de informações. Este autor revela

que os professores precisam urgentemente se (re)contextualizarem, tanto na sua identidade quanto em sua responsabilidade profissional. Isto nos permite dizer que tão importante quanto a renovação das práticas no processo de ensino e aprendizagem, é estimular uma perspectiva crítico-reflexiva. Na Categoria **C4** – *As decisões em sala de aula são reflexos dos anos de experiência ou das formações?* indicam as atribuições dos professores acerca de suas decisões, dos quais originaram 3 subcategorias, como demonstrado abaixo:

<b>Tabela 10</b> – <i>Subcategorias da categoria C4 – As decisões em sala de aula são reflexos dos anos de experiência ou das formações?</i>			
<b>Subcategoria 4.1:</b> <i>Os anos de experiência/experiências compartilhadas com outros professores</i>	<i>P1; P2; P3; P5; P6; P8; P9; P10; P11; P12; P13</i>	<i>86% - 11 docentes</i>	<b>P5:</b> <i>Com certeza os anos de experiência em sala de aula, porque é na prática que se aprende.</i> <b>P6:</b> <i>Os meus anos de experiências e cursos que foram feitos fora do Estado,</i> <b>P12:</b> <i>Os anos de experiência nos cursos não ensinam o que realmente precisa, nem na faculdade eu aprendi, só com o passar do tempo você vai ganhando segurança no que faz.</i>
<b>Subcategoria 4.2:</b> <i>Ambos</i>	<i>P4</i>	<i>7% - 1 docente</i>	<b>P4:</b> <i>Um misto dos dois, mas com certeza os anos de experiência contam muito mais.</i>
<b>Subcategoria 4.3:</b> <i>Não respondeu</i>	<i>P7</i>	<i>7% - 1 docente</i>	-

A análise da categoria C4 nos propõe a reflexão sobre o fato de a experiência estar correlacionada aos conhecimentos auferidos nos cursos de formação continuada. Entretanto, dos entrevistados, apenas 1 realiza esta associação (Tabela 8, C4.2 - P4), enquanto 11 docentes, representando 86% dos entrevistados apontam os anos de experiência como resultado das suas decisões em sala de aula, não considerando o trajeto percorrido para tal experiência. Imbernón (2010) relata que a profissão docente tem sua parte de individualidade, mas que também necessita de uma parte colaborativa, e esta encontra-se inserida na formação continuada (IMBERNÓN, 2010, p. 63).

Assim, a fala dos entrevistados nos sinaliza para a urgência em introduzir novas perspectivas e condições que implementem a formação continuada, contribuições além das provenientes de experiências compartilhadas por outros professores.

**Análise dos temas abordados e material utilizado nas formações da SEED sob a ótica dos professores de ciências e suas contribuições** – Para composição deste item foram realizadas as análises de Q7 (*Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?*) dando origem a categoria **C5** com três subcategorias, e de Q8 (*E como você relaciona o trabalho que realiza em sala com essa formação que você está recebendo? Existe alguma relação entre elas?*) emergiu a categoria **C6** – *Relações atribuídas à formação continuada e desenvolvimento do trabalho docente*, com duas subcategorias.

Anteriormente foi apresentado nos Quadros 1; 2; 3; e 4 (Oficinas ofertadas pela SEED no ano de 2015 a 2018), as temáticas oportunizadas no período de quatro anos (2014 a 2018) nas formações, lembrando que estas temáticas apresentavam livre escolha, ou seja, cada instituição teve a liberdade por optar por temas que contemplariam melhor sua necessidade local. Assim, após apresentação dos temas, a categoria **C5** apresenta as considerações dos professores acerca de suas contribuições.

---

**Tabela 11** – *Subcategorias da categoria C5 – Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?*

---

<b>Subcategoria</b>	<b>5.1:</b>	<i>Não</i>	<i>P1; P2; P3; P5; P10; P12;</i> <i>46% - 6 docentes</i>	<b>P1:</b> <i>Não, porque não tem muito a ver com a realidade do colégio e também com a disciplina em si, é um trabalho feito de modo geral né, que trabalha questão didática, porém muito ampla, muito vaga, então não tem direcionamento específico.</i> <b>P3:</b> <i>Não, não contribui para que a gente venha a desenvolver um bom trabalho, a gente acaba ficando na mesma situação antiga e rodando em torno de nós mesmos, a gente tenta solucionar os problemas com</i>
---------------------	-------------	------------	---	---

---

			<i>aquilo que nós temos em mãos e não com aquilo que é ofertado para nós para melhorar nossa qualidade de trabalho.</i>
<b>Subcategoria</b> <i>Considera parcialmente</i>	<b>5.2:</b>	<i>P4; P8; P11; P9; 30% - 4 docentes</i>	<b>P4:</b> <i>Contribui, eu acho que pode ser aprimorado, mas não é totalmente perdido, ele tem alguns temas, como por exemplo o da Educação Especial que retira bastante dúvidas quanto como é avaliar ou como compreender as necessidades dos alunos, mas existem pontos em que pode melhorar.</i> <b>P8:</b> <i>Muito pouco. Na maioria das vezes não aproveitamos nada.</i>
<b>Subcategoria</b> <i>respondeu / confunde formação com estudo e planejamento</i>	<b>5.3:</b>	<i>Não P6; P7; P13; 24% - 3 docentes</i>	<b>P7:</b> <i>Auxilia na confecção do plano de nivelamento né, uma coisa também, com a situação da escola, todos os anos eles informam né, frequência escolar, como que está o Ideb né, isso é importante porque a gente também se prepara melhor para anos que virão né, então a gente ver algumas coisas positivas sim.</i> <b>P13:</b> <i>Poderia ser melhor, a gente tem que resolver tudo, nunca falam se estamos certos ou não</i>

Giroux (1997) afirma que a formação de professores assume grande importância na implantação de propostas pedagógicas inovadoras, que implicam divergir a percepção sobre o conhecimento, orientando para a renovação das práticas no processo de ensino e aprendizagem, o que não é identificado nas palavras destes docentes. A subcategoria 5.1 aponta que 46% dos professores entrevistados (6 docentes) sequer acreditam que haja contribuições para o desenvolvimento de sua prática diária. Outros 30% (4 docentes) declararam contribuir parcialmente, porém que ainda há muito que melhorar (exemplo: Tabela 9 - P4). Entretanto, é após a análise da subcategoria 5.3 que se evidencia a precária instrução do professor, dos 11 entrevistados 3 deles confundem formação continuada com outro momento conhecido como “estudo e planejamento”. Esta visão errônea da formação insinua o quão falta

preparar o tutor destas atividades, já que não fica claro qual o objetivo e tão pouco a contribuição das formações. Diferente do que se espera, este modelo de formação não elucida os critérios fundamentais para o crescimento profissional destes docentes. Segundo Gatti (2011), a autora acredita que o professor precisa se reinventar para atender à demanda desse novo modelo, mesclando assuntos cotidianos a assuntos previstos nos currículos de base.

**Tabela 12** – Subcategorias da categoria C6 – Relações atribuídas à formação continuada e desenvolvimento do trabalho docente

<b>Subcategoria 6.1:</b> Não tem relação	P1; P3; P4; P7; P8; P10; P12; 53% - 7 docentes	<b>P1:</b> Olha, eu vejo que não, em parte deveria estar relacionada à formação do professor, porém como não é específico não vejo uma forma de estar relacionando. <b>P3:</b> Muito pouco, a única coisa que ajuda é na interdisciplinaridade, com relação às etnias que eu estava um pouco desatualizada, com relação às tribos indígenas, com relação à inclusão, mas isso é uma parcela muito pequena.
<b>Subcategoria 6.2:</b> Pouca relação / em casos específicos	P2; P4; P5; P6; P9; P11; P13; 47% - 6 docentes	<b>P2:</b> Eu tento relacionar pensando muitas vezes na questão da educação especial, da inclusão, que é um dos temas que a formação traz, tentando incluir todo mundo ali, um dos temas que levantam. <b>P11:</b> Em alguns casos. Se surgir situações em que você precisa debater, uma formação que tem a ver por exemplo nas oficinas que são da nossa disciplina, muitas vezes a gente acaba utilizando isto em sala de aula, reproduzindo.

Trivelato (2003) expõe que há necessidade de três importantes pontos para as formações: o primeiro, contextualização dos conteúdos, e seu tratamento a partir da proposição de situações problemáticas; neste ponto a Categoria **C6** evidencia uma possível defasagem, pois 56% dos entrevistados (7 docentes) não relaciona seu

trabalho com os temas ofertados (exemplo: Tabela 10, P1) e os outros 6 docentes (47%) afirmaram pouca relação ou apenas em alguns casos específicos. Os outros dois importantes pontos abordados pela autora são em torno do trabalho cooperativo entre os integrantes de um grupo e as contribuições de diferentes áreas do conhecimento para melhor aproximação da realidade. Apesar de constar em algumas das respostas, o fato de não ser realizadas formações direcionadas às suas disciplinas, são avaliados negativamente pelos professores, estes também consideram que a diversidade de disciplinas os distancia de suas reais necessidades.

Na sequência, objetivando a aplicabilidade do material pedagógico utilizado para as formações foi realizada a análise de Q10 da entrevista e está originou a Categoria **C7** - *Quanto ao material que é utilizado durante a “Formação em Ação”, ele possui uma fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre as experiências de sala de aula ou em atividades interdisciplinares que você realiza?* Desta categoria emergiram 3 subcategorias que instigam urgência por mudanças.

**Tabela 13** – Subcategorias da categoria C7 – Eficiência do material utilizado durante a “Formação em Ação”

<b>Subcategoria</b>	<b>7.1:</b>	<i>Não ajuda</i>	<i>P1; P5; P6; P7; P8; P10; P11; 54% - 7 docentes</i>	<b>P6:</b> <i>Não, não acho, é um material assim, que a gente preenche só para cumprir o protocolo.</i>
<b>Subcategoria</b>	<b>7.2:</b>	<i>Poucas vezes</i>	<i>P2; P3; P4; P7; P9; P12; 46% - 6 docentes</i>	<b>P7:</b> <i>Olha, alguns materiais sim, mas a grande maioria sinceramente, acaba se perdendo porque são materiais cansativos para ler e não refletem a realidade das nossas escolas, dos nossos alunos.</i>

Conforme Lima (2000), é preciso compreender que a formação contínua deve estar “a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento sistematizado, que possa oferecer a fundamentação teórica necessária para articulação com a prática criativa do professor em relação ao aluno, à escola e à sociedade” (LIMA, 2000, p. 32). O que não ocorre, segundo dados da Categoria 7. Apesar de o material ser rico em informações, ele não é obtido como algo que contribui para o professorado (exemplo: Tabela 13, P6), que indica 56% de insatisfação dos professores ao afirmarem que o material “*não possui uma fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre as experiências de sala de aula ou em atividades*

*interdisciplinares que você realiza*”. Outros 46% relatam que poucas vezes o material ofertado contribui com suas atividades. Estas alegações indicam a necessidade da participação do professorado na preparação também do material utilizado, visando combater a mera reprodução de práticas de ensino e valorizar as experiências vivenciadas em diferentes comunidades.

Muitos são os autores que expõem a deficiência na execução da formação continuada de professores, entretanto, identificar as lacunas por estas torna-se fundamental na busca por novos modelos que possam contribuir de forma mais significativa. Rosemberg (2002, p. 35), argumenta que “[...] a necessidade de continuidade do processo de formação dos professores situa-se no campo das possibilidades de se manterem vivas e de se atualizarem as aprendizagens anteriores, de construir e reconstruir o conhecimento no âmbito da sociedade em constante mutação”. Neste sentido, a análise da categoria originou a categoria **C8** composta por 3 subcategorias que indicam não apenas uma, mas sim diversas lacunas que, sob a ótica dos professores de ciências, são o que mais os distancia de obter êxito nos cursos de formação ofertados pela SEED.

**Tabela 14** – *Subcategorias da categoria C8 – Lacunas deixadas por esse modelo de “Formação” que você pode destacar?*

<b>Subcategoria 8.1:</b> Não apresenta material relacionado com a realidade escolar	8.1: Não P1; P3; P4; P7; P8; P10; P12; 54% - 7 docentes	<b>P3:</b> <i>Eu acho que quem prepara esses cursos não sabe a realidade de escola, quem prepara e quem oferece estas oficinas não conhece o rendimento escolar, não conhece as escolas do Paraná, não sabe quais são as necessidades que a gente enfrenta.</i> <b>P12:</b> <i>Eu acredito que a principal lacuna seria a falta de informação, falta de informação com relação à comunidade escolar, de cada escola em cada região do estado do Paraná, a gente não pode se referir somente a uma escola, mas em regiões e nós temos diversas regiões, diversas dificuldades.</i>
<b>Subcategoria 8.2:</b> Deveria ser específico da disciplina / falta prática	8.2: Deveria P5; P6; P9; P11; P13; 38% - 5 docentes	<b>P5:</b> <i>Eu acredito que se tivesse alguém da área específica de ciências</i>

*trabalhando conosco e não vindo com alguma coisa engessada lá da SEED, mas sim a parte da vivência de cada professor em trabalhar melhores maneiras de práticas pedagógicas eu acredito que isto ajudaria e muito.*

*P9: A prática. É muita teoria para pouca prática. Seria de muita utilidade se tivessem oficinas com pessoas capacitadas mesmo na área de ciências, para ensinar para gente aquilo que às vezes você deixou de aprender na faculdade ou que você aprendeu faz muito tempo e que agora é uma outra realidade na sala de aula e você precisa aprender a trabalhar de novo nesta realidade.*

---

**Subcategoria 8.3:** Não P2;  
respondeu 8% - 1 docente

---

A subcategoria 8.1 expressa como a maior lacuna existente o distanciamento entre o material e a realidade vivenciada pela comunidade escolar, representando 54% (7 entrevistados). Muitas vezes isto se deve ao fato de não haver estímulos para que ocorra uma reflexão crítica ou ainda a teorização da prática cotidiana.

Na subcategoria 8.2 acredita que as formações deveriam ocorrer por área/disciplina, demonstrando que 38% (5 docentes) não concorda com o atual modelo adotado, revelando em suas palavras que as formações desenvolvem atividades de forma fragmentada, propõe eventualmente grupos de estudos, entretanto, sem que ocorra qualquer acompanhamento ou ajuda aos docentes para que estes realizem uma melhor articulação entre teoria e prática como demonstrado no Tabela 14 - P5.

Apenas 8% (1 docente) não respondeu como demonstrado na subcategoria 8.3, contudo, esta porcentagem reflete uma possível falta de definição do referencial teórico-metodológico que subsidiam as formações.



### 4.3 METANÁLISE

Buscamos neste trabalho compreender a visão dos professores de Ciências do estado do Paraná sobre as formações ofertadas pela SEED/PR, entretanto, através da composição do referencial teórico evidenciamos que a literatura espera que estas formações permitam aos professores novas estratégias, colocando os profissionais a par das discussões teóricas atuais afim de contribuir significativamente com a melhoria da qualidade do ensino e da ação pedagógica no contexto escolar, propondo que tais formações trabalhem a partir da realidade onde a escola está inserida, de forma coletiva, pautados no diálogo, no debate, no consenso, favorecendo o trabalho colaborativo. Muitos pesquisadores como Candau, Nóvoa, Imbernón, entre outros citados neste trabalho, apresentam argumentos que estabelecem a necessidade de introduzir novas perspectivas e condições que implementem a formação continuada, oferecendo bases que envolvam o conhecimento pedagógico, não se abstendo de situações recorrentes do ambiente escolar.

Sabe-se que Formação Continuada ingressou no Brasil e tomou forma a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996), e visa a valorização dos profissionais da educação, assim como uma política para o magistério de melhor qualidade, e em seu art. 64 assegura a formação continuada a todos os profissionais que prestam serviço a qualquer rede de ensino, pensando justamente na possibilidade de crescimento profissional dos professores, tendo como principal objetivo o de adaptar a formação dos professores aos novos tempos e às novas demandas educacionais. Neste seguimento, a SEED (Secretaria da Educação e do Esporte do Paraná) tornou-se o órgão responsável pela elaboração do programa de formação e distribuição do material didático-pedagógico aos professores, contendo roteiro de ações desenvolvidos pela própria Secretaria de Educação, cuja proposta baseia-se em promover a formação continuada através de conteúdos curriculares e específicos da demanda regional, onde a equipe pedagógica da escola deve optar por oficinas que atendam às necessidades de sua escola e de sua equipe, Desta forma, pressupondo o envolvimento de todos os profissionais da escola (professores, agentes educacionais, equipe pedagógica e diretiva) e objetivando promover ações pedagógicas e reflexões sobre os desafios educacionais, a formação continuada no estado do Paraná almeja resultados positivos através de oficinas denominada como “Formação em Ação”. Assim, pautados nestas afirmações, nos resta assegurar se

estas vem ao encontro do que de fato é proposto aos professores de ciências da SEED/PR.

A análise dos dados correspondentes as respostas do **Grupo 1 (questionário)** possibilitaram mensurar o posicionamento dos professores quanto à *Formação em Ação* (Categorias 1 e 2), enfatizando tais análises expõe a visão de professores de 26 NREs, sendo assim, concluiu-se que a maioria dos docentes apresenta uma certa “indiferença” quanto à realização e participação nestas formações sendo classificada como “regular” por 79 docentes. Neste quesito era possível optar entre: regular; bom; ótimo ou ruim. Ainda assim, mesmo somando os termos “bom” e “ótimo”, estes corresponderam a menos de 50% dos participantes, enquanto que as avaliações identificadas como “ruim” apresentaram 42 ponderações negativas. Estas alegações confirmam o exposto no referencial teórico que reflete quase exclusivamente que as formações têm priorizado a teoria, ora com atividades, afastando os professores de sua realidade escolar.

Nesse contexto, ficou nítido que independente da região do Paraná, os tutores destas formações aparentam não ter recebido as orientações necessárias para aplicar as atividades, segundo as orientações contidas no MOP, já que nenhum dos professores soube informar corretamente quando questionado quem era o responsável pela elaboração das formações ofertadas. Mediante as informações do MOP (2007) a equipe da Coordenação de Formação Continuada (CFC) ficou responsável por assessorar, por meio do Sistema de Capacitação dos Profissionais da Educação (SICAPE), o planejamento das oficinas, bem como as medidas para sua realização (MOP – 2014, v. 4, p. 48), preparando os técnicos e professores selecionados pelas escolas para desenvolverem as atividades.

Em relação as categorias *Participação e Motivação* (Categorias 3 e 4) identificamos que a maioria dos docentes participaram de todas as formações ofertadas no período estipulado, porém, embora ocorra vigorosamente a participação dos professores os motivos ou objetivos da assiduidade na “Formação em Ação” estão relacionadas ao plano de carreira do professor, bem como pela obrigatoriedade de presença estar relacionada a ser um dia letivo.

Evidenciamos por meio das alegações anteriores quais seriam os possíveis aspectos que envolvem e compõem uma possível *Análise do Problema e Planejamento* (Categorias 5) que evidenciaram os principais recursos que subsidiam as formações, caracterizando o perfil metodológico utilizado durante as formações e

constatando se ocorrem momentos de troca de experiências e contribuições com a prática docente como estipulado pelo MOP (2014). Assim, concluiu-se que as propostas ofertadas eventualmente colaboram com a prática pedagógica dos docentes, expondo a necessidade de abordar ações concretas e projetos curriculares efetivos, atentando para a realidade escolar. Entretanto deve-se considerar como necessidade docente, tanto a área pedagógica como os específicos da sua área, e que isso implica em garantir conhecimento básico que atenda a formação continuada de professores em serviço, bem como a formação dos professores de ciências.

Os resultados acima expostos nos permitiram confrontar sistematicamente o modo como ocorrem as formações através dos dados obtidos nas respostas do **Grupo 2 (entrevista)**. Tal análise possibilitou evidenciar as ideias apresentadas pelos professores acerca de quatro temas. Deste modo, a temática *O que é formação continuada* (Categoria 1 e 2) traz a análise das ideias apresentadas pelos professores apontado resquícios de um caráter mais tecnicista e transmissivo para o que pode ser a formação, ou seja, acredita-se que este deva ser um momento em que o professor vai ser atualizado em relação ao conteúdo ou ainda, que um agente externo possa trazer possibilidades de superação de problemas da escola e da sala de aula, bem como diferentes atividades práticas, o que, conforme apresentado por Gauthier *et al.* (2006), compreende uma dimensão importante para ser considerada na formação, porém não única, considerando a complexidade que é o trabalho do professor.

Como já constatado anteriormente, existe a obrigatoriedade de participação nestas formações podendo haver punições aos que não se fizerem presentes, entretanto, buscamos considerar quais seriam as possibilidades de existir na fala dos professores entrevistados outras motivações, entretanto, estes também não demonstraram motivação ou quaisquer outros estímulos. A maioria dos professores 61% (8 docentes) deste grupo também alegaram a participação por obrigatoriedade, podendo acarretar prejuízos na linha funcional (plano de carreira) do professor ou ainda resultar em desconto salarial. Também foi identificado a participação devido à promoção/progressão, o que, em outras palavras, também diz respeito à linha funcional e salarial do professor, apresentando unanimidade das participações por motivos divergentes aos que realmente são os propósitos da formação continuada.

Constatou-se também que estes docentes demonstraram descontentamento em relação as *Contribuições da Formação em ação ofertadas aos professores de ciências* (categoria 3 e 4), assim como os docentes do Grupo 1, foram observados

resquícios de ensino tecnicista, que prioriza a busca por respostas prontas, como se houvesse um roteiro a seguir, deixando de considerar as necessidades de articular teoria e prática na formação continuada de professores, e que apesar dos avanços a dicotomia entre elas ainda se mantém. Percebeu-se ainda que a confrontação de experiências entre os professores, que é proporcionada quando ocorre o direcionamento para a disciplina de ciências, é vista primordialmente não como um momento próprio da formação, mas sim como um desabafo e descontração entre os professores. Porém o que mais preocupa é que muitos docentes não compreendem os objetivos das formações e inclusive o confundem com outro momento oportunizado na escola, que é o de estudo e planejamento, mesmo que em calendário escolar ambos ocorram em momentos distintos, indicando despreparo do mediador ou professor formador não atingindo os objetivos propostos para o momento, permitindo compreender a desvalorização em que é atribuída pelos professores para este modelo de formação continuada.

Ao refletir sobre o fato de a experiência estar correlacionada aos conhecimentos auferidos nos cursos de formação continuada, os docentes apontam os anos de experiência como resultado das suas decisões em sala de aula, não considerando o trajeto percorrido para tal experiência. Também não consideram importante os *Temas abordados nos cursos de formação* (Categoria 5 e 6) demonstrando não haver contribuições para o desenvolvimento em sua prática diária. Entretanto, é após a análise da subcategoria 5.3 que se evidencia a precária instrução do professor, onde é notório que o próprio docente não compreende o que é a formação continuada. O que novamente nos leva a acreditar que falta preparo para o tutor destas atividades, já que não fica claro qual o objetivo e tão pouco a contribuição das formações. Diferente do que se espera, este modelo de formação não elucida os critérios fundamentais para o crescimento profissional destes docentes, podendo ser acrescido como uma das grandes lacunas deste modelo. Entretanto, *O que os professores apontam como lacunas que percebem em relação à formação* (Categoria 7 e 8) encontra-se o material disposto, que apesar de ser rico em informações, não é obtido como algo que contribui para o professorado indicando insatisfação dos professores ou ainda que este poucas vezes contribui com suas atividades. Porém, estas alegações indicam a necessidade da participação do professorado na preparação também do material utilizado, visando combater a mera reprodução de práticas de ensino e valorizar as experiências vivenciadas em diferentes

comunidades, muitas vezes isto se deve ao fato de não haver estímulos, ou mesmo o tempo para que ocorra uma reflexão crítica ou ainda a teorização da prática cotidiana, contudo, isto reflete uma possível falta de definição do referencial teórico-metodológico que subsidiam estas formações.

## CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu de uma inquietação própria de minha prática docente, de minhas vivências como acadêmica e professora.

A formação continuada sempre chamou minha atenção desde o momento em que passei a pertencer ao quadro de professores efetivos da Secretaria de Educação do estado do Paraná. Após três anos de trabalho, passei a refletir acerca de como eram feitas as escolhas dos temas/oficinas, os objetivos destas formações, se atendiam as expectativas de aprendizagem, entre outras indagações. Desde então, tenho buscado a compreender em quais aspectos a Formação Continuada presencial dos Professores de Ciências do Estado do Paraná favorece o desenvolvimento profissional dos Professores de Ciências, se de fato estas formações contribuem de para a melhoria da prática pedagógica.

Assim sendo, optamos por estudar referenciais teóricos relacionados à formação de professores, o que estes referenciais indicam com relação ao que é formação em serviço bem como seus aspectos. Também foi aqui apresentado um detalhamento de como a secretaria de educação/SEED apresenta estes cursos de formação, e para que fosse possível elucidar as questões que norteiam esta pesquisa foram utilizados dois instrumentos de obtenção de dados, sendo, questionário e entrevista. No questionário foram identificadas visões mais amplas dos educadores, enquanto a entrevista permitiu um maior detalhamento da visão destes docentes quanto as formações ofertadas pela SEED/PR.

A primeira questão norteadora “*Em quais aspectos a Formação Continuada presencial dos Professores de Ciências do Estado do Paraná favorece o desenvolvimento profissional dos Professores de Ciências?*”, favorece o desenvolvimento profissional dos Professores de Ciências, entretanto, os dados analisados indicam não haver contribuição, tanto a compreensão geral apresentada pelos participantes do questionário online como pelo olhar sistemático dos entrevistados.

A segunda questão norteadora “*De que modo a atual proposta de formação oportuniza aos docentes engajamentos sobre a prática pedagógica?*”, demonstra mais uma vez que o modelo proposto pela SEED apesar de estar teoricamente em conformidade com o proposto pelo MOP (2014) ou ainda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, foi avaliado como algo que não contribui para o

professorado indicando insatisfação dos professores ou ainda que este poucas vezes contribui cotidianamente com atividades. Em função disto, os dados analisados indicam que ainda há uma grande necessidade de se pensar na forma como são propostos estes cursos de formação, tanto pela compreensão dos professores que ainda possuem uma visão muito apegada aos aspectos metodológicos, não apresentando clareza ao propósito da formação continuada, refletindo a busca apenas por metodologias, técnicas “aulas prontas”, quanto pelo próprio desenvolvimento dos cursos, indicando ineficiência dos aplicadores/formadores que não apresentam propriedade nos cursos que ministram, desconhecendo os materiais elaborados e distanciando cada vez mais a formação dos seus reais objetivos. Entretanto, as temáticas apresentadas nas oficinas durante as formações fazem parte de um conteúdo procedimental e atitudinal estabelecidos para atender uma demanda de caráter social. Neste caso, mesmo as temáticas não atendendo diretamente os conteúdos pedagógicos relacionados a disciplina de biologia/ciências, são essenciais quanto as questões inclusivas, democráticas, propondo valores, liberdade e justiça.

Em conformidade com os dados apresentados, os professores buscam uma formação não somente neste viés procedimental, mas também, que apresente atualizações sobre o conteúdo. Como pesquisadora e também professora da rede de ensino público, digo que é necessário apresentar uma proposta reformulada, associando estas questões diversas que a secretaria apresenta com os conteúdos de ciências, atualizando o professor, principalmente aqueles que se formaram a muito tempo, que acompanhe o desenvolvimento científico e tecnológico usadas no meio biológico, com um acompanhamento de fato contínuo, seja com grupo de pesquisas, com reuniões para troca de experiências e sugestões, que coloque o docente em um contexto de universidade, pluralidade, que ajude de fato o professor a lidar com as questões formativas e educativas dos alunos em conformidade com as necessidades educativas do meio social e estrutural onde está inserida a instituição. Enfim, são diversas as necessidades para serem supridas nas formações, como por exemplo, temáticas relacionadas as metodologias da educação, teorias de aprendizagem, de aprendizagem significativa. Digo que é possível abrangem uma maior esfera relacionada a ação docente, pois, só uma reflexão sistemática e continuada é capaz de promover a dimensão formadora da prática.

Por fim, após as idas e vindas, muitas leituras, orientações e troca de experiências com os colegas do grupo de pesquisa GEPEC/UEL, me deparei com um

questionamento levantado pelo autor John Dewey "*Quando se diz que um professor tem dez anos de experiência, será que tem mesmo? Ou tem um ano de experiência repetido dez vezes?*" Assim, apresento este trabalho como um indicativo para pesquisas futuras alegando ser necessário um olhar criterioso sobre os professores formadores e/ou tutores responsáveis pela aplicação das formações, como se dá o processo de seleção destes profissionais, o que eles entendem sobre o curso que ministram e a forma que os propõem ao professorado.



## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. - 8.ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

AMARAL, I. A. Currículo de ciências: das tendências clássicas aos movimentos atuais de renovação. In: BARRETO, E. S. (Org.). **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. Campinas: Autores Associados, 1998. p. 201-232.  
escolas brasileiras. Campinas: Autores Associados, 1998. p. 201-232

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Centro Gráfico do Senado Federal, 1988. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Rede/catalog\\_rede\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Rede/catalog_rede_06.pdf). Acesso em: 21 maio 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases** – Lei 9394/96 | Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/96). In: Brasil. **Ministério da Educação**. Secretaria de Ensino Médio. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMT, 1999<sup>a</sup>, p. 39-57.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**. Referenciais para a Formação de Professores. Brasília: SEF/ MEC, 1999.

BRASIL, **MEC, CNE/CP no. 2 de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).

CANDAU, V. M. F. Formação continuada de professores: tendências atuais. In:

CANDAU, V. M. F. **Magistério, construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 51-68.

CHAVES, Marta. Formação contínua e práticas educativas: possibilidades humanizadoras. In.: **Educação e Desenvolvimento humano** – Contribuições da abordagem histórico-cultural para a educação escolar. Jundiaí: Paco Editorial, 2014

FEIMAN-NEMSER, S. **Teacher Preparation: Structural and Conceptual Alternatives**. R. Houston (ed.). Handbook of Research on Teacher Education. N. York: MacMillan, 1990.

FLICK, U. (2009). **Introdução à pesquisa qualitativa**. (3.ed). Porto Alegre: Artmed.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FULLER, F. F. and BROWN, O. H.; Becoming a Teacher. in Kevin Ryan, ed., **Teacher Education** - Yearbook N. S. S. E.. Chicago: University of Chicago Press, pp. 25-52. 1975

GATTI, B.A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf). Acesso em: 14 out. 2020

GATTI, B.A.; BARRETTO, E. S. de S.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília, DF: UNESCO, 2011.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

GIL-PÉREZ, D. Orientações didáticas para a formação continuada de professores de Ciências. In MENEZES, L. C. (Org.). **Formação Continuada de Professores de Ciências no âmbito ibero-americano**. Coleção Formação de Professores. Tradução de Inés Prieto Schimidt, S. S. Campinas: Autores Associados; São Paulo: NUPES, 1996.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HYPOLITO, A. M. BNCC, agenda global e formação docente. **Revista retratos da escola**, v.13, no. 25, 2019, p. 187-201. Disponível em: [https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/403083/mod\\_resource/content/1/BNCC%2C%20Agenda%20Global%20E%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Docente.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/403083/mod_resource/content/1/BNCC%2C%20Agenda%20Global%20E%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Docente.pdf)  
Acesso em 24 fevereiro de 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. 2018. **Unidades Territoriais do Nível Região Metropolitana**. Disponível em < <https://sidra.ibge.gov.br/territorio#/N7>> Acesso em 12 de nov. 2020.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. IPARDES. **Caderno Estatístico Município de Apucarana**. Ago. 2019. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86800&btOk=ok>  
Acesso em 15 jan. 2020.

KRAMER, R. **Alfabetização, leitura e escuta: formação de professores em curso**. São Paulo, 2002

LIBÂNEO, José C.; OLIVEIRA, João F.; TOSCHI, Mirza S. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Maria Socorro Lucena. A formação contínua do professor nos caminhos do desenvolvimento. (**Tese de doutorado**). Faculdade de Educação - USP, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MORAES, R. A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Educação**, ano XXII, n. 37, p. 7-31, mar. 1999.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. 224p.

MORAES, R., GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual: discursiva**. 3. ed. Revisada e Ampliada. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Os professores e sua formação. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992a.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (org) **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Editora Porto, 1999.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA, 2002.

NÓVOA, A. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PARANÁ. **Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral**. Projeto Multissetorial Para Desenvolvimento do Paraná: Manual Operativo Do Projeto - MOP. Curitiba, 2014. v. 4 (Documento dos Programas do Setor de Educação). Disponível em: [http://www.planejamento.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos%20PDF%20MOP/Manual\\_Operativo\\_Volume\\_4\\_Educacao.pdf](http://www.planejamento.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos%20PDF%20MOP/Manual_Operativo_Volume_4_Educacao.pdf) Acesso em: 10 jan. 2021.

PARANÁ. **Secretaria De Educação do Estado do Paraná**. 2017? Disponível em: <http://www.nre.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=755>. Acesso em: 19 jul. 2019.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, S. G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

ROSEMBERG, D. S. **O processo de formação continuada de professores: do instituindo ao instituinte**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: WAK, 2002.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SELLES, S. E. Formação continuada e desenvolvimento profissional de professores de ciências: anotações de um projeto. **Ensaio** - Pesquisa em Educação em Ciências Volume 02/ Número 2, 2002.

SELLES, S. E. Editorial: A BNCC e a resolução CNE/CP no 2/2015 para a formação docente: a “carroça na frente dos bois”. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, vol. 35, no. 2, 2018, p 337-344.

SOUZA, R. L. L. **Formação continuada de professores e professoras do município de Baueri: compreendendo para poder atuar.2007**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TRIVELATO, S. L. F. **Ciência, Tecnologia e Sociedade – mudanças curriculares e formação de professores**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1993.

TRIVELATO, S. L. F. Um programa de Ciências para Educação continuada. In CARVALHO, A. M. P. de (Org.). **Formação continuada de professores: uma releitura das áreas de conteúdo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

APÊNDICE 1 – **Questionário (on-line)** - Dados sobre o(a) Professor(a):

Formação em Ação: Cursos ofertados pela SEED/PR na ótica de Professores de Ciências

Caro (a) Professor (a)

Meu nome é Karina Eskildsem, faço parte do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, onde sou orientada pela professora Dr<sup>a</sup> Mariana A. B. S de Andrade, no curso de Ensino em Ciências e Educação Matemática. Este questionário é parte de uma pesquisa para minha dissertação de mestrado, cuja finalidade busca identificar entre os professores do Paraná ideias acerca dos cursos relacionadas a formação continuada de professores, mais precisamente sobre a “Formação em Ação”, e sua participação é de suma importância.

OBS.: Este questionário não possui questões que permitam identificar os participantes. Portanto, os professores que aceitarem participar não terão suas informações divulgadas.

1. Curso de graduação: \_\_\_\_\_

2. Ano em que graduou: \_\_\_\_\_

3. Possui Curso de Pós-Graduação:

Não ( ) Sim ( ) Concluído ( ) Em realização ( )

4. Titulação:

( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

5. Qual a sua carga horária de trabalho semanal atual:

( ) 20h/a ( ) 40h/a ( ) Outros: \_\_\_\_\_

6. Em qual (ais) período (s) você leciona:

( ) Manhã ( ) Tarde ( ) Noite

7. Série (s) para a (s) qual (ais) você leciona atualmente: \_\_\_\_\_

8. Em quantas escolas você leciona atualmente: \_\_\_\_\_

9. Há quantos anos você leciona para a SEED/PR:

( ) 1 a 5 ( ) 5 a 10 ( ) 10 a 15 ( ) 15 a 20 ( ) 20+

10. Qual (ais) material (ais) didático (s) que você mais utiliza?

( ) Livros ( ) internet ( ) slides ( ) laboratório ( ) outros/quais:

11. Em relação a formação continuada “Formação em Ação” ofertada pela SEED, como você classifica:

( ) Ruim ( ) Regular ( ) Bom ( ) Ótima

12. Você saberia dizer quem prepara/coordena esses cursos de formação? Justifique:

( ) Sim \_\_\_\_\_

( ) Não Sei

13. Você participou dos cursos de Formação continuada “Formação em Ação” para professores nos anos de 2014 até 2018? ( ) Sim ( ) Não

14. Sobre a questão anterior, qual o motivo ou objetivo da sua assiduidade?

( ) Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.

( ) Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.

( ) Participo apenas para receber promoção/progressão.

Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação.

Outros: \_\_\_\_\_

15. Como é realizado a "Formação em Ação" na (s) escola (s) em que você trabalha?

Grupos de Estudo  Oficinas  outros: \_\_\_\_\_

16. Como você avalia sua participação durante as formações?

Colaboro totalmente  Colaboro parcialmente  Não colaboro

17. Você acha que as formações ofertadas pela SEED/PR apresentam propostas que colaborem com sua prática pedagógica?

Sempre  Eventualmente  Nunca

18. Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

## APÊNDICE 2 – Entrevista:

1. A quanto tempo você trabalha para a SEED?
2. Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?
3. O que o você entende como Formação Continuada?
4. Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED? Quem?
5. Como você avalia sua participação nas formações que participou?
6. Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas?
7. Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?
8. Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?
9. Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:
10. De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?
11. Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?
12. Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?
13. Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?
14. Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?
15. Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?
16. Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?
17. O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

## Anexo 1 – Resultados do Questionário (na íntegra)

## Q3. Possui Pós-graduação?

Sim	168 respostas
Não	8 respostas
Perguntas em branco	3 respostas

## Q4. Titulação:

Especialização	116 respostas
Mestrado	37 respostas
Doutorado	6 respostas
Pós-Doutorado	1 respostas
PDE	14 respostas
Licenciatura	3 respostas
Em branco	2 respostas

## Q5. Qual a sua carga horária de trabalho semanal atual?

40h/a	18 respostas
20h/a	37 respostas
20 – 30h/a	8 respostas
30 – 40h/a	7 respostas
40h/a (+)	3 respostas
20h/a (-)	6 respostas

## Q6. Em qual (ais) período (s) você leciona?

Manhã -Tarde – Noite	53 respostas
Manhã – Tarde	81 respostas
Manhã – Noite	12 respostas
Tarde – Noite	7 respostas
Manhã	12 respostas
Tarde	9 respostas
Noite	5 respostas

## Q7. Série (s) para a (s) qual (ais) você leciona atualmente?

Somente Ensino Médio	24
Somente Ensino Fundamental	104
Somente EJA	2
Ensino Fundamental e Médio	35
Ensino Fundamental e EJA	5
Ensino Médio e EJA	2
Ensino Médio, Fundamental e EJA	2
Ensino Médio e Superior/Técnico	2
Direção	3

## Q8. Em quantas escolas você leciona atualmente?

1	68
2	67
3	31
4 (+)	13

## Q9. Há quantos anos você leciona para a SEED/PR

20 anos (+)	53 respostas
10 a 15 anos	39 respostas
5 a 10 anos	31 respostas
1 a 5 anos	29 respostas
15 a 20 anos	27 respostas

Q10. Qual (ais) material (ais) didático (s) que você mais utiliza em suas aulas? (os professores poderiam selecionar mais de um recurso).



Livros	162 – 90,5%
Internet	125 – 69,8%
Datashow	137 – 76,5%
Laboratório	90 – 50,3%
Quadro-negro	159 – 88,%
Outros recursos (mapas físicos, jogos, seminários, etc.)	1 – 0,6%

Q11. Em relação a formação continuada “Formação em Ação” ofertada pela SEED, como você a classificaria:

Regular	79 respostas
Bom	53 respostas
Ruim	42 respostas
Ótima	5 respostas

Q12. Você saberia dizer quem prepara/coordena esses cursos de formação?

Não	99 respostas
Sim	80 respostas

Q13. Justifique sua resposta na questão anterior:

Não sei	26
Seed	54
NRE	16
Equipe pedagógica	8
Direção e Pedagogos	6
Não é informado	12
Não tenho conhecimento	16
Equipe de coordenação de formação continuada da disciplina	9
Professora Sandra ???	1
Os nomes dos constam ao final do curso	3
Mantenedora	1
Equipe disciplinar seed/nre	5
Vem o material pronto para ser aplicado, no entanto nunca se teve participação na elaboração do mesmo	16
Em branco	2
Fabiano Villatore	1
Cecília ???	1

Q14. Você participou dos cursos de Formação Continuada “Formação em Ação” para professores nos anos de 2014 até 2018?

Sim	140 respostas
Parcialmente (mais de 50%)	27 respostas
Parcialmente (menos que 50%)	6 respostas
Não	6 respostas

Q15. Sobre a questão anterior, qual o motivo ou objetivo da sua assiduidade?

1. Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.
2. Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.
3. Participo apenas para receber promoção/progressão.
4. Participo por ser obrigatório pois não contribuí em nada para minha formação.

**Quantidade total de em que alternativa foi selecionada:**

Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.	115
--	-----

Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.	43
Participo apenas para receber promoção/progressão.	39
Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação.	37

**Quantidade de vezes em que a alternativa foi selecionada individualmente:**

Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.	71
Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.	7
Participo apenas para receber promoção/progressão.	14
Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação.	22

**Quantidade de repostas obtidas para as alternativas**

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
2Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.  
3Participo apenas para receber promoção/progressão. [3 repostas](#)

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
2Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.  
4Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação. [2 repostas](#)

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
3Participo apenas para receber promoção/progressão.  
4Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação. [1 resposta](#)

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
2Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina. [28 repostas](#)

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
3Participo apenas para receber promoção/progressão. [9 repostas](#)

1Receber informação e orientação de como melhorar minha prática pedagógica de forma interdisciplinar.  
4Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação. [1 resposta](#)

2Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.  
3Participo apenas para receber promoção/progressão. [2 repostas](#)

2Através da “Formação em Ação” que me atualizo sobre assuntos que não são diretamente da minha disciplina.  
4Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação. [1 resposta](#)

3Participo apenas para receber promoção/progressão.  
4Participo por ser obrigatório pois não contribui em nada para minha formação. [10 repostas](#)

Q15. Observação feita por alguns professores:  
Grupo 1 A: Acredito que sempre será diferente, porém....  
Grupo 1 A: Também pela necessidade de pontuação.

Grupo 1 A: Participo no intuito de poder desenvolver as propostas ofertadas e ainda transformá-la em uma abordagem que utilizo em sala de aula. Da forma mais dialética possível.

Grupo 1 A: Para receber informações sobre o andamento da escola durante o ano letivo, para iniciar o planejamento, porque sou obrigada (sendo um dia de trabalho) etc.

Grupo 1 A: sempre que participo, espero ter algo bom para poder aplicar em sala, porém o tempo nunca é suficiente, e plataformas EAD não funcionam para quem não tem tempo de sentar e ler teto e assistir vídeos, além disso os vídeos são de péssima qualidade.

Grupo 1 A: Participo por ser obrigatório, e porque faço nesses dias meu planejamento dentro da "moda" que inventam no ano.

Grupo 1 A: Objeção quanto à forma interdisciplinar (não me lembro).

Grupo 1 A: Sempre se discute as mesmas coisas e não se tem mudança. Não se tem um plano de ação.

Grupo 1 A: Compartilhado que condigo fazer, apesar das frustrações.

Grupo 1 A: Participo para me aprimorar e para obter pontuação para promoção.

Grupo 1 A: É desmotivador

Grupo 1 A: Participo por ser obrigatório, pois a contribuição para a formação é pequena.

Grupo 1 A: Desisti de participar.

Q16. Como é realizado a "Formação em Ação" na (s) escola (s) em que você trabalha?

Grupos de Estudo [94 respostas](#)

Oficinas [46 respostas](#)

Palestras [28 respostas](#)

Não sei dizer [1 resposta](#)

Raramente palestra - que são ótimas, agregam muito no conhecimento e métodos para lecionar [1 resposta](#)

Não sei responder. [1 resposta](#)

Todas opções. [1 resposta](#)

Feita pelas pedagogas, as vezes uma palestra interessante. Na maioria das vezes para prestar contas a seed.... Nada que resolva, um "faz de conta". [1 resposta](#)

Leitura de textos, oficina as vezes. [1 resposta](#)

Mas é variado, dependendo da escola. [1 resposta](#)

As três opções acima são válidas, visto que a metodologia varia com o tema. [1 resposta](#)

Grupo de estudos, oficinas, palestras e parte individual na escola. [1 resposta](#)

Somente leitura de dados e realimentação de plano de ação da escola. [1 resposta](#)

É variado, realizado em forma de oficina, palestra e grupo de estudo. Cada ano de uma forma diferente. [1 resposta](#)

Q17. Como você avalia sua participação durante as formações?

Colaboro totalmente [106 respostas](#)

Colaboro parcialmente [63 respostas](#)

Não colaboro [5 respostas](#)

Não participei [1 resposta](#)

Colaboro no que for pedido. [1 resposta](#)

Estou presente. [1 resposta](#)

Não participei da formação. [1 resposta](#)

Às vezes é tão chato que não dá vontade de contribuir. [1 resposta](#)

Q18. Você acha que as formações ofertadas pela SEED/PR apresentam propostas que colaborem com sua prática pedagógica?

Eventualmente [125 respostas](#)

Sempre [30 respostas](#)

Nunca [16 respostas](#)

Quase nunca é específico, com temas relacionamos a minha formação. A formação é preparada de forma genérica, sem relação com as ciências. [1 resposta](#)

Algumas vezes sim, mas a maioria das vezes deixa muito a desejar. [1 resposta](#)

É necessário que sejam elaboradas palestras, Gincanas para interação e relaxar. Assim instiga o professor a trabalhar melhor. [1 resposta](#)

Muito raramente. [1 resposta](#)

Nos últimos anos não colabora com a formação de nenhum professor. [1 resposta](#)

Muitas das vezes essas formações são em horário de aula. [1 resposta](#)

Às vezes. [1 resposta](#)

Nunca participei. [1 resposta](#)

Q19. Como você relaciona o trabalho que você realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Recebemos informações sobre o desempenho dos alunos, projetos e durante o ano tentamos fazer o melhor possível para que nossos alunos tenham bons resultados. É muito difícil ensinar quem não quer aprender, teria que ter algum trabalho efetivo sobre a questão de respeito e disciplina dos alunos em sala e com seus estudos. Perde-se muito tempo em conversas, revisões. Tenho impressão que nós temos que fazer até milagres para que nossos alunos aprendam e eles reclamam até se sobrar algum exercício para terminar em casa. Então sugiro que as formações deveriam levar em conta a disciplina dos alunos. Gostaria de trabalhar robótica, construção de jogos para internet, desenhar figuras em 4 d, em 5 d, usos de fractais são alguns assuntos que não tivemos em nossa formação. [2 respostas](#)

Sempre é de grande utilidade as dicas e ideias, para um melhor aproveitamento e aplicação em sala de aula. [2 respostas](#)

Muito bom. [2 respostas](#)

Bom [4 respostas](#)

Acredito que para colocar em prática algumas ideias ainda precisamos de tempo para planejamento e acesso a materiais. Lembro que quando tínhamos mais horas atividades dava mais tempo de organizar laboratório ou preparar material para levar para a sala, Pela necessidade de completar padrão em várias escolas nos demanda tempo de deslocamento, se você é professora de escola pública, deve saber que muitos materiais, para práticas, compramos do próprio salário, que nem toda escola possui internet boa, e impressão gratuita, então o investimento para uma boa aula, considerando que o tempo junto aos alunos é curto e temos que levar preparado, nos custa mais tempo e dinheiro, Portanto, acredito que além de investir em formação de qualidade, o estado nos permita colocar em prática na atual situação, não temos ânimo, condições financeiras e nem tempo para isso. [1 resposta](#)

Bem diferente. O Método de ensino aprendizagem não deve ser como está nos planos de aula do colégio. Os alunos querem aulas dinâmicas, querem coisas novas. Estamos passando por uma reestruturação do mercado de trabalho com a indústria 4.0, nesse sentido o professor deve se utilizar de recursos como pílulas tecnológicas, sala de aula invertida, gamificação. Essas ferramentas podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem não tornando as aulas chatas e consequentemente desestimula o aluno a aprender. Os professores estão atrasados, não se reciclam, não se renovam, não aprendem coisas novas, estão no estilo tradicional, ultrapassado. A educação precisa passar por mudanças. [1 resposta](#)

Não recebemos formação para trabalhar com alunos cegos, surdos, altas habilidades, autismo, etc., mas sempre nos deparamos com alunos que necessitam de uma atenção especial. Neste sentido a formação não ajuda em nada, temos que nos virar sozinhos. Nem para nova BNCC veio uma orientação específica de como proceder. Tem lá o referencial com os conteúdos no site da Seed mas formação mesmo não teve. Bem diferente de quando eram as DCEs. Foram muitas formações e orientações por muitos anos a fio... [1 resposta](#)

Meu trabalho em sala de aula está relacionado a formação que busco fora da SEED. Infelizmente são poucos os cursos que a secretaria oferece que contribui qualitativamente para a melhoria da educação. Um grande agravante é não aceitar que o professor precisa de tempo/afastamento para qualificação profissional. A mesma não incentiva o contato com as universidades, não proporciona licenças para os professores e está desatualizada sobre as necessidades em sala. [1 resposta](#)

O material para estudo ou análise é algo fora da nossa realidade, quando vem um tema, na maioria das vezes já é de trabalhos que realizamos, nada que vem acrescenta na prática pedagógica, precisamos de cursos de atualização com propostas de metodologias diferenciadas, algo que facilite nosso trabalho e não ficar discutindo sobre avaliação. Isso já é feito a mais de 20 anos e nada mudou. [1 resposta](#)

Toda formação recebida, contribui de alguma forma com a prática pedagógica. Algumas mais, outras menos, de acordo com a nossa realidade. Procuro não ficar no comodismo e estar sempre inovando, quando possível, uma vez que a docência não se resume apenas a preparação e aplicação de aulas. Também não me limito apenas a formações ofertadas pela SEED. [1 resposta](#)

---

O que me deixa muito insatisfeita com a formação é que está muito fora da realidade em sala de aula. Quem propõe, não está na sala de aula. Tudo é perfeito para quem está sentado em uma mesa com ar condicionado, teorizando que os alunos estão na escola desesperados para aprender. Esquecem que nem tudo é como a propaganda do governo [1 resposta](#)

---

Infelizmente não relaciono devido às atuais condições de trabalho dos professores, como falta de materiais, muitos alunos em sala, laboratórios precários sem manutenção, ou escolas sem laboratórios, falta de verba para o professor elaborar aulas com materiais diferenciados, culminando em alunos e professores desmotivados. [1 resposta](#)

---

Meu trabalho depende do meu esforço e da minha dedicação, raramente a SEED traz algo novo. Ultimamente só cobram, mas não dão recursos à escola e ao professor. Sem falar na quantidade de aulas semanais de ciências e biologia, é muito pouco, para muito conteúdo, e raramente se consegue fazer uma aula prática. [1 resposta](#)

---

Ela se apresenta como elemento que pode levar à reflexão sobre a minha prática pedagógica, por vezes posso utilizar alguns dos mecanismos trabalhado pelo coletivo dos professores para proporcionar aos meus alunos, conhecer o modo como o Estado propõe que seja feito o trabalho de forma colaborativa. [1 resposta](#)

---

Muito distantes um do outro, pois da maioria das vezes essas formações não são realizadas por áreas, por disciplinas, como realmente deveriam ser, com oficinas, práticas pedagógicas onde poderíamos trocar experiências, da maioria das vezes num português bem claro, fazem só para encher linguça... [1 resposta](#)

---

A formação exige resultados, o que força a aprovação quase que compulsória, pois como só há análise de dados, e a reprovação é muito questionada, porém a aprovação nunca é, forçando a equipe docente realizar procedimentos para a aprovação independente da aprendizagem. [1 resposta](#)

---

As formações ofertadas são sempre boas, por empenho do técnico da disciplina, em fazer formações que contribuam para a melhoria da prática pedagógica. O que falta é investimento da SEED, em relação a contratar outros profissionais que pudessem trazer novas abordagens. [1 resposta](#)

---

Procuro informações, conhecimentos que possam melhorar minha metodologia no ensino aprendizagem, independente de participar dos cursos de formação. Essas formações são necessárias e devemos participar, pois estão diretamente relacionadas ao nosso trabalho. [1 resposta](#)

---

Em muitos casos a Formação é subjetiva, e não condiz com nossa realidade de sala de aula, tanto com relação ao perfil dos alunos quanto aos recursos disponíveis e tempo de preparo do material para essas aulas, inviável. [1 resposta](#)

---

As propostas de trabalho, em sua maioria, podem ser adaptadas a realidade de sala de aula e de cada escola. No entanto, nem sempre contribuem de forma efetiva com a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos [1 resposta](#)

---

Temos que buscar fora da escola cursos que nos proporcionam conhecimento para mudarmos nossa atuação em sala de aula, pois na maioria das vezes não enviam textos e querem que os respondam apenas. [1 resposta](#)

---

No dia a dia da sala de aula, a realidade é totalmente diferente, nem sempre conseguimos atingir o nosso objetivo, pois nosso aluno na grande maioria não tem nenhum interesse pelos estudos. [1 resposta](#)

---

Acredito que muitas vezes alinhada com a minha prática, percebo que este novo governo traz uma prática voltada para o pedagógico, como o nosso aluno aprende e isto tem feito a diferença. [1 resposta](#)

---

O meu trabalho em sala de aula é fruto do meu esforço, reforçado com a formação que recebo para a construção dos meus conteúdos para serem usados por meio do smartphone em sala de aula. [1 resposta](#)

---

Sempre aprendemos algo novo e diferente que podemos levar para a prática em sala de aula, melhorando e aprimorando nosso fazer docente visando a melhoria no ensino e aprendizagem. [1 resposta](#)

Nem sempre podemos utilizar o que foi repassado nas formações em função de falta de materiais e locais adequados, bem como falta de tempo para cumprir o planejamento ano/serie. [1 resposta](#)

Utilizo/adapto as diversas propostas apresentadas nos cursos em meu processo de Ensino; inclusive algumas das propostas tornam-se elementos contínuos em minha prática. [1 resposta](#)

Eu já faço um trabalho diferenciado para motivar as turmas, porem que percebo desmotivação, falta de compromisso por parte dos alunos e pouco retorno da família. [1 resposta](#)

Não consigo fazer relação acredito que essas formações poderiam ser mais didáticas e práticas para que tragam pontos relevantes a serem usados em sala de aula. [1 resposta](#)

As atividades práticas necessárias para o nosso dia a dia são pouquíssimas vezes trabalhadas nesses cursos. Muita teoria. Muito PTD. Aliás 2019 foi só PTD. [1 resposta](#)

Contribuí muito para repensarmos nossas praticas em sala, e procurar alcançar os alunos de forma que tenham maior interesse na obtenção de conhecimentos. [1 resposta](#)

A partir dos conteúdos que vou ministrar, me baseio nas propostas e estratégias ofertadas e desenvolvo de acordo com a realidade da escola e dos alunos. [1 resposta](#)

Como trabalhamos em equipe na escola, procuramos colocar em prática o nosso PPP, debatemos e organizamos o nosso plano de ação. Para nós funciona. [1 resposta](#)

De acordo com o conteúdo trabalhando, sempre procuro aplicar na medida do possível e da realidade do colégio. O que absorvemos nas capacitações. [1 resposta](#)

Infelizmente a formação muitas vezes não agrega muito, pois foca mais em teorias (que nós professores já temos) e não em práticas diferenciadas. [1 resposta](#)

Como tenho muita experiência, muitas vezes a formação não tem grande relevância, no entanto, contribuem muito para aprimorar meu trabalho. [1 resposta](#)

Formação sem relação com o trabalho que realizo em sala. A formação tem se pautado mais em assuntos pedagógicos. Muita coisa tem que melhorar. [1 resposta](#)

Aprendo o que "não devo" ou "não consigo" aplicar em sala de aula. Temas são totalmente "exóticos" à realidade do cotidiano em sala de aula. [1 resposta](#)

Minhas ações em sala de aula, em grande medida, são pautadas em bibliografia e pesquisa própria e não pela formação oferecida pela SEED. [1 resposta](#)

Utilizo cursos que não são ofertados pela SEED para atualização da minha área ou na área da educação para melhorar a qualidade das aulas [1 resposta](#)

Quando a formação é na nossa área sempre coloco em prática, mas quando os assuntos são diversificados, normalmente não se aproveita nada [1 resposta](#)

Na maioria das vezes não há uma relação. Novas ações/mudanças devem partir da direção e postas em prática pelo conjunto dos professores. [1 resposta](#)

Eu dou aula baseada em estudos e vivência com os colegas da área, a formação continuada não me ajuda muito na vivência em sala de aula. [1 resposta](#)

A meu ver a importância de reciclagem sempre, pois cada ano que passa o desafio de educar fica mais difícil, e para mim gratificante. [1 resposta](#)

Algumas ideias propostas são válidas, as de inclusão sempre oferecem algo, mas na minha prática pedagógica não contribui diretamente. [1 resposta](#)

Acho que há pouca formação para os docentes, a SEED necessita realizar mais formações presenciais e não apenas por conexão professor [1 resposta](#)

Sempre procuro na medida do possível colocar em prática o que vivencio no Curso de Formação em Ação com minha prática pedagógica. [1 resposta](#)

Normalmente a aplicabilidade do conteúdo estudado não ocorre, por ser inviável devido ao número excessivo de alunos em sala. [1 resposta](#)

Procuro me inovar, inclusive utilizando e experiências de Portais de destaque na formação docente e experimentação científica [1 resposta](#)

Pouca relação, a maioria dos cursos é teórica e não possuo tempo hábil/paciência para aplicar os extensos trabalhos práticos [1 resposta](#)

A formação em ação poderia trabalhar mais com a nossa realidade em sala de aula, nos proporcionando maior apoio e motivação. [1 resposta](#)

Sem relação. Sem perspectiva. Realidade em sala de aula totalmente diferente da "realidade" mostrada na formação continuada. [1 resposta](#)

A formação é teórica demais e não abrange os problemas encontrados em sala de aula de forma que ajude a melhorar a prática. [1 resposta](#)

O trabalho realizado não condiz com a formação, normalmente utilizo outros métodos de acordo com a necessidade da classe. [1 resposta](#)

Razoavelmente aplicável, pois nossa atuação em sala de aula é muito mais complexa e envolve diversos fatores extraclasse. [1 resposta](#)

Nas formações que tivemos foram apresentadas práticas pedagógicas, algumas delas eu utilizei em sala e outras não. [1 resposta](#)

Não é uma formação que vem ao encontro de minha prática pedagógica, não me auxilia no dia a dia do meu trabalho. [1 resposta](#)

Sempre que há encontros, trocamos experiências entre os professores e coloco em prática na sala de aula. [1 resposta](#)

Pouca relação. O que se observa é que a prioridade da gestão é a preparação dos alunos para a Prova Brasil. [1 resposta](#)

Minha prática depende de minha busca por metodologias e conteúdo que considero relevantes aos educandos. [1 resposta](#)

Sim, busco sempre estar atenta as novas informações tanto do palestrante como dos amigos de profissão. [1 resposta](#)

Como uma forma de cobrança, pois na maioria das vezes o que recebemos são números que devemos atingir. [1 resposta](#)

Não se pode dizer que nada é válido, sempre há algo que contribuí para melhorar a minha metodologia. [1 resposta](#)

Praticamente faço minha formação pedagógica sozinha, através dos cursos, mas vou fazendo durante o ano [1 resposta](#)

Às vezes contribui mais em pouco, as formações deveriam ser mais direcionadas para prática docente [1 resposta](#)

Converso com os professores que já participaram ou participam do curso para melhor conhecimento. [1 resposta](#)

A formação não tem contribuído para melhoria no desenvolvimento das atividades em sala de aula. [1 resposta](#)

Geralmente os temas abordados são de grande relevância para a preparação das minhas aulas. [1 resposta](#)

Quando é possível fazer essa relação, acho válido. Pois ideais novas são sempre bem-vindas. [1 resposta](#)

Participo sempre das formações em Biologia. Para nós, sempre há pertinência nas abordagens. [1 resposta](#)

Ainda há mais a oferecer, temos universidades que podem enriquecer com suas práticas. [1 resposta](#)

Parcialmente, algumas dá para colocar em prática outras faltam equipamentos, recursos. [1 resposta](#)

Procuro aproveitar ao máximo as orientações recebidas aplicando em sala de aula. [1 resposta](#)

Consigo ter novas ideias e melhorar minha didática para aplicar em sala de aula. [1 resposta](#)

Consigo me aperfeiçoar no quesito didática e conteúdo com as formações que faço. [1 resposta](#)

Ninguém fará um trabalho de excelência somente participando da Formação em ação [1 resposta](#)

Possibilidade de envolvimento com os demais professores. Troca de experiência. [1 resposta](#)

Realizo cursos extras não ofertados pela SEED para auxiliar na minha formação [1 resposta](#)

Tento aplicar o que foi transmitido nas formações com materiais diferenciados [1 resposta](#)

A formação continuada fica a desejar em relação ao trabalho de sala de aula. [1 resposta](#)

De maneira geral, todas as formações que participei, eu procuro implementar. [1 resposta](#)

Pouco, mas não contribui diretamente com a prática pedagógica e a realidade [1 resposta](#)

É necessário que nas formações fosse contemplada oficinas por disciplinas. [1 resposta](#)

Ainda falta uma maior conexão entre o que se repassa e a realidade escolar [1 resposta](#)

De todas as formas possíveis, se a formação servir para algum aprendizado [1 resposta](#)

Sempre ajuda em algo, porém poderia ser mais específico da disciplina. [1 resposta](#)

Procuro utilizar as práticas e as metodologia aplicadas com meus alunos [1 resposta](#)

Muito pouca relação. Fora da realidade da escola, sem especificidade [1 resposta](#)

---

Informações que podem auxiliar no dia para suplementar o conteúdo! [1 resposta](#)

---

Procuro aplicar o que aprendo adaptando a realidade da minha escola [1 resposta](#)

---

Sempre procuro me aperfeiçoar e melhorar minha prática pedagógica. [1 resposta](#)

---

Dependendo das condições e tempo utilizo o que recebo na formação. [1 resposta](#)

---

Geralmente os temas de formação não são muito aplicáveis em sala. [1 resposta](#)

---

Através de atividades práticas desenvolvidas na Formação em Ação. [1 resposta](#)

---

Através da prática diária das propostas apresentadas na formação [1 resposta](#)

---

A formação pouco contribui para minha pratica pedagógica diária. [1 resposta](#)

---

Dá para utilizar algumas coisas sim em minha prática pedagógica. [1 resposta](#)

---

Normalmente a uma troca de como se trabalha na sala de aula. [1 resposta](#)

---

Nem sempre a formação recebida condiz com a nossa realidade [1 resposta](#)

---

Sempre tento utilizar as atividades que recebo em formação. [1 resposta](#)

---

Repasse de conhecimentos atualizados e novas metodologias. [1 resposta](#)

---

Nenhuma relação, pois corro atrás do que preciso sozinha. [1 resposta](#)

---

Todas as práticas novas que são executáveis, eu utilizo. [1 resposta](#)

---

Eventualmente ela oferece algumas fontes interessantes [1 resposta](#)

---

Tento pôr em prática as teorias e técnicas ensinadas [1 resposta](#)

---

Procuro melhorar sempre a minha prática pedagógica. [1 resposta](#)

---

Aproveito algumas metodologias indicadas na formação. [1 resposta](#)

---

A formação contribui na minha prática pedagógica [1 resposta](#)

---

Busco integrar as propostas no plano de ensino. [1 resposta](#)

---

Temas repetidos...precisando ser atualizados... [1 resposta](#)

---

Muitas vezes este está fora de minha realidade. [1 resposta](#)

---

Tentando aplicar as atividades com os alunos [1 resposta](#)

---

Utilizando algumas oficinas em sala de aula. [1 resposta](#)

---

Usando parte das propostas em minhas aulas. [1 resposta](#)

---

A formação não colabora na prática docente. [1 resposta](#)

---

Nos leva a reflexão da prática pedagógica. [1 resposta](#)

---

Eu tenho que me virar conforme o que dá. [1 resposta](#)

---

Sempre que possível aplico o que aprendi. [1 resposta](#)

---

Sempre se aproveita algum conhecimento. [1 resposta](#)

---

Tento adaptar as práticas sugeridas. [1 resposta](#)

---

Raramente utilizada em sala de aula. [1 resposta](#)

---

Não tem grande relação entre elas. [1 resposta](#)

---

Não sei dizer. [1 resposta](#)

---

Atualizar as práticas de ensino. [1 resposta](#)

---

Aplico o que pode ser aplicado. [1 resposta](#)

---

Pouco ou quase nenhuma relação. [7 resposta](#)

---

Com aproveitamento moderado. [1 resposta](#)

---

Atualizando os conhecimentos. [1 resposta](#)

---

Mais atrapalha do que ajuda. [1 resposta](#)

---

Parcialmente parecido. [1 resposta](#)

---

Descontextualizada!!! [1 resposta](#)

---

Ajuda na sua maioria [1 resposta](#)

---

Estão em consonância [1 resposta](#)

---

Não tem nada a ver. [1 resposta](#)

---

Planejamentos, etc [1 resposta](#)

---

Contextualização [1 resposta](#)

---

Poderia melhorar [1 resposta](#)



Pouco utilizada. 1 resposta

---

Não relaciono. 3 resposta

---

Complementação 1 resposta

---

Algumas vezes 2 resposta

---

Pouco relação 4 resposta

---

Satisfatório. 2 resposta

---

Sim, sempre 1 resposta

---

Com certeza 1 resposta

---

Interligado 1 resposta

---

Divergente 1 resposta

---

Muito boa 1 resposta

---

Excelente 1 resposta

---

Relevante 1 resposta

---

Horrível 1 resposta

---

Razoável 1 resposta

---

Distante 1 resposta

---

Nenhuma. 2 resposta

---

Regular 1 resposta

---

Médio 1 resposta

---

Ótima 1 resposta

---

BOA 2 resposta

---

## Anexo 2 – Resultados da Entrevista (na integra).

Observação: O número de questões durante a entrevista pode ser maior ou menor que o estipulado previamente, visto que no calor do momento e receptividade de alguns professores foi considerado abordar mais ou menos questões, entretanto, isto não comprometeu o foco da pesquisa.

### **Entrevista: Professor(a) 1.**

Q1: A quantos anos você leciona/trabalha pela SEED?

cinco anos.

Q2: E qual que é a sua carga horária?

Entorno de trinta/quarentas horas (possui 20h de padrão e as demais são aulas extras).

Q3: Em quantas escolas você leciona?

Em dois colégios.

Q4: O que você entende por formação continuada?

Bom, deveria ser uma formação relativa ao trabalho desenvolvido na escola né.

Q5: Quais as principais contribuições da formação continuada neste modelo de Formação em ação que a Seed propõe aos professores de ciências?

No exercício do trabalho eu vejo assim, que pouco é aproveitado né, porque o que se tem e o que se desenvolve com os alunos não está muito relacionado com o que é proposto nessas formações.

Q6: E que qualidades você vê nesse formato de execução da formação e ação e quais os problemas que você identifica?

Como qualidade eu vejo a participação de todos os professores da área, a gente acaba se encontrando e trocando ideias e isto talvez seja positivo. Mas assim, problemas eu vejo no formato da forma em que ele é proposto por mídias digitais, a falta do material mais palpável né, e um preparo melhor também das pessoas que estão direcionando trabalho.

Q7: Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Não, porque não tem muito a ver com a realidade do colégio e também com a disciplina em si é um trabalho feito de modo geral né, que trabalha questão didática porém muito ampla, muito vaga, então não tem direcionamento específico.

Q8: E como que você relaciona o trabalho que realiza em sala com essa formação que você está recebendo? Existe alguma relação entre elas?

Olha, eu vejo que não, em parte deveria estar relacionada à formação do professor porém como não é específico não vejo uma forma de estar relacionando.

Q9: E o que você mais valoriza nas decisões em que toma na sala de aula, os seus anos de experiência ou as informações que você recebe nas formações?

São mais os anos de experiência mesmo que a gente tem no colégio e acaba tendo que se adaptar à medida que há uma necessidade.

Q10: Quanto ao material que é utilizado durante a “Formação em Ação” ele possui uma fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre as experiências de sala de aula ou em atividades interdisciplinares que você realiza?

Não, o material utilizado se o professor não tem o recurso tecnológico ele acaba não tendo esse material que está utilizando né, e como o assunto é bem amplo de forma geral para esse conteúdo ser aplicado em sala fica bem restrito uma vez que a intenção de é propor a utilização de tecnologia, porém, se a escola não tem esse recurso acaba ficando um trabalho perdido.

Q10.1: Nessas duas escolas em que você trabalha, você identifica diferenças quanto à questão social, questão econômica, o próprio prédio físico tem diferença?

Tem sim, até mesmo da região em que está localizado os colégios né, em relação aos alunos eu vejo que pode se dizer que há um padrão não tem muita diferença socioeconômica, a gente tem algumas dificuldades mas são pontuais, mas as escolas tem sim diferença na estrutura física com certeza.

Q10.2: Sobre esta formação, ela teria como trabalhar essas duas realidades escolar?

Deveria, se fosse organizada dentro de cada colégio e não sendo feita de modo geral a nível de Paraná para que todos sigam o mesmo roteiro, dessa forma não dá, mas se fosse direcionada e específica para cada colégio, sim, ai seria bem legal.

Q11: Você participou dos cursos de Formação em Ação nos anos de 2014 até 2018?

Sim.

Q11.1: E qual que é o motivo de sua assiduidade?

O cumprimento da carga horária e a questão da promoção também só por isso

Q12: De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Algumas propostas onde depende da estrutura física né aí a gente não consegue desenvolver então acaba dificultando porque eles tem que ficar arrumando meios e adaptações para criar uma forma de pôr em prática o que foi desenvolvido porém nem sempre isso é possível.

Q13: Quais são as lacunas deixadas então por esse modelo de “Formação” que você pode destacar? A gente vê que é uma formação é montada (preparada) de forma geral né não é não são verificadas as reais necessidades de cada instituição é muito menos também a questão da necessidade do professor em si enquanto disciplina né, então assim, eu vejo que acaba sendo uma proposta para seguir um contexto, mas de fato quanto a aplicabilidade fica complexo.

Q14: Após participar da “Formação em Ação” em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

A mudança é importante né mas assim, a gente tem sempre uma tentativa de trazer o melhor para nossos alunos mas isso ainda fica muito restrito a nossa disponibilidade e não a informação que foi proposta.

Q15: Como que você avalia a sua participação nessas formações?

Particípio sempre 100%, participo das rodas de discussões, a gente preencher os formulários, respondemos questionários, a gente discutir sobre o tema proposto, porém, a gente percebe que fica bem vago mesmo a aplicações esses formulários,

Q15.1: São obrigatórios?

São obrigatórios e depois eles são reescritos (transcritos), digitados para que seja enviado para alguma secretaria ou alguém que possa verificar se a gente atendeu a proposta.

Q16: Você saberia dizer quem prepara ou coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED? Considerando que é uma proposta geral, não tenho certeza mas deve partir da Seed mesmo né de um núcleo para cada deve haver um técnico de cada disciplina e deve propor essas atividades aí de forma geral, não é repassado nada para a gente, simplesmente existe o conteúdo para gente desenvolver.

## **Entrevista: Professor(a) 2.**

Q1: Você saberia dizer quem coordena os cursos de formação ofertados pela Seeed?

Não sei dizer, sei que é a liderança lá da Seed mas a pessoa específica não sei

Q2: E como que você avalia a sua participação nas formações que você já frequentou?

Às vezes satisfatória, gostei de algumas formações mas em algumas deixa muito a desejar Não traz não acrescenta você espera na formação algo legal que venha te trazer uma forma de melhor atuar em sala de aula de trazer novidades para o aluno e não tem novidades só conteúdos, dessa forma eu acredito que não não é muito vantajoso.

Q3: Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” do jeito que ela está sendo aplicado agora? Você identifica alguma qualidade?

Não, já anteriormente a anos atrás quando tinham algum cursos que o professor ia para a prática mesmo era bem interessante, hoje só da forma que está acontecendo, não.

Q4: Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Não todas. Não participei de todas pois sou PSS e nem sempre sou contratada no início do ano.

Q4.1: E você vê algum motivo para participar?

Acredito que seja interessante sim participar, principalmente nas do início do ano que a escola coloca suas políticas que a escola coloca como será questões de nota, de avaliações e outros combinados da escola, quando há alguma mudança no começo do ano, neste sentido acho importante ter reuniões.

Q5: E essa “Formação em Ação” como professora de ciências você tem alguma vantagem?

Ultimamente não, deixa muito a desejar. Os conteúdos de ciências raramente são aí contemplados durante esta formação.

Q6: Quanto ao material utilizado durante a Formação em Ação este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Muito pouco, é possível observar em algumas situações assim que é estudado dentro dessas formações é possível mas na maioria não.

Q7: De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Não contribui, na minha opinião ele não anda contribuindo, ultimamente eu não vejo contribuição e também não dificultam pois em muitas vezes os referenciais teóricos com o nosso trabalho em dia a

dia em sala de aula, é muito distante, acredito assim, alguém que não tenha aquela vivência em sala de aula, experiência em sala de aula e que planejou aquele referencial ali que não vai, que não encaixa.

Q8: Você considera que esses temas que são abordados contribui ou não para o seu trabalho e de que forma que isso ocorre as temáticas que são trabalhadas nessa “Formação em Ação”?

Olha vou te responder pela última reunião agora, por exemplo, na última reunião que nós tivemos não me contribuiu em nada, eu não consegui utilizar os referenciais teóricos trabalhados em sala de aula, não consegui, os trabalhados na reunião não consegui utilizar em sala de aula.

Q9: Quais são as principais lacunas que são deixadas então por esse tipo de formação?

Principais lacunas? O que me deixa a desejar? As principais dificuldades? Não sei dizer. (vamos passar para próxima então).

Q10: Como você avalia as formações ofertadas em relação às demandas da escola ela está relacionada? Atende de forma geral os alunos?

Não, de forma geral não. Ela atende alguns casos que você consegue identificar, por exemplo, esse assunto se encaixa dentro das necessidades de tal aluno, então não é um conteúdo para toda a comunidade escolar, ele vai conseguir ali atender alguns alunos e às vezes atende aquele aluno que não é o seu o seu grande problema ali mas que você vê que é um aluno que você precisa acompanhar de perto, que precisa da tua orientação, aí eu posso usar esse aluno e esse método com um aluno “X” mas a minha prioridade agora é fazer com que o outro aluno acompanhe junto, muitas vezes você tem que improvisar muito ali para conseguir sobre uma necessidade então especial que precisa de uma atenção especial, ele não recebe, não está ligado, então o direcionamento que ele precisa.

Q11: Em quais áreas ou assuntos você mudou o seu pensamento após participar de oficinas? Alguma coisa mudou dentro dos conteúdos da disciplina?

Muito, eu era muito conteudista então hoje eu tento trazer a disciplina para a vivência do aluno, do dia a dia para fazer as informações que eles podem ter, só que daí eu às vezes eu fico preocupada porque quando você não trabalha, quando você não cobra do aluno saber todos os conteúdos, as formas que você precisa utilizar a identificação das estruturas de ciências, sendo que você sabe que futuramente ele vai precisar disso, porque eu posso não cobrar mas o Enem cobra, então como que eu não vou cobrar, como que eu não vou fazer com que o aluno aprenda isso que muitas vezes a gente vê dentro das formações que o professor tem que ser acessível, não é isso que ele tem que saber que se ele não souber ele não vai ter um desenvolvimento legal e futuramente eles vão cobrar isso dele então essa é minha preocupação.

Q12: E como que você costuma relacionar o trabalho que você realiza na sala de aula com a formação que está recebendo? Que tipo de relação você faz?

Eu tento relacionar pensando muitas vezes na questão da educação especial, da inclusão, que é um dos temas que a formação trás, tentando incluir todo mundo ali, um dos temas que levantam.

Q13: O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação?

Na grande maioria das vezes é a experiência, a experiência ali do dia a dias, até a troca de informação com outros professores de quando você está trabalhando, como o que tem funcionado com ele, como que é aquela sala tem que funcionar, eu preciso desempenhar um serviço melhor ali, então, muitas vezes a troca de experiência entre outros professores a experiência da gente no dia a dia em sala de aula traz mais vantagens.

### **Entrevista: Professor(a) 3.**

Q1: Eu gostaria de saber a quanto tempo você trabalha para a Seed?

Trabalho para a Seed desde o ano de 2008.

Q2: Qual que é a sua carga horária e em quantas escolas você seleciona?

Minha carga horária de trabalho é de vinte horas e trabalho em apenas uma escola.

Q3: O que você entende como formação continuada?

Seria um curso que nos capacitaria e aumentasse um pouco mais os nossos conhecimentos para direcionar o trabalho durante o ano letivo.

Q4: Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela Seed?

Não.

Q5: Como que você avalia a sua participação nessas Formações?

Eu avalio de forma desmotivada, precária, péssima, porque infelizmente os cursos que a SEED nos oferta não condiz com a nossa realidade, não vem de encontro às nossas necessidades, eu acho totalmente inválido.

Q6: E você vê neste formato de execução da “Formação em Ação” alguma contribuição?

Nenhuma contribuição, nunca acrescenta nada além daquilo que a gente já sabe. A minha maior decepção foi quando eu entrei na escola no ano de 2008 e retomar pensamento que fazia 20 anos que eu não ouvia, e desde 2008 até agora nada mudou. Então para mim foi decepcionante eu ficar 20 anos afastada do meio escolar e 20 anos depois de formada voltar para escola e ver as mesmas coisas que eu via a mais de 20 anos atrás, então não tem contribuição nenhuma.

Q7: Quais seriam os principais problemas que você vê neste modelo de Formação?

Eu acho que quem prepara esses cursos não sabe a realidade de escola, quem prepara e quem oferece estas oficinas não conhece o rendimento escolar, não conhece as escolas do Paraná, não sabe quais são as necessidades que a gente enfrenta.

Q8: Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Justamente porque a gente não pode levar uma falta, simplesmente pela falta pela e presença que a gente não pode deixar de ter na nossa linha funcional.

Q9: Quais têm sido as principais contribuições da “Formação e Ação” neste modelo para o professor de ciências?

Uma única vez nós tivemos informação para que nós aprendemos a lidar com um microscópio e com a televisão na época da televisão pen-drive, tirando isso nada a acrescentar, nada daquilo além do que eu já sabia.

Q10: Quanto é esse material que é fornecido durante a “Formação em Ação”, ele possui fundamentação teórica e pedagógica que ajude a pensar sobre as suas expectativas em sala de aula, sobre atividades interdisciplinares relacionadas à escola?

Muito pouco, a única coisa que ajuda na interdisciplinaridade é com relação às etnias que estava pouco atualizada, com relação às tribos indígenas que eu também estava desatualizada, com relação à inclusão, então isso em uma parcela muito pequena veio contribuir, no mais, nada a acrescentar.

Q11: De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem ou dificultam o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Quando a gente pega o material para analisar com a realidade que nós vamos não batem os dados, não é a realidade, não bate, não contribui para que a gente venha a desenvolver um bom trabalho, a gente acaba ficando na mesma situação antiga e rodando em torno de nós mesmos, a gente tenta solucionar os problemas com aquilo que nós temos em mãos e não com aquilo que é ofertado para nós para melhorar nossa qualidade de trabalho.

Q12: Quais seriam então professora as principais lacunas deixadas por esse tipo de Formação?

Eu acredito que a principal lacuna seria a falta de informação, falta de informação com relação a comunidade escolar, de cada escola em cada região do estado do Paraná, a gente não pode se referir somente a uma escola mas em regiões e nós temos diversas regiões, diversas dificuldades.

Q13: Como que você avalia as formações ofertadas em relação à demanda das escolas ela atende de forma geral?

P3: De forma geral ela atende, de uma forma superficial porque ela não vai aprofundar, não vem acrescentar, mas atinge a todos os professores.

Q14: Em quais áreas ou assunto você mudou o seu pensamento após participar das oficinas? Em sua opinião como que deveriam ser esses cursos?

Esses cursos deveriam ser pensados na realidade de cada comunidade, cada região tem a sua dificuldade, a sua problemática o seu enfrentamento. Então, acho que teria que ser voltado para os núcleos regionais e os núcleos prepararem de acordo com a necessidade com que cada escola tem.

Q15: O que que influencia mais nas suas decisões dentro da sala de aula os seus anos de experiência ou as indicações sugestões desses cursos de Formação?

Usando de experiência e aquilo que aprendi lá para minha formação, porque não mudou o discurso é o mesmo de 30 anos atrás, até agora o discurso é o mesmo nada mudou. Existem algumas políticas sociais que deram certos que a gente sabe que deu certo e valeu a pena, mas, de uma maneira geral elas não contribuem para que melhore.

#### **Entrevista: Professor (a) 4.**

Q1: A quanto tempo você trabalha para a SEED?

Seis anos.

Q2: E qual é a sua carga horária atual?

Entre 20 e 40 horas (20 do padrão e 20 extra).

Q3: Quantas escolas você trabalha atualmente?

Neste ano em duas escolas.

Q4: O que você entende por formação continuada formação continuada?

Deveria ser uma capacitação em que nos ajudasse nas questões práticas do dia a dia dentro do desenvolvimento dos conteúdos teóricos e aplicados na realidade na vida dos nossos alunos, da nossa didática em sala, porém não é isso que acontece.

Q5: Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Eu vejo que esse modelo tem contribuído parcialmente, ele deixa a desejar porque trabalha muito a teoria e não nos ajuda praticamente em nada na prática, se fosse uma formação em que trouxesse prática de ensino, metodologias novas que agregassem um valor a nossa realidade eu acho que seria muito mais viável do que esses conteúdos que ficam apenas no âmbito teórico.

Q6: Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas?

A “Formação em Ação” é trabalhado apenas na forma teórica, eu acho que o que dificulta sistemas são bem distantes da nossa realidade né como professor eu acho que uma opção seria essas formações acontecerem por disciplinas é o que facilitaria muito e agregaria muito valor né a essa formação como ela é trabalhar numa maneira coletiva os temas também são trabalhados dentro do coletivo que fica vamos dizer assim muito superficial é a nossa formação.

Q7: Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Contribui, eu acho que pode ser aprimorado mas não é totalmente perdido, ele tem alguns temas como por exemplo o da Educação Especial que retira bastante dúvidas quanto como é avaliar ou como compreender as necessidades dos alunos mas existem pontos em que pode melhorar.

Q8: Como você relaciona o trabalho em sala de acordo com a formação que você está recebendo?

Algumas informações nós conseguimos e passar os alunos como por exemplo uma formação específica que nós tivemos no ano passado que falam sobre o código QRcode que a gente pode utilizar em mídias na educação, também foi uma formação que eu achei que contribuiu bastante e daí foi um tema que a gente conseguiu aplicar dentro da realidade em sala de aula e levar aos alunos a tecnologia.

Q9: O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação?

Um misto dos dois, mas com certeza os anos de experiência contam muito mais.

Q10: Quanto ao material utilizado durante a “Formação e Ação” ele possui uma fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre as suas experiências em sala ou em atividades interdisciplinares que você realiza?

Atividades interdisciplinares sim, mas nas atividades específicas da ciência/biologia somente aquele curso que é próprio da nossa disciplina, mas os cursos de formação continuada de semana pedagógica ele deixa a desejar no quesito específico da disciplina.

Q11: Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Sim. Obrigatoriedade. Claro que agrega algum valor, algum conhecimento, mas é mais pelo fato de contar para progressão dentro do plano de carreira.

Q12: De que modo esses referenciais teóricos que são trabalhados na ‘Formação em Ação’ contribuem ou dificultam o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Eles não contribuem como deveriam contribuir, alguns quesitos podemos atribuir, mas alguns ainda deixam a desejar. Alguns referenciais didáticos podemos colocar em prática mas ainda assim eu acho difícil, vamos dizer assim, transcrever a Teoria para a prática dentro da realidade da escola.

Q13: Neste modelo de “Formação em Ação” você destaca alguma coisa dele alguma contribuição em específico?

Alguns pontos, como eu disse, os da Educação Especial, tecnologias e mídias de educação achei positivo, acho que poderiam colocar mais nestes pontos.

Q14: Após participar da “Formação em Ação” quais áreas ou assuntos você mudou a sua forma de pensar através dessas disciplinas ou oficinas ministradas?

Após o curso de formação sobre a utilização de ferramentas na internet, ferramentas tecnológicas, eu passei a utilizar como por exemplo arquivos arquivados em nuvens, sites para direcionar os alunos, esses achei bem positivo, foi uma metodologia que eu apliquei aí a minha realidade.

Q15: Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Eu participo integralmente, não satisfeita, mas participo de todas as atividades e cumpro todas as aquelas propostas.

Q16: Você saberia dizer quem coordena ou quem prepara essas Formações?

Não sei dizer.

**Entrevista: Professor(a) 5:**

Q1: Quanto tempo você trabalha na SEED?

A mais de 5 anos.

Q2: Qual que é a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

Esse ano eu tenho 40 e trabalho em uma escola só.

Q3: O que você entende por formação continuada?

Um trabalho conjunto dos professores para melhorar o seu conhecimento, sobre o andamento das aulas, conteúdos.

Q4: Você saberia dizer quem coordena essas coisas de Formação que são ofertados pela Seed?

Acredito que seja o pessoal Secretaria de Educação que dá as ordens e só vem lá de cima para gente, em específico não imagino.

Q5: Como você avalia a sua participação nas formações em que você já participou?

Muito fraco, não tem muito o que fazer nessas formações, são entediantes e a gente acaba se desinteressando por que não é nada prático, nada que melhore nosso cotidiano na sala de aula e acaba ficando ruim, passando em branco.

Q6: Que contribuições você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas forma como ele é aplicado na sala de aula?

Não vejo praticamente qualidade alguma, devido justamente a área, este monte de texto falando de uma educação que o real de quem não está na sala de aula e com isso a gente acaba não fazendo nada com gosto e interesse.

Q7: Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Participei, seria realmente melhorar a prática em sala de aulas, melhorar cada vez mais a questão da qualidade das aulas e também pelas horas que a gente precisa completar e por ter esperança que vá ter algum curso válido.

Q8: Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

É muito difícil achar alguma coisa que contribua, acredito que não contribua. Na minha opinião.

Q9: Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Não, o material que a gente trabalha a gente não vem nem explicando nem de qual autor é, são os textos meio perdidos, quando ainda não, usa-se parte de DCEs, leis de educação, o que também fica muito teórico e nada na prática.

Q10: De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Eu acredito que contribuiria se fosse bem aplicado para os professores, se a gente pudesse desenvolver algum trabalho em sala durante essas formações mas acaba sendo ao algo totalmente insuficiente.

Q11: Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Eu acredito que se tivesse alguém da área específica de ciências trabalhando conosco e não vindo com alguma coisa engessada lá da SEED, mas sim a parte da vivência de cada professor em trabalhar melhores maneiras de práticas pedagógicas eu acredito isto ajudaria e muito.

Q12: Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Q13: Como você avalia as formações ofertadas em relação às demandas da escola? Atendem de forma geral?

Eu acredito que não, sempre vem pronta para todas as escola e não em específico para cada comunidade por exemplo.

Q14: Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Nenhuma, infelizmente.

Q15: Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Eu acredito que com os profissionais, os professores que desenvolvam este tipo de trabalho, para passar para nós opções diferentes de trabalho, prática diferentes, reflexivas, e não do jeito que é.

Q16: Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Não costumo fazer nenhum tipo de relação. Infelizmente.

Q17: O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

Com certeza são os anos de experiência em sala de aula, porque é com a prática,

#### **Entrevista: Professor(a) 6:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?

8 anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

40 horas, trabalho em duas escolas

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

Penso que seria o momento de aprimorar os conhecimentos avançar nos conteúdos trocar ideias com os colegas.

Q4 - Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED? Quem? atividade vem pronta quem é a pessoa específica não.

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Eu acho eu não acho que que é boa a participação eu até faço as atividades mas eu não vejo muito rendimento depois da formação fica ali naquela discussão mas que eu vejo objetivo

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas? É algo meio que para cumprir tabela, para dizer que não tem qualidade.

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Eu participei mas a participação meio que ela é obrigatório porque ela é um dia de trabalho então nós temos que por ser um dia letivo é obrigatório estar presente

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Olha que eu me recordo acho que foi uma ou duas que nós tivemos uma formação que valeu a pena que foi algum laboratório que foi feito que teve algumas dinâmicas algumas coisas diferentes que a gente pode fazer na escola inclusive levei para escola alguns experimentos mas fora só presta uma vez não vejo assim

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Não não acho é o material assim que a gente preenche só para cumprir o protocolo

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Na verdade eu acho que eles não influenciam eles nem favorecem nem dificulta é totalmente diferente o meu trabalho em sala

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho?

De que forma isto ocorre?

no Conteúdo de ciências e biologia não, raramente.

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Eu acho que deveria ter mais troca de experiências pessoas mais capacitadas que sugerissem como trabalhar determinados assuntos ideias leitura de textos né

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Não atendem, não são para todas as escolas.

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Eu acho que teve uma oficina que me ajudou que foi na área de educação especial que aí me auxiliou assim a compreender um pouco mais mas específico não me recordo de nada de ciências ou biologia

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

(professor/a gesticulou com as mão em sentido de também não saber.

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Desconectado, não tem conexão.



Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

Os meus anos de experiências e cursos que foram feitos fora do Estado, é que eu tive outros cursos.

#### **Entrevista: Professor(a) 7:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?

8 anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

Eu tenho padrão de 20 horas geralmente pego algumas aulas extras extraordinárias não passa de 10. Quantas escolas aí depende né, para fechar um padrão geralmente três escolas se tiver aula extraordinária quatro escolas, eu já dei aula em quatro escolas diferentes para poder completar o padrão.

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

Deveria ser um momento Deveria ser um momento né de outros professores pudessem tirar suas dúvidas né quando os professores pudessem contar suas experiências de anos anteriores Mudar o que precisa ser mudado só que a teoria tudo muito bonito né O problema é a prática na prática a gente Sinceramente não vê resultado nenhum

Q4 - Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED?

Alguém que nunca entrou numa sala de aula né Porque não é possível né, o curso teoricamente são bonitos mas para gente colocar em prática . . Não tem lógica né então isso é o problema é o que eu penso

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Olha algumas formações nossos tivemos uma específica direcionada para um para uma aluna que era cega e nós fizemos nós nos colocamos no lugar da aluna e vivenciamos a situação a dificuldade que ela teve no colégio tanto de locomoção quanto de aprendizado mesmo e assim eu acho que foi uma das melhores formações que a gente fez né foi integração total e É pratica mas fica escutando vídeo né ficar lendo documentos para não chegar nada para mim não tem lógica

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas?

Olha qualidade sinceramente desse Deixa a desejar muito né os problemas são isso né Parece que quem elabora não não não sabe o que se passa numa sala de aula você vê que a carga toda fica em cima do professor mas a preocupação não é o aluno Eles não estão vivenciando o que tá acontecendo com aluno em sala de aula né O problema que a gente está enfrentando as dificuldades infelizmente é isso né entra ano e sai ano acho que o modelo de Formação continua basicamente o mesmo com poucas exceções a gente teve palestras excelentes né então a gente também tem que elogiar também algumas coisas né mas vou dizer mais de 50% a gente acaba não aproveitando na prática

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Sim, todos.

Olha Vale como carga horária né você não pode faltar aí você é obrigado a frequentar né então você não não tem outra opção agora se fosse realmente eu acho que isso desce alguma tarefa para eu fazer em casa né alguma coisa prática que eu pudesse ficar na sala de aula seria mais proveitoso

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Auxílio na confecção do plano de nivelamento né uma coisa também com a situação da escola situação todos os anos eles informam né frequência escolar como que tá o Ideb né isso é importante porque a gente também se prepara melhor né para anos que virão né então a gente ver algumas coisas positivas sim

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Olha alguns materiais sim A grande maioria sinceramente acaba se perdendo por que são materiais assim é um pouco cansativo né para ler e não refletem a realidade né das nossas das nossas escolas dos nossos alunos

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Foi o que eu já falei né esses referenciais tem a vantagem que assim, você tem unificação né, no conteúdo, então o aluno que vem de fora ele vai ter, espera-se que tenha, o mesmo conteúdo que ele

vai tá tendo aqui né Então essa unificação é importante né seguir diretrizes você tem um Norte para seguir, então acho que é mais fácil para você depois montar um plano de aula né

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Então na teoria é tudo muito bonito né, é tudo muito válido agora aplicar tudo que eles querem sala de aula é impossível né, você realizar todas as provas que eles pedem, fazer nivelamento porque eles não levam em consideração muitas vezes ou o interesse do aluno né, você ver que eles não estão aprendendo, não está aprendendo porque? Qual o problema do aluno?então eles botam a carga vai ser só o professor né, e o professor tem que despejar aqui nos alunos, só que infelizmente os alunos né A grande maioria não tá interessado

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Não atendem.

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Olha, essa prática que nós tivemos com esta aluna cega Mudou muito nossos conceitos né, voltou o olhar para as pessoas com deficiências, no caso dos autistas também que a gente tem em sala de aula né, os alunos com laudo que tem uma grande dificuldade, isso já foi abordado também em muitas formação em Ação, então Isso mudou muito a minha maneira de ver essas pessoas né, de poder ajudar mais em sala de aula também, só que a gente tem 40 alunos numa sala de aula né então não tem alunos totalmente diferentes não tem muitas vezes como você não é direcionar o que deveria ser né para alguns alunos só

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Olha eu eu eu penso assim que deveria ser mais prático né falar um pouco da teoria e passar para a prática por que na prática você consegue aplicar um melhor resultado né então eu acho que eles deveriam não ficar tanto na teoria né e partir logo para prática para aplicação de todo esse conteúdo mesmo

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Não tem relação.

Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

Aaaah meus anos experiência né conteúdo do livro também a gente procura seguir sempre né mas a formação é claro a gente tem que ir né tem que estar seguindo algumas regras ao nivelamento tudo né mas como é colocado não tem como você aplicar né porque se você vai ficar o ano inteiro nivelando eu acho que essas provas também acabam atrapalhando muito nosso conteúdo e aí disse que hora que você termina com enorme no final do ano você não dá conta né justamente por causa dessas desses entraves.

### **Entrevista: Professor(a) 8:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?  
quinze anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?  
tenho um padrão de 20 horas e Estou em duas escolas

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

Eu entendo assim formação continuada de preparar o professor para vida escolar né durante o ano o que acontece na minha opinião

Q4 -Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED?  
Não.

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?  
Boa. Participo de todas.

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas?  
Qualidade do meu ponto de vista sim não é o que eu gostaria de ouvir, não é o que eu gostaria para nós.

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Participei de todas. Por que tem que participar né, é obrigatório.

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Olha eu acho que não contribui muito, no caso esse momento que nós estamos aqui (formação) poderíamos estar trabalhando outras coisas como por exemplo o plano de trabalho né, o que eu vou trabalhar durante um ano e não nivelamento de alunos.

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Sinceramente não.

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Mais ou menos.

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Muito pouco. Na maioria das vezes não aproveitamos nada.

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Eu acho que eles poderiam nos capacitar como realmente trabalhar com os alunos, principalmente porque eles enfocam os alunos que dão problemas e acabam esquecendo os alunos que vem para a escola para realmente estudar, eles podiam também priorizar estes alunos

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Mais ou menos, eu acho, eu sei que tem algumas coisas que eles falam aqui que dá para aproveitar, mas nem tudo podia ser melhor podia comer eu disse assim voltado para planejamento ou até mesmo a capacitação capacitar mesmo você de tanta diversidade de alunos que tem na sala de aula podiam nos capacitar para como agir com estes alunos

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Muito tempos atrás participei de uma oficina sobre alunos com alguma deficiência, então eu tive um olhar diferente de como tratar estes alunos, mas foi só também

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Então, é o que como te falei. Deveria nos capacitar, nos preparar para a realidade das escolas.

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Na realidade você tem que relacionar né, mas a realidade é que é bem diferente disto aqui que eles apresentam.

Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

As minhas experiências e as experiências que compartilho com outros colegas

### **Entrevista: Professor(a) 9:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?

Dezoito anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

Esse ano 33 horas em duas escolas

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

Continuada? alguma coisa que tem uma continuidade sempre, que está sempre renovando conhecimento, material. Na verdade até auto estima professor.

Q4 -Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED?

Os próprios pedagogos da escola e quem prepara é o próprio pessoal, supervisores do núcleo.

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Uma participação insignificante, poderia ser muito melhor.

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas?

Um dos pontos positivos é que você tem um para se reunir com meus colegas de áreas, disciplinas, de escola, coisa que raramente acontece.

E as dificuldades é que não tem inovação, são sempre as mesmas coisas, são sempre os mesmos papéis, que a gente preenche, que a gente responde e que nunca muda, não tem e não responde a nossa necessidade, nunca, nunca.

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Sim.

Geralmente pela carga horária em que eles impõem para gente que é uma das formas de conseguir uma progressão que está ligado ao rendimento de salário. Em contra partida também, você vai na expectativa de que “esse” ano vai ser diferente.

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Nada. Quase nenhuma.

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Sim. O material ajuda você pensar, ajuda a ver onde você erra, só que não trás pra gente um respaldo, como fazer, como posso melhorar. Só é cobrança, eles dizem “aqui ta errado” mas e daí? Como posso melhorar e não responde estas questões.

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Na verdade dificulta, por que você fica sobrecarregada de cobrança, achando que você tá fazendo tudo errado e o que vem da SEED? uns videos, uns áudios que as vezes você mal consegue entender o que aquela pessoa tá falando ai a unica coisa que você consegue saber é que você não ta fazendo legal, que você tem que melhorar. Mas tá, vou melhorar em que? Vou partir da onde? Vou para onde?. É sempre a mesma coisa.

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Os temas sim, são interessantes, são propícios, só não mostra o caminho a seguir, mas os temas são interessantes.

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

A prática. É muita teoria para pouca prática. Seria de muita utilidade se tivessem oficinas com pessoas capacitadas mesmo na área de ciencias, pra ensinar pra gente aquilo que as vezes voce deixou de aprender na faculdade ou que você aprendeu faz muito tempo e que agora é uma outra realidade na sala de aula e você precisa aprender a trabalhar de novo nesta realidade.

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Ruim.

Não atende. Jamais.

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

No assunto inclusão. Eu já mudei bastante o meu “pré” conceito.

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Com muita prática, com pessoas capacitadas na área e com treinamento mais individual, pra ouvir a dificuldade de cada professor, porque cada escola tem uma realidade diferente.

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Na verdade, eu ignoro. Por que a minha sala de aula é uma coisa e o meu curso é outro.

Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

#### **Entrevista: Professor(a) 10:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?

Vinte e sete anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

Quarenta horas. Uma escola.

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

É a formação que acontece através dos cursos para aprimorar os nossos conhecimentos.

Q4 -Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED? Quem?

A secretaria de educação, os técnicos.

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Fico perdida, eu acho que tudo é jogado para nós, não é, não há uma coordenação certa.

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas? Olha, não vejo qualidades. Ruim. Por que elas são impostas, é pouco tempo, são jogadas para nós, é muita desinformação.

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Sim.

Por que era obrigado a participar.

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Nenhuma contribuição.

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Não. Eu acho que tinha que ser por disciplina e em outros moldes, não desta forma.

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

São materiais que já vem pronto, não é uma construção, o que dificulta.

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Não. Tá faltando ser por área, ter coisas coerentes e não ser jogada pra nós igual está sendo feita.

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Não. Não atende de forma geral.

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Em nenhuma área.

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Deveriam ser oferecidos por área e as pessoas virem preparadas, sabendo o que elas estão falando, não com desinformados, onde cada pessoa fala uma coisa e é muita confusão.

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Na verdade não tem muito o que relacionar. Não dá.

Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

Os anos de experiências e de indicações, trocas de experiências com os colegas de trabalho e não propriamente do curso.

#### **Entrevista: Professor(a) 11:**

Q1 - A quanto tempo você trabalha para a SEED?

Vinte e seis anos

Q2 - Qual a sua carga horária e em quantas escolas você leciona?

Vinte duas horas com hora atividade e em uma escola só.

Q3 - O que o você entende como Formação Continuada?

Então seria um programa que pudesse, pelo próprio nome né, dá uma continuação ou uma continuidade ao que a gente já aprendeu na nossa formação, a nossa faculdade, mas que contrapusesse ao aos problemas que a gente tem dentro da escola, uma sequenciação né, um sequenciamento de um trabalho que é feito dentro da escola.

Q4 -Você saberia dizer quem coordena esses cursos de Formação ofertados pela SEED? Quem?

Bom, eu acho que tem alguém haver com a Superintendência da secretaria, deve ter uma alguma coisa ali, agora nomes, não faço ideia.

Q5 - Como você avalia sua participação nas formações que participou?

Olha, neste tempo que eu trabalho no magistério eu vejo que existem muitas discussões sobre vários problemas que a gente passa na escola, mas que sempre a gente acaba discutindo as mesmas coisas e é feito esta discussão mas nada mudou muito, na prática a coisa continua praticamente igual.

Q6 - Que qualidades você vê no formato da execução da “Formação em Ação” e quais os problemas? Eu não acho que seja uma boa qualidade, há muitos anos atrás a gente tinha outras formações com outros tipos de profissionais e isso na época era mais eficaz, eu acho que a gente aprendia muito mais

a lidar com situações diferentes, então essa falta de um profissional que possa dar uma orientação maior durante as formações eu acho que é um dos maiores problemas que a gente enfrenta.

Q7 - Você participou dos cursos de Formação Continuada (Formação em Ação) de Professores nos anos de 2014 até 2018? Por qual motivo/objetivo você participa assiduamente ou se ausenta destas formações?

Participei.

Bom, eu participo por ser uma imposição e porque a gente precisa dessas horas, infelizmente, dessa quantidade de horas para poder ter as nossas elevações.

Q8 - Quais têm sido as principais contribuições da Formação Continuada no modelo “Formação em Ação” como professor de ciências?

Dentro do que eu já trabalhei, do que eu já estudei, que eu participei de reformulações de planejamento de ciências, eu vejo que ficou um planejamento não muito eficaz porque acaba gerando muita mudança de conteúdos de um ano para outro de um professor para outro.

Q9 - Quanto ao material utilizado durante a “Formação em Ação”, este possui fundamentação teórica e pedagógica que lhe ajude a pensar sobre suas experiências em sala e/ou em atividades interdisciplinares realizadas nas escolas? Justifique:

Bom, quando eles apresentam o material para a gente nos percebemos que tem fundamentação teórica ali, mas daí otimizar essa fundamentação diretamente nas nossa atividades eu não acredito que aconteça, pelo menos de forma eficaz, não.

Q10 - De que modo os referenciais teóricos trabalhados na “Formação em Ação” contribuem (ou dificultam) o desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula?

Eu acho assim, essas teorias que são “embaladas” e trazidas pra gente, elas não contribuem muito com o trabalho que a gente tem na sala, existe uma grande dificuldade de aplicar esse tipo e referencial teórico.

Q11 - Você considera que os temas abordados contribuem para o desenvolvimento do seu trabalho? De que forma isto ocorre?

Então, os temas que são abordados, eles são temas necessários para a gente discutir mas eu acho que muitas vezes nestas discussões a gente fica só discutindo o problema e dificilmente a gente consegue soluções para estes problemas.

Q12 - Quais são as principais lacunas deixadas por este tipo de Formação?

Talvez o modo assim da gente atuar, como posso dizer, é muita teoria e não se ensina tanto isto na prática, como a gente poderia lidar com certas situações na prática.

Q13 - Como você avalia as formações ofertadas em relação as demandas da escola? Atendem de forma geral?

Não. Olha, se eu for falar da avaliação destas formações, algumas você vê quando fala por exemplo de violência na escola, este é um tema importante da gente estar sempre falando com os alunos com os colegas. Mas eu acho assim, acaba se generalizando as situações que deveriam ser discutidas e aquela especificidade da escola acaba ficando à deriva.

Q14 - Em quais áreas ou assuntos você mudou seu pensamento após participar das oficinas?

Bom, como eu disse, a gente não tem muito como fugir destas oficinas, né, a gente tem uma certa imposição pela secretaria para ser feito e uma necessidade no que se refere a horas de estudo e formação.

Q15 - Em sua opinião, como deveriam ser os cursos fornecidos?

Como eu disse anteriormente, eu acho que um trabalho com alguns profissionais mais direto á nós como psicólogos, até a polícia militar, eles trabalhando com a gente em certas situações que podem ocorrer dentro da escola, qual é o direcionamento que a gente deveria ter em uma situação desta, agora, psicólogo seria imprescindível tanto para lidar com os professores com lidar com os alunos.

Q16 - Como você costuma relacionar o trabalho que realiza em sala de aula com a formação que está recebendo?

Em alguns casos, como eu disse, se surgir situações em que você precisa debater, uma formação que tem a ver por exemplo nas oficinas que são da nossa disciplina, muitas vezes a gente acaba utilizando isto em sala de aula, reproduzindo.

Q17 - O que influencia mais nas decisões que toma em sala de aula: seus anos de experiência ou as indicações/sugestões dos cursos de formação? Por quê?

Os meus anos de experiência, porque eu vejo assim, a gente tem conversa com alguns colegas, grupos que a gente troca ideias, mas a experiência que a gente vai ganhando no decorrer dos anos eu acho que é o que mais conta, porque é uma coisa que depende só de você, agora indicações e sugestões de outros colegas, a gente quase não se encontra, as oficinas deveriam ser por disciplinas, ser mais assídua com mais oficinas neste sentido.

